



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia**

Márcia Batista dos Santos

**Torcidas Organizadas de Futebol:
um estudo sobre os impasses da lei em
tempos de violência e anomia**

**Twisted Ones Organized of Soccer: a
study about the impasses of the law, in
violence and anomie times**

Fortaleza - Ceará

Universidade de Fortaleza - UNIFOR

2009

Márcia Batista dos Santos

**Torcidas Organizadas de Futebol:
um estudo sobre os impasses da lei em
tempos de violência e anomia**

**Twisted Ones Organized of Soccer: a
study about the impasses of the law, in
violence and anomie times**

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Fortaleza - CE

Universidade de Fortaleza - UNIFOR

2009

S237t Santos, Márcia Batista dos.
Torcidas organizadas de futebol : um estudo sobre os impasses da lei em
tempos de violência e anomia / Márcia Batista dos Santos. - 2009.
142 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Fortaleza, 2009.
"Orientação: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro."

1. Violência – Aspectos psicológicos. 2. Torcidas organizadas. 3. Anomia.
4. Psicanálise. 5. Laço social. I. Título.

CDU 159.9:316.647.3



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Mestrado em Psicologia
Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade

Dissertação intitulada "Torcidas Organizadas de Futebol: um estudo sobre os impasses da lei em tempos de violência e anomia", de autoria da mestranda Márcia Batista dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro – UNIFOR – Orientador

Prof. Dra. Marta Gerez Ambrerín – Universidad Nacional de Tucumán

Prof. Dra. Preciliana Barreto de Moraes – UNIFOR

Fortaleza, 18 de dezembro de 2009

Visto: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

Este trabalho é dedicado a três pessoas especiais.

À memória de duas pessoas queridas que partiram durante meu percurso no mestrado: Walfredo Batista (meu tio), expressão de constante alegria, e Pr. Helnir de Melo Cortez, homem íntegro e amoroso.

Dedico também à minha irmã Ana Batista como expressão de minha admiração à sua incansável arte de aprender-ensinar e em gratidão pelo incentivo e apoio dado em todo tempo.

Agradecimentos

A Deus, por me permitir esta caminhada...

À minha família, pelo apoio contínuo.

Aos professores, na pessoa do meu orientador Prof. Henrique F. Carneiro, por abrirem caminhos para novas construções do saber.

Ao LABIO (Laboratório sobre as novas inscrições do objeto), espaço de discussão e construção permanentes.

Aos muitos amigos, pelo apoio, cuidado e ajuda no tempo certo.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

Aos sujeitos da pesquisa, pela beleza e riqueza do material com que vocês me presentearam.

RESUMO

A dissertação trata do tema violência, no contexto das torcidas organizadas de futebol, frente aos impasses da lei, em tempos de anomia. Tem como objetivo geral investigar a manifestação da violência nas torcidas organizadas de futebol e a relação que estabelecem entre o discurso vigente e a lei. Os objetivos específicos são: a) analisar a relação que as torcidas organizadas estabelecem com a lei; b) investigar o processo de mudança do laço social entre os torcedores que passam da ordem à violência; c) identificar as causas que torna a torcida organizada um espaço escolhido para cometer atos violentos contra o próximo. O estudo é conduzido à luz da Psicanálise com ênfase na leitura de Freud e Lacan e de outros autores contemporâneos, em diálogo com autores da Filosofia e da Sociologia. É uma pesquisa que utiliza a entrevista, do tipo semi-estruturada, como técnica de campo, norteadas por tópicos-guia. O trabalho de campo foi realizado com seis torcedores ligados às duas maiores torcidas organizadas de uma capital brasileira. Trabalhou-se com três categorias teóricas *a priori*: laço social, lei e violência, e a categoria organização emergente do campo. Nos resultados são apresentados os seguintes temas como representantes do material analisado: a) Laço social (vínculos; sentimentos; pertencimento e identificação); b) Lei (relacionamento e papel das autoridades; ilegalidade; poder paralelo; controle e punição); c) Violência (banalização; territorialização, contexto social e mídia); d) Organização (recursos humanos e materiais; divisão do trabalho e hierarquia, estratégias; lucratividade e mais-valia). Nas considerações finais conclui-se que a violência, embora negada como objetivo dentro das torcidas, aparece camuflada, diluída nos movimentos internos. A relação que as torcidas organizadas parecem estabelecer com a lei sugere uma forma anômica a qual tem tomado aspectos diversos, desempenhando um constante estado de suspensão com a justificativa de atender a necessidades particulares dos sujeitos sociais. E, por fim, uma subversão do laço se estabelece, num contexto em que as escolhas subjetivas apresentam-se empobrecidas e os imperativos de gozo sobressaem-se, onde, conseqüentemente, a passagem ao ato se faz presente chegando a ser considerada como uma espécie de troféu.

Palavras-chave: Violência; Lei; Laço Social; Anomia; Torcida Organizada; Psicanálise.

ABSTRACT

The dissertation deals with violence as theme, in the context of the twisted ones organized of soccer, front to the impasses of the law, in anomie times. The paper has objective generality to investigate the manifestation of the violence in the twisted ones organized of soccer and the relation that establish between the effective speech and the law. The specific objectives are: a) to analyze the relation that the twisted ones organized establish with the law; b) to investigate the process of change of the social bond between the fans soccer that pass of the order to the violence; c) to identify the causes that the twisted one becomes organized a chosen space to commit violent acts against the next one. The study it is lead to the light of the Psychoanalysis with emphasis in the reading of Freud and Lacan and other contemporaries authors, in dialogue with authors of the Philosophy and Sociology. The research was carried through with six soccer fans to the two organized twisted of a Brazilian capital. One worked with three categories a priori: social bond, law and violence, and an emergent category of the field: organization. Amongst the results, the following subjects for each category are had: a) Social bond (bonds; feelings; belonging and identification); b) Law (relationship and paper of the authorities; illegality; to be able parallel; control and punishment); c) Violence (trivial things; territory, social context and media); d) Organization (human resources and material; division of the work and hierarchy, strategies; profitability and more-value). As final results, it is distinguished that the violence, even so denied as objective inside of the twisted ones, appears camouflaged, diluted in the internal movements. The relation that the twisted ones organized seem to establish with the law suggests a form anomic which has taken aspects diverse, playing one been constant of suspension with the justification to take care of the particular necessities of the social subjects. Finally, a subversion of the bond if establishes, in a context where the subjective choices are presented poverty and the joy imperatives are more evident, and consequently, the passage to the act is present even considered a trophy.

Keywords: Violence; Law; Social Bond; Anomia; Twisted organized of soccer; Psychoanalysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Motivos de entrada nas Torcidas Organizadas.....	81
Figura 2 – Mudanças nas Torcidas Organizadas, na visão dos sujeitos....	84
Figura 3 – Temas Categoria Laço Social.....	87
Figura 4 – Temas Categoria Lei.....	96
Figura 5 – Temas Categoria Violência.....	106
Figura 6 – Temas Categoria Organização.....	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados numéricos sobre violência em eventos futebolísticos no mundo.....	21
Quadro 2: Dados numéricos sobre violência em eventos futebolísticos no Brasil entre 1992-2008.....	21
Quadro 3: Caracterização dos sujeitos de pesquisa.....	77
Quadro 4: História da entrada dos sujeitos nas torcidas organizadas.....	82
Quadro 5: Mudanças nas torcidas organizadas, na visão dos sujeitos.....	84
Quadro 6: História da saída dos sujeitos das torcidas organizadas.....	86
Quadro 7: Categoria Laço Social – Vínculos permitidos e proibidos.....	88
Quadro 8: Categoria Laço Social – Sentimentos.....	90
Quadro 9: Categoria Laço Social – Pertencimento e Identificação.....	91
Quadro 10: Categoria Lei – Relacionamento e papel das autoridades.....	98
Quadro 11: Categoria Lei – Ilegalidade.....	99
Quadro 12: Categoria Lei – Poder paralelo.....	100
Quadro 13: Categoria Lei – Controle e Punição.....	102
Quadro 14: Categoria Violência – Banalização.....	108
Quadro 15: Categoria Violência – Territorialização.....	110
Quadro 16: Categoria Violência – Contexto Social.....	112
Quadro 17: Categoria Violência: Mídia.....	113
Quadro 18: Categoria Organização – Recursos Humanos e Materiais.....	120
Quadro 19: Categoria Organização – Divisão do Trabalho e Hierarquia.....	121
Quadro 20: Categoria Organização – Estratégias.....	122
Quadro 21: Categoria Organização – Lucratividade e Mais-valia.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – A LEI E SEUS IMPASSES DIANTE DA VIOLÊNCIA CONTEMPORÂNEA.....	28
1.1 Lei despoticizada e a violência.....	35
1.2 O gozo e a lei.....	44
CAPÍTULO 2 – RELAÇÕES ANÔMICAS E SUAS INTERFERÊNCIAS NO LAÇO SOCIAL.....	52
2.1 A Dinâmica dos Laços Sociais a partir de relações anômicas.....	52
2.2 Laço social desagregado.....	60
2.2.1 O próximo.....	61
2.2.2 Os laços sociais e o Discurso do Capitalista.....	64
CAPÍTULO 3 – A PESQUISA APLICADA: campo, análise e discussão dos dados	73
3.1 Sobre o campo.....	75
3.2 Análise e discussão.....	81
3.2.1 A história dos sujeitos com as torcidas organizadas.....	81
3.2.2 Sobre o Laço Social.....	87
3.2.2.1 Análise categoria laço social.....	88
3.2.2.2 Discussão categoria laço social.....	92
3.2.3 Sobre a Lei.....	96
3.2.3.1 Análise categoria lei.....	97
3.2.3.2 Discussão categoria lei.....	103
3.2.4 Sobre a Violência.....	106
3.2.4.1 Análise categoria violência.....	107
3.2.4.2 Discussão categoria violência.....	114
3.2.5 Sobre a Organização.....	118
3.2.5.1 Análise categoria organização.....	119
3.2.5.2 Discussão categoria organização.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	136
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa é a violência no contexto das torcidas organizadas de futebol frente aos impasses da lei, em tempos de anomia. No contexto atual, em particular na realidade brasileira, o tema violência nos envolve amplamente. Está na linguagem das ruas, no cotidiano de cada um de nós, tornando-se uma referência diária, em que até a decisão sobre a circulação em vias públicas vem antecedida por uma reflexão sobre o trajeto e horário propiciadores de uma sensação de segurança, numa tentativa imaginária de aplacar a angústia.

Com um olhar direcionado às torcidas organizadas de futebol, buscamos, nesta pesquisa, interrogar em nome do que a violência se manifesta nestes espaços, e como a lei tem operado enquanto referencial norteador no estabelecimento das relações, neste contexto social específico.

Estabelecemos a teoria psicanalítica como referencial teórico de base, com ênfase na leitura de Freud e Lacan, em diálogo com outros autores contemporâneos, tais como: Birman (2006), Dor (1991), Valas (2001) e outros. Apresentamos também as considerações de teóricos de outras áreas do conhecimento, transitando desde a filosofia, com Agamben (2004), até à sociologia, com Durkheim (1977) e Bauman (2007), dentre outros.

O interesse por este estudo se origina dos constantes relatos de casos de violência, veiculados pelas mídias impressa, televisiva e eletrônica, ocorridos no contexto dos eventos esportivos de futebol e de suas respectivas torcidas organizadas, chamando atenção de que as brigas nem sempre estão

circunscritas a situações entre torcidas opostas, mas também ocorrerem entre torcedores de um mesmo time (Carneiro, Lima & Santos, 2007).

O discurso da mídia enfatiza o aumento de episódios envolvendo violência no entorno do fenômeno esportivo, e isto vem ganhando cada vez mais notoriedade na sociedade. O excesso na tematização da violência tem implicado em permanente mal estar no imaginário coletivo, dada à vulnerabilidade que parece se tornar dominante, repercutindo assim na formação dos laços sociais que se estabelecem a partir deste referencial. A aparência de fato rotineiro com que a violência tem sido veiculada reforça a banalização no tratamento do tema, arrefecendo assim as possibilidades de um tratamento mais crítico do fenômeno, como sugere Pimenta (2000):

A violência vem ganhando parte significativa na agenda social, em especial nos veículos de comunicação de massa, parecendo assumir o epicentro das preocupações do poder público e do homem contemporâneo. No entanto, merece ser observada por outros ângulos cada vez menos policiaiscos ou midiáticos, para evitar que seja utilizada, apenas, como cenário de “espetáculo” e “banalização” humana (Pimenta, 2000, p. 122).

De acordo com recente pesquisa realizada por Reis (2009, citado por Athayde, 2009), jornais, rádios e televisão contribuem com o fenômeno. A pesquisadora afirma que dos 813 filiados das maiores torcidas organizadas dos três principais times da capital paulistana, 47% dos entrevistados afirmaram que a mídia estimula a violência incentivando a rivalidade, provocando os torcedores, na busca de ibope. Ainda 17% afirmam que a mídia contribui na estigmatização das torcidas ao mostrar só o lado ruim, chamando-os de

vândalos. 14% criticaram a manipulação da imprensa. Porém, 18% considerou que a mídia incentiva a paz e mostra a realidade.

O fenômeno da violência tem sido alvo de preocupação por parte das autoridades e tem provocado discussões sobre medidas de controle nos espaços públicos, dentre eles, os estádios. Atualmente, com vistas a aumentar a segurança nos estádios, um Projeto de Lei¹ está em tramitação no Congresso Nacional em que se considera crime atos de violência praticados nos estádios de futebol. Caso a lei venha a ser aprovada, o torcedor envolvido em atos violentos pode chegar a ser punido até com pena de reclusão.

Já na organização do futebol enquanto prática esportiva, que remonta a 1660, na Inglaterra, muitos o consideravam “um esporte bárbaro que estimulava a violência e o ódio” (Duarte, 1993, p. 2), pois muitas vezes os participantes acabavam com pernas quebradas, roupas rasgadas, dentes arrancados, sendo considerado um lugar de críticas e de poucas regras (Duarte, 1993). Porém, no decorrer do tempo, o futebol foi passando por modificações sendo hoje um esporte com regras definidas.

Na atualidade, o universo do esporte, dentre eles o futebol, tem atingido qualidades pedagógicas envolvendo lições de cidadania na vida de crianças e adolescentes (Murad, 2007). Segundo Reis (2006), esta competição esportiva traduz “uma forma civilizada de rivalidades entre grupos, regiões e países”

¹ Governo anuncia medidas para aumentar segurança nos estádios. O projeto de lei altera o Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei 10.671/2003) e tipifica como crime ações hoje inimizáveis tais como tumultos, manipulação de resultados de jogos e venda irregular de ingressos. O projeto visa a implantação da política nacional de segurança e prevenção da violência nos espetáculos de futebol que inclui o cadastramento e monitoramento dos torcedores nos estádios. Para o ministro do esporte, Orlando Silva, o cadastramento de torcedores vai inibir uma conduta que fere a convivência democrática e o espírito esportivo. Recuperado em abril de 2009. Disponível em: http://portal.esporte.gov.br/ascom/noticia_detalhe.jsp?idnoticia=5508.

(p.42). Contudo, na contemporaneidade, tal rivalidade se estendeu para a arquibancada chegando a tomar, em algumas circunstâncias, formas exacerbadas.

Assim, a violência, não só no contexto do futebol e de suas torcidas, tem assumido proporções crescentes, tornando-se tema recorrente na sociedade atual, esfera onde parece ecoar um “grito” dos sujeitos por socorro. Este “grito” parece representar a incapacidade do sujeito de manter afastado de si a possibilidade de sofrimento e de estabelecimento de algum mal estar (Freud, 1930/1980b).

Desta forma, na esperança de eliminar toda e qualquer ameaça, os sujeitos, em suas escolhas, manifestam saídas nem sempre aceitas, vindo a cometerem atos de violência como brigas, roubos, homicídios, entre outros, nos quais o próximo é tomado como um inimigo em potencial. Isto convoca à reflexão sobre os efeitos na subjetividade.

A despeito de tantos discursos em torno da paz e dos direitos humanos, o que se presencia hoje é uma crescente banalização da vida, a presumir pelos altos índices de violência². Os espaços públicos vêm sendo invadidos por ações inesperadas de violência o que tem levado as pessoas a adotarem um comportamento marcado pelo medo diante do próximo, tornando-se prisioneiras de seus temores.

Tal fenômeno também é percebido na vida de torcedores que deixam de frequentar os estádios, principalmente em dias de grandes clássicos, em

² As estatísticas demonstram um crescimento significativo das taxas de criminalidade em geral e, sobretudo, das relativas aos assassinatos, entre 1980 e 2002. Em 22 anos, saímos de uma taxa de homicídios de 19 para 46 por 100 mil habitantes (Barreira & Batista, 2007).

virtude de possíveis confrontos que possam ocorrer entre torcedores pertencentes às torcidas organizadas.

Consideramos oportuno interrogar: esta violência vem em nome do quê? Pois não se percebe nenhum ideal político, filosófico, social que a sustente. Por outro lado, os aparelhos de Estado não se mostram eficientes em reprimir a violência que se expande continuamente.

A violência, entendida como ato de um sujeito que se vê sem saída diante de um real que se manifesta, mobiliza-o. Tal violência expressa conflitos vividos por este sujeito que é solicitado a dar sentido ao mal estar que o invade (Freud, 1930/1980b). A emergência de atos compreendidos como violentos deve levar a uma busca de explicação em que se apresentem novos sentidos que deem conta deste fenômeno complexo.

As torcidas organizadas, neste contexto, aparecem como espaço de manifestação social onde a possibilidade de extravasamento deste potencial agressivo, que todo sujeito porta, se manifeste. Na massa, um sentimento de indiferenciação toma conta do sujeito que o leva a adotar atitudes que sozinho dificilmente assumiria (Freud, 1921/1980f), na tentativa de estabelecimento de uma relação de poder onde o uso da força física e das agressões verbais se manifestam: “A violência, verbal e física, traduziu-se em um dos principais códigos e símbolos sociais de agrupamento de jovens em torno das ‘torcidas organizadas’” (Pimenta, 2000, p.125).

Ser membro de uma torcida considerada violenta se torna motivo de orgulho para o torcedor organizado. Até a morte é tida como troféu, pois é símbolo de uma torcida que tem moral (Carneiro et al., 2007). Este movimento das torcidas organizadas, que se consolida na década de 80 do século XX, é

caracterizado por um ritual que engloba o roubo de faixas e camisas, a confecção de bandeiras cada vez maiores, a composição de suas músicas, coreografias e gritos de guerra. Nelas, as torcidas, o torcer ganha sentido místico, de fascínio e de liberação das emoções. Estas são algumas das marcas destes grupos que, jogo após jogo, vêm disputando a atenção do público em geral (Santos, 2004; Toledo, 1996).

A relação do torcedor com seu clube do coração se estabelece a partir de ações consideradas “ensandecidas, totalmente irracionais de modo que quanto mais sublimada for, tanto mais brutal e, mais ainda, próximas da violência sem limites” (Santos, 2004, p. 12). Portanto, no espaço das torcidas circulam paixões, emoções, sentimentos fraternos de amor, como também, de ódio, onde a violência adentra.

Segundo Pimenta (2000, p. 122), há uma relação da “violência produzida entre as ‘torcidas organizadas’ com os ‘jogos’ de relações sociais travados no espaço urbano” que tem aglutinado um maior número de jovens em torno deste movimento. Há uma modificação no comportamento do torcedor passando desde configurações com características similares aos movimentos militares, ou seja, movimentos baseados num código de ética e disciplina, até os dias atuais em que adotam posturas violentas em torno de sua organização como elemento agregador.

O ponto de vista de Pimenta (2000) confirma o de Santos (2004) ao considerar que as torcidas constroem redes de sociabilidade com novos padrões éticos e estéticos que se aproximam de um referencial mítico³ onde o mito tem a função de agregar e está ligado por um totem, com forte vínculo

³ Santos (2004) refere-se ao mito e ao totem a partir da leitura de Maffesoli (1987).

emocional. Assim, os torcedores, amantes de seus clubes, envolvem-se nessa relação como uma unificação completa, fato este que favorece uma referência diminuída do outro.

De acordo com Santos (2004), o aparecimento das torcidas organizadas reflete os novos modos de viver em sociedade que coincidem com o desaparecimento de concepções essencialistas e que resulta numa fragmentação do espaço social em que o futebol brasileiro sofre transformações e, conseqüentemente, afeta os modos de identificação do torcedor com este esporte, símbolo nacional. É realizada assim uma ligação com fenômenos de tribalização, manifestos desde os movimentos *punks*, passando pelos *funks*, *skinheads*, até às torcidas organizadas. Como marca distintiva, estes grupos constroem uma ética própria como forma de diferenciar-se do restante da sociedade.

No caso das torcidas organizadas, a formação do laço entre os torcedores extrapola os limites que envolvem o torcer por um determinado time chegando a considerarem-se uma família (Carneiro et al., 2007; Santos, 2004): “... o pertencimento e a diferenciação em relação ao restante da sociedade são um dos condicionantes da construção da sociabilidade presentes nesses grupos”. (Santos, 2004, p. 20). Assim, a torcida pode ser vivenciada como espaço onde os torcedores mostram sua existência perante a sociedade através da solidariedade, mas também por meio dos conflitos.

Na crescente identificação dos torcedores com seus ídolos e equipes de futebol, embora demonstrem certa preocupação com o quadro de violência relacionado com suas respectivas torcidas, não abrem mão em defender seus

times com atos considerados violentos, quando precisam imprimir a moral da torcida.

A mudança de comportamento do torcedor nas arquibancadas dos estádios começa a ser sentida num viés de violência, truculência e agressividade – nos moldes atuais – pelo torcedor comum e agentes envolvidos com o esporte, e passa a ser veiculada com maior frequência pelos órgãos de imprensa, a partir dos anos noventa. Simultaneamente, grupos de jovens e adolescentes engrossam as fileiras associativas das “organizadas”. Há uma relação efetiva entre a mudança no comportamento do torcedor e o aumento vertiginoso de jovens e adolescentes associando-se às Torcidas Organizadas? (Pimenta, 1997, p.73).

Há um espetáculo à parte, fora do campo, que tem chamado atenção. Há uma forte cena em jogo, comumente constituída por jovens que “vestem” uma camisa e que, em nome desta luta, se preciso for, vão até à morte. Neste “espetáculo”, parece que vale tudo: “até matar vale, se é para possuir o necessário, abater o objeto da frustração, impor o Eu” (Marin, 2002, p.25). O torcedor neste novo contexto vai ao estádio não mais como um espectador, mas como parte integrante do espetáculo a ser apresentado, espetáculo este compreendido como “modelo presente da vida socialmente dominante” (Debord, 1997, p. 41).

Vários fatores têm sido apontados por Pimenta (2000) como justificativa da crescente violência no contexto das torcidas organizadas, tais como: má distribuição de renda; exploração dos dirigentes esportivos e dos líderes das torcidas; efeitos da criminalidade; ausência de expectativa de futuro dos jovens; ausência do Estado quanto a políticas públicas de formação social; aumento da pobreza; afrouxamento da ordem legal e das posturas repressivas das

instituições de justiça; falta de emprego; miséria generalizada; familiarização com a violência; falta de infra-estrutura nos estádios de futebol; má arbitragem; gozações de adversários; derrota em uma partida de futebol (Pimenta, 2000, p.125-6).

Mesmo considerando o conjunto de fatores apontados por Pimenta (2000), nesta pesquisa, nos propomos a considerar especificamente os aspectos subjetivos que têm contribuído para a manutenção de um laço violento entre os torcedores organizados. Aqui, são considerados aspectos como a posição do sujeito frente à lei e frente ao outro. Na nossa compreensão, os aspectos ligados à condição financeira do torcedor não são determinantes da manifestação de atos violentos quando não somente torcedores advindos de classes menos favorecidas envolvem-se nestes episódios, mas jovens de outras classes sociais mais favorecidas participam destes eventos. Então, pensar nas escolhas feitas por esses jovens se faz pertinente.

O crescimento da violência entre as torcidas brasileiras vem da década de 90 (Séc. XX) embora a grande maioria dos torcedores não seja considerada violenta: “As torcidas organizadas, em cujo universo o problema da violência é mais evidente, são parcelas muito pequenas no conjunto de milhões e milhões de fãs independentes ou, como às vezes são chamados em alguns estados brasileiros, torcedores ‘anônimos’” (Murad, 2007, p. 34). Dentro das torcidas organizadas encontram-se torcedores que se portam de forma ordeira e têm adotado atividades internas à torcida que envolvem o lazer, a ação social, dentre outras. Estes fatos contradizem, segundo Murad (2007), o discurso

mediático que coloca na vitrine o discurso da violência dando uma conotação maior do que realmente é.

Porém, o movimento das torcidas organizadas tendo como precedente o fenômeno do *hooliganismo*, que nasce na Inglaterra no período entre 1870 e 1880 (Murad, 2007), demonstra a dimensão cruel à qual chegaram alguns torcedores em relação a torcedores de times distintos.

Segundo Viana, Conceição, Pereira e Ribeiro (2003), na Europa e no Brasil, a violência entre torcidas adversárias não só vitimaram centenas de pessoas, algumas delas mortas inocentemente, como prejudicaram bastante os seus clubes em competições oficiais. A primeira manifestação do tipo, em nível mundial, aconteceu em 1972, num jogo entre o Glasgow Rangers, da Escócia, e o Dínamo, de Moscou. Aqui no Brasil, um dos episódios que marcou a história de violência entre torcidas rivais e que culminou na extinção de duas tradicionais torcidas organizadas do futebol paulista, ocorreu em 1995. O episódio se deu entre a torcida Independente do São Paulo e a Mancha Verde, do Palmeiras, que ocasionou a primeira morte registrada como vítima da violência entre torcidas brasileiras. Neste evento, o torcedor Márcio Gasperim, de 16 anos, foi assassinado durante uma batalha campal protagonizada por membros das duas facções na final de um torneio sub-20, deixando também outros 100 feridos. Este episódio, que ficou conhecido como a Guerra do Pacaembu, mobilizou o Ministério Público de São Paulo o qual pediu na justiça o fechamento das organizadas.

No decorrer dos anos, os números relacionados com a violência no futebol e suas respectivas torcidas não pararam de crescer. O Ministério do Esporte do Brasil anunciou recentemente 37 mortes oficiais de torcedores,

desde 2003 até março de 2009. É possível constatar que não só no Brasil, mas em vários outros países, este mesmo fenômeno se repete, como expõe o Quadro 1.

Ano	Local	Jogo	Resultado da violência
1964	Lima (Peru)	Peru x Argentina	320 mortos e mais de 1000 feridos
1968	Buenos Aires (Argentina)	River Plate x Boca Juniors	71 mortos
1971	Glasgow (Escócia)	Rangers x Celtic	66 mortos e 100 feridos
1985	Bruxelas (Bélgica)	Liverpool x Juventus	39 mortos e mais de 400 feridos
1989	Estádio Hillsborough (Inglaterra)	Liverpool x Nottingham Forest	95 mortos
1996	Estádio Mateo Flores	Guatemala x Costa Rica	91 mortos
2000	Den Bosh (Holanda)	Jogo da segunda divisão	1 morto e dezenas de feridos
2001	Gana (África do Sul)	Hearts of Oak x Kumasi	102 mortos
2001	Johannesburg (África do Sul)	Orlando Pirates x Kaiser Chiefs	43 mortos
2002	Buenos Aires (Argentina)	Racing x Independientes	2 mortos e 25 feridos

Quadro 1 – Dados numéricos sobre violência em eventos futebolísticos no mundo. (Carneiro & Santos, 2008)

A realidade brasileira também tem chamado atenção das autoridades com seu crescente quadro de mortos relacionados com as brigas de torcidas, conforme Quadro 2.

Região	Estado	Resultado da violência
Sudeste	São Paulo	21 mortos
	Rio de Janeiro	5 mortos
	Minas Gerais	3 mortos
Sul	Rio Grande do Sul	4 mortos
	Santa Catarina	1 morto
Nordeste	Ceará	3 mortos
Norte	Pará	1 morto

Quadro 2 – Dados numéricos sobre violência em eventos futebolísticos no Brasil entre 1992-2008. (Carneiro & Santos, 2008).

O cenário relacionado com a violência já estabelecido em torno dos eventos esportivos e mais especificamente associado ao futebol, tem levado à criação de leis que regulamentem não somente o exercício profissional do futebol, mas também suas respectivas torcidas, aqui no Brasil como em vários outros países. No início do século XXI, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) realizou encontros onde foram discutidos os direitos e deveres dos torcedores os quais culminaram na elaboração do Estatuto do Torcedor de Futebol (Lei 10. 671/03) que foi aprovado pela Câmara e pelo Senado Federal.

Recentemente, o Brasil foi apontado como líder do ranking de mortes ligadas ao futebol, pelo sociólogo Murad (2009, citado por Athayde, 2009). O pesquisador contabilizou 42 óbitos de torcedores em conflitos dentro ou próximo a estádios de futebol, nos últimos dez anos. Em pesquisa semelhante, Reis (2009, citado por Athayde, 2009) contabilizou 35 vítimas de homicídio, no mesmo período.

Mesmo em meio ao crescimento da violência e sua banalização, por vezes, de dentro do contexto das próprias torcidas emerge um discurso advogando a necessidade de punição e um clamor pela lei: *“nós da torcida temos de ser cobrados”* (Carneiro et al., 2007, anais digital). Pode-se atribuir tal clamor à ideia de desamparo vivida pelo sujeito e a violência como uma possibilidade de subjetivação.

No mundo efêmero onde relações líquidas (Bauman, 2007) se estabelecem, a formação de um grupo em torno de um time pode significar uma tentativa de sustentar uma identificação única onde o sentimento de pertença se manifeste pelo menos até o final da partida. Contudo, há um preço

a pagar sendo, por vezes, a própria vida. Um espaço destinado, a princípio, para o divertimento tem se transformado em verdadeiros campos de batalha.

No Ceará, e especificamente na capital cearense onde foi realizada esta pesquisa, o quadro relacionado com a violência entre as torcidas organizadas também tem chamado atenção quando repetidas cenas de violência são vivenciadas em dia de jogos dos maiores times da capital, ou seja, Ceará e Fortaleza. A violência entre as torcidas organizadas dos referidos times, respectivamente Cearamor e TUF tem chegado a casos de mortes entre torcedores. Assim, diante do quadro que estas torcidas organizadas representam no cenário por nós estudado, decidimos entrevistar torcedores exclusivamente das duas maiores torcidas organizadas cearenses que são: TUF e Cearamor.

Diante deste panorama, formula-se como problema desta pesquisa a seguinte questão: qual a relação que o torcedor estabelece com a lei que tem transformado o espaço da torcida organizada num campo de manifestação de atos violentos? O que leva os integrantes de torcidas organizadas a manifestarem um sentimento de violência pelo outro?

Ao definir as torcidas organizadas como objeto de investigação o que se estabelece é um mundo rico de possibilidades de leitura do real, ou seja, leitura desta dimensão psíquica (Lacan, 1955-56/2008a; 1956-57/1995; 1959-60/1997; 1962-63/2005), real este que se apresenta como “sem fissura” (Lacan, 1954-55/1985a) e “... que retorna sempre ao mesmo lugar” (Lacan, 1955-56/2008a; 1959-60/1997). Lacan (1962-63/2005) apresenta o Real como não regido por uma lei interditora, mas, ao contrário, onde o gozo impera.

Assim, a violência “que cresce e se generaliza por todos os setores públicos e privados” (Murad, 2007, p.22), manifestação direta do excesso onde se tem chegado à passagem ao ato, e que tem estado presente para além dos espaços relacionados com a torcida organizada, é uma manifestação do mal estar contemporâneo que traz um sujeito pouco afeito ao sofrimento.

Neste sentido, um cenário de crise se estabelece o qual lança desafios constantes a campos de saberes como: a psicanálise, a psicologia, a sociologia, dentre outros, questionando quem é este sujeito bem como se buscando uma compreensão sobre as práticas sociais vigentes. Assim, a pertinência desta pesquisa está na contribuição que traz para a compreensão de um tema contemporâneo como o da violência, especificamente no contexto das torcidas organizadas, à luz de conceitos da psicanálise como: lei, gozo, Outro, laço social, os discursos, dentre outros.

Estrutura do trabalho

O trabalho está estruturado da seguinte forma. O Capítulo 1 – **A lei e seus impasses diante da violência contemporânea** - traz uma reflexão sobre o mal estar na contemporaneidade a partir de uma referência à violência em que o sujeito se encontra diante de impasses entre as leis externas e internas mediante uma lei social despotencializada, apesar de mergulhada num imperativo de gozo.

No decorrer do capítulo abordamos conteúdo do texto freudiano *Totem e Tabu* o qual faz alusão à instituição da lei, a partir do parricídio, e a proibição do incesto, nas sociedades primitivas. À luz de tais conteúdos, refletimos sobre

o contexto atual que se caracteriza pelo enfraquecimento do Outro, em que a função paterna se apresenta rebaixada, o que acaba repercutindo numa crise quanto ao lugar de autoridade, na atualidade desembocando num estado de desamparo do sujeito que se vê à mercê de um supereu tirano.

Neste contexto a violência aparece como um meio de enfrentamento da angústia, diante da falta de uma referência consistente, na qual o sujeito se vê lançado numa teia social centrada no individualismo, onde cada um busca seu prazer independente dos anseios coletivos estando, portanto, afeito mais a um discurso do ter em detrimento do ser.

Há um quadro de violência que se repete frente aos imperativos de gozo devido ao declínio dos mecanismos simbólicos e que vem dificultar a relação com o próximo. Assim, uma montagem discursiva se estabelece sustentada pelos imperativos de gozo, baseada na lógica capitalista que incita ao consumo sem limites, onde tudo é permitido denunciando enfim a fragilidade dos limites que se configura na desregulação do laço social.

No Capítulo 2, sob o título **Relações anômicas e suas interferências no laço social**, prosseguimos na discussão sobre a formação dos laços sociais a partir de uma lei que se apresenta despotencializada e em estado de suspensão gerando assim um espaço anômico onde se torna possível a manifestação de posicionamentos totalitários em que se nega os processos alteritários.

Dialogamos com autores da filosofia e da sociologia procurando o entendimento dos efeitos, deste estado anômico, no laço social. Neste sentido, percebemos um laço vulnerável frente a um contexto de constantes mudanças,

de incertezas, marcado pelo efêmero. Portanto, a formação dos laços se mostra fortuita, tendo o instante como marca.

Na perspectiva discursiva vigente, o outro se torna mais um objeto descartável. O sujeito está numa busca constante de um objeto que o satisfaça, objeto este prometido no discurso do capitalista.

As relações são mantidas por um recorte do gozo, e do nada perder, relações nas quais a falta é negada. Neste sentido abole-se o sujeito do desejo que se move em referência a uma falta. O que se estabelece é o direito de gozar do corpo do outro podendo até eliminá-lo caso este comprometa a busca pela felicidade.

Num contexto anômico o que se estabelece é um estado de medo e insegurança onde não se sabe o que esperar do outro. Perguntamos então: como se estruturam as torcidas organizadas frente a este discurso de nada perder, já que é próprio do discurso do capitalista, montado no mais-de-gozar, na insaciedade, onde os limites não estão postos?

Partimos enfim para o Capítulo 3, intitulado **Pesquisa Aplicada: campo, análise e discussão dos dados** onde primeiramente apresentamos o percurso da pesquisa e suas vicissitudes na qual procuramos descrever todos os passos adotados em campo bem como a caracterização dos sujeitos que compuseram o campo estudado.

Em seguida passamos a fazer a análise dos dados colhidos em campo. A princípio situamos a história dos sujeitos com as torcidas organizadas descrevendo os motivos de entrada e os motivos de saída de seus respectivos grupos.

O capítulo prossegue com a análise e discussão das categorias construídas a priori, a partir dos objetivos propostos, e de uma quarta categoria que emergiu do campo.

Laço social é a primeira categoria discutida na qual demos títulos aos principais temas repetidos nas falas dos sujeitos que foram: vínculos permitidos e proibidos, sentimentos e por último pertencimento e identificação.

Logo a seguir fazemos a discussão da categoria lei enfocando nos aspectos do relacionamento e papel das autoridades, ilegalidade, poder paralelo e controle e punição.

Na categoria violência os aspectos da banalização, da ocupação do território, do contexto social e da mídia foram os temas que mais se destacaram na fala dos torcedores entrevistados, pontos estes que foram discutidos e analisados.

E por fim, apresentamos a categoria organização com seus temas recorrentes: recursos humanos e materiais, divisão de trabalho e hierarquia, estratégias e lucratividade e mais-valia, enfatizando o caráter empresarial que as torcidas tomaram na atualidade pautadas no discurso do capitalista.

Finalmente, na última parte do trabalho, constam as **Considerações Finais** elaboradas em função dos objetivos construídos, concomitante aos pressupostos analisados.

CAPÍTULO 1:**A LEI E SEUS IMPASSES DIANTE DA VIOLÊNCIA CONTEMPORÂNEA**

O mundo dito civilizado propôs limites à satisfação humana, contudo, a violência, que tem tomado proporções alarmantes, parece por em xeque constantemente o ideal civilizatório. A vida com seus sofrimentos, decepções e infortúnios parece dispensar ao sujeito atividades paliativas que venham suprir suas necessidades a fim de suportar a existência oferecendo uma felicidade ilusória, e muitas vezes, inalcançável. Na busca pela felicidade como sentido último do existir, os homens esforçam-se para que a mesma se concretize e permaneça.

Mas, como conciliar a ausência de sofrimento e de desprazer com experiências de extremo prazer? Um limite está posto. Há uma impossibilidade desta felicidade plena e perene. Tal plenitude e perenidade são constantemente ameaçadas, segundo Freud (1930/1980b), pela fragilidade de nosso próprio corpo; pelas ameaças do mundo externo e pelo sofrimento oriundo de uma fonte social: os relacionamentos humanos.

Nas situações relacionadas com a irrupção da violência abordadas neste trabalho, uma impossibilidade de adiar a satisfação se apresenta como significativo. Um anteparo ao eu parece não comparecer, não dando conta de barrar o extravasamento pulsional vivido pelo sujeito. Se este movimento for considerado como patológico pode-se dizer que o aparelho psíquico falhou na proteção ao eu. Quais, então, são as fronteiras estabelecidas entre o eu e o objeto, no ato de violência? Desde Freud (1930/1980b, p.84), sabe-se que “as fronteiras do eu não são permanentes”.

Diante da relação estabelecida entre o eu e o objeto, é possível pensar que o sujeito atribua ao objeto a condição de completá-lo (Freud, 1905/1980j; Lacan, 1956-57/1995). Perder este objeto se torna uma experiência extremamente dolorosa, daí a eliminação de toda possibilidade de diferenciação que venha se manifestar. O sujeito que se apresenta com poucos recursos para fazer adaptações e assim satisfazer-se, denota uma posição centrada em si, ou seja, pouco afeita ao outro e às mudanças. Este se coloca como se fosse a única moeda de câmbio, fato que põe em risco os mecanismos de convivência estabelecidos socialmente que parecem não dar a segurança necessária ao bem estar do sujeito, deixando assim escapar a satisfação da pulsão no seu alto grau de fruição narcísica presenteando o eu com a realização de antigos desejos de onipotência (Freud, 1930/1980b).

O convívio social apresenta-se como fonte da insatisfação do sujeito levando-o a uma posição primitiva de seu psiquismo como meio de proteger-se, dando abertura para que excessos aconteçam a partir da manifestação de impulsos agressivos, por não poder suportar a frustração que a sociedade estabelece a partir de seus ideais culturais (Freud, 1930/1980b). Mas, os ideais da civilização são nocivos, não trazem mesmo bem estar ao humano? Não se quer aqui trazer uma leitura negativista, pessimista, do projeto civilizatório, contudo, não se pode negar que o mesmo não tem como dar conta da realização humana na sua totalidade.

Os ideais de beleza, de limpeza, de poder, de ordem (Freud, 1930/1980b) estabelecida no espaço social, ou seja, a dietética vigente impõe limites que deixam a maior parte da população longe de atingir os alvos estabelecidos. Cabe indagar quais são estes ideais estabelecidos na

atualidade quando, por exemplo, a ordem apresenta profundas contradições, quando a lei já não dá parâmetros claros do agir humano, comparecendo de uma forma anômica. Existem, na atualidade, instrumentos de regulação dispostos que venham a ordenar os relacionamentos e onde a vontade arbitrária do indivíduo não se imponha? Ficar à mercê de sua força bruta, já que é impossível pensar na civilização sem considerar a renúncia pulsional, inviabiliza a convivência “pacífica” entre os humanos. É exatamente a partir desta renúncia que todo conflito relacional se estabelece afetando os laços sociais, como afirma Freud (1930/1980b, p. 118): “Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação uma pulsão⁴. Não se faz isso impunemente. Se a perda não for economicamente compensada, pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso”.

Em 1913, Freud aponta os tabus como ordenamento do convívio social, sendo assim estabelecidas as leis que num destino último, pode-se dizer que o amor (Eros) determinou – amor este que leva o sujeito a investir em novos objetos eleitos, como também investir em si mesmo e assim caminhar preservando sua existência e do próximo. Admite-se, portanto, a possibilidade que o sujeito precise libidinizar novamente seu eu.

Assim, o desafio de amar o próximo, de ver nele algo que amo em mim, se torna relevante, mas, ao mesmo tempo, ameaçador, pois é este próximo que desperta o ódio e a hostilidade, em lugar de algum afeto amistoso (Freud, 1930/1980b; Vegh, 2005; Lebrun, 2008). É no próximo que se tenta satisfazer a agressividade, fica-se à espreita esperando a oportunidade de realizá-la. As inúmeras guerras deflagradas na modernidade são exemplos disso, assim

⁴ Utilizaremos neste trabalho a palavra pulsão em substituição à palavra instinto.

como o aumento propagado da violência: “A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas” (Freud, 1930/1980b, p.134).

Todo este movimento em torno da violência vem apontar para o que Freud (1920/1980a) nomeou como pulsão de morte, que acaba trabalhando sub-repticiamente dentro do organismo, dando prosseguimento ao seu projeto destrutivo. Destruir algo externo ao eu acaba sendo uma saída melhor, pois, do contrário, seria o próprio eu a ser aniquilado. Eros, portanto, precisa cumprir seu papel de unir os atores sociais sob a ameaça da civilização sucumbir. Contudo, se a pulsão agressiva volta para o sujeito, o supereu precisa defender o eu enfraquecendo o desejo de agressão.

Surge, então, o sentimento de culpa como uma manifestação do medo da perda de amor (Freud, 1930/1980b). Mas, se o sujeito não encontra a quem dirigir seu amor, pois o Amo, na atualidade, não se apresenta digno de seu amor (Carneiro, 2007), não se representa para o sujeito como algo valoroso, então, o sujeito fica à mercê de um supereu severo, exigente⁵. Este exige do sujeito não só a renúncia de suas pulsões, mas também exige a punição ao eu (Freud, 1924/1980e). Como falta ao sujeito uma autoridade externa significativa, uma referência que lhe demande amor, não há sentido em renunciar a satisfação, pois não há amor a perder, não se tem o que perder. Neste caso, a culpa aparece esmaecida, pois o sujeito não comparece em posição de endividamento diante do Outro, há uma negação da dívida (Kehl, 2002). No entanto, tem-se um sujeito que deseja. Alguma tensão se estabelece

⁵ A psicanalista Marta Gerez-Ambertin (2003) em seu livro *As vozes do supereu* faz uma detalhada trajetória sobre os diversos caminhos traçados pelo supereu e os destinos da culpa.

não sendo possível assim esconder o desejo das exigências do supereu. Não há, portanto, escapatória para o sujeito: “para o sujeito, a legitimação do seu desejo se inscreve no registro de uma dívida simbólica, ou seja, a castração, cujo preço a pagar comporta para ele um sacrifício” (Valas, 2001, p. 56)

A autoridade que deveria estar internamente constituída de maneira sólida, aparece de forma frágil, não demarcando os limites para o sujeito. O supereu, então, mostra sua face cruel atormentando o eu na busca de puni-lo. Uma organização interna da lei se constitui de forma fragilizada, por não haver com quem o sujeito se perceba identificado mantendo assim algum tipo de dívida com este, ou seja, tenta-se negar a dívida com o assassinato do pai da horda (Freud, 1913/1980i). Há, então, um processo de identificação incompleto onde a autoridade é perfeitamente atacável. A culpa, mesmo que não dirimida, pois constitui um lugar fundamental na construção da subjetividade, se manifesta esmaecida, o que pode interferir em todo processo constitutivo do psiquismo, implicando alterações (Freud, 1930/1980b).

Neste sentido, o sujeito torna-se muito mais vingativo, pois esperava ser punido pela autoridade. Aqui podemos pensar no que Freud (1924/1980e) destaca como a fantasia masoquista do sujeito que deseja ser tratado como uma criança travessa que aguarda a punição merecida, que espera ser castigada pelo pai, vindo, assim, a apontar para a condição do ser castrado. Há, portanto, uma referência ao limite.

Agressão vingativa que não apenas substitui a que se espera do pai – insistimos que vai além das identificações – mas que teme a vingança do pai devido ao ódio que o inculpa, devido ao anseio parricida contra o malvado pecador que o fustigou (expropriando-o do amante amparo) e que agora pode

se voltar contra ele. Freud diz que se trata de “agressões sufocadas” contra o pai; em suma, ódio transformado em culpa que mantém vivo o poder paterno (Gerez-Ambertín, 2003, p. 154).

Mas, se o Pai não se representa de maneira consistente, se a lei se mostra embaçada, o sujeito acaba jogando toda sua agressão de forma desmedida para si ou para o próximo: “Nas crianças delinquentes, criadas sem amor, a tensão entre ego e superego está ausente, e a totalidade de sua agressividade pode ser dirigida para fora” (Aichhorn, 1925, citado por Freud, 1930/1980b, p. 154). Então, até que ponto a vida em comunidade pode dar conta em dominar as pulsões humanas de agressão e autodestruição?

Sabemos que na massa humana existe uma poderosa necessidade de uma autoridade que possa ser admirada, perante quem nos curvemos, por quem sejamos dirigidos e, talvez, até maltratados. Já aprendemos com a psicologia dos indivíduos qual é a origem dessas necessidades das massas. Trata-se de um anseio pelo pai que é sentido por todos, da infância em diante... (Freud, 1939/1980c, p. 131).

A violência seria, portanto, um sintoma para tamponar a angústia deflagrada diante do desamparo. Nesse sentido, a violência teria um caráter positivo frente a um possível desmoronamento do sujeito, haja vista que o mesmo é convocado a dar conta de um excesso de tensão ou excitação a qual o psiquismo não tem condição de suportar, vivenciando, então, uma situação traumática. É aqui que a ideia desenvolvida por Carneiro (2007) referente à busca de uma narcisidade se faz pertinente.

A violência emerge, então, como uma saída onde dispositivos simbólicos - a representação - se calam diante do inominável. A função da linguagem se apresenta comprometida, pois a simbolização necessária ao enfrentamento do desamparo acaba por abandonar o sujeito à sua própria sorte. É o que Lacan vai chamar de passagem ao ato. Lacan (1962-63/2005), no Seminário X, apresenta a passagem ao ato como o momento do último suspiro do sujeito, ou seja, o momento onde o sujeito aparece apagado pelos referenciais simbólicos, impossibilitado, portanto, de recapear suas experiências pelo suporte da linguagem. Fica assim anulado em sua capacidade de fazer uso de significantes que representem os conflitos psíquicos vivenciados.

O mundo fica esvaziado de significação. O desejo do Outro se torna desconhecido pelo sujeito ficando este, desta forma, completamente só. Então, o investimento no fortuito, no casual, no efêmero, se torna uma proposta atraente, pois acaba sendo uma maneira do sujeito ainda se vincular a algo. O que importa é o momento, independente das consequências. Assim, o ato violento encontra espaço propício para seu aparecimento como um ato de descarga de tensão para trazer o prazer necessário ao psiquismo, onde a falta é constantemente negada.

Neste sentido a violência é aqui entendida como um excesso pulsional. Um imperativo de gozo se manifesta e o sujeito mostra-se menos provido de mecanismos simbólicos para lidar com o outro e com seu conflito psíquico. Há, então, um inflacionamento imaginário onde o ato violento em si representa a incapacidade deste sujeito em reverter seu mal estar. Assim, o aniquilamento do outro se torna possível. Quando se deixa de lado a reflexão, o sujeito passa

ao ato, atendendo assim a um imperativo – a exigência de ter o que o outro tem.

1.1 Lei despotencializada e a violência

A existência humana é marcada por uma referência constante ao que se denomina lei. Podem-se nomear diversos tipos de lei como: leis da natureza, leis físicas, leis biológicas, leis morais, leis religiosas, leis econômicas, leis jurídicas, entre outras. Pensar nas relações sociais fora do contexto da inexistência de algum mecanismo regulador parece tarefa da ordem de uma impossibilidade, pois são as leis que, até certo ponto, normatizam o convívio social.

Em sua construção teórica, a psicanálise introduz em suas origens tanto a ideia de violência quanto a de lei. Tomando-se como referência o texto *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1980i), vê-se que Freud aponta a violência, através do parricídio, como ato fundador das relações sociais dentro de uma comunidade inserida no processo civilizatório. Tal ato instaura uma Lei, a proibição do incesto, e aponta para o que Freud denominou como conceito de castração (Freud, 1908/1980g), castração esta não referida à mutilação dos órgãos sexuais, mas uma experiência psíquica vivida na infância a qual remete às diferenças sexuais, ou seja, na constituição do psiquismo, o sujeito vive a dor dos limites no âmbito do próprio corpo.

Uma ordem é instaurada. O sujeito, na busca por sua sobrevivência, mantém-se submetido a um Outro que o barra, que põe limites aos seus desejos, limita a satisfação plena de seus impulsos. A renúncia pulsional assim

se faz presente como condição da própria existência, que possibilita um apaziguamento dos conflitos internos e com seu próximo.

Entende-se, portanto, que o cumprimento da lei tem como função a manutenção dos laços sociais na sociedade, o que evitaria uma ruptura dos alicerces que sustentam os referidos laços. Há, desta forma, uma herança ética que baliza as ações do sujeito onde este se depara com limites nos seus relacionamentos.

Freud (1913/1980i) nos remete a esta lei primeira, a lei do incesto ou complexo de Édipo (Lacan, 1985b; Nasio, 2007), que Lacan viria a chamar de Lei do Pai. A relação totêmica e os tabus primitivos estabeleceram as relações mantidas em cada clã que possibilitaram a manutenção da existência humana. A relação de subordinação ao totem estabelece todas as obrigações sociais e restrições morais das tribos.

É a partir desta primeira lei que é possível a emergência do sujeito e que lhe proporciona o acesso à linguagem, ou seja, lhe possibilita o acesso à cultura. O incesto é a base de todas as proibições, por isso considerado a primeira lei. É a lei fundante e estruturante do sujeito, conseqüentemente do ordenamento social. É exatamente porque o humano é atravessado pela lei paterna que se torna possível e necessária o estabelecimento das leis na sociedade. Portanto, a cultura, a linguagem, as relações sociais têm como referência a primeira lei (Freud, 1913/1980i; Dor, 1991).

A tragédia de Édipo se constitui um paradigma mítico para compreender-se o drama humano. É na conflitiva edípica que as fantasias, as ambivalências afetivas, o inconsciente se constituem. Assim, o desenvolvimento humano se dá pelo conflito e a transformação do conflito. O psiquismo se constitui pelas

vivências e estabelecimentos das semelhanças e diferenças com o outro, identificando-se ou não com este.

O pai como representante da lei impede uma relação aprisionada ao desejo da mãe, como também, a satisfação desenfreada da pulsão. É do bom estabelecimento da função paterna que as relações com o outro são organizadas, pela internalização do que é permitido ou não. É pelo medo da perda do amor do pai, e da punição, que o sujeito vai fazer alianças com este modelo proposto, sendo elo frente a outras figuras de autoridade. É nesta relação assimétrica que o sujeito passa do estado de natureza para o espaço da cultura, onde leva em conta as diferenças (Dor, 1991).

Ao mesmo tempo em que estas fantasias claramente incestuosas são superadas e repudiadas, completa-se uma das mais significativas e, também, uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento da autoridade dos pais, um processo que, sozinho, torna possível a oposição, tão importante para o progresso da civilização, entre a nova geração e a velha (Freud, 1905/1980j, p. 234).

Embora ancorado na figura de um pai real, o pai que a psicanálise vai se referir não é o mesmo agente da paternidade, não se refere a algum pai encarnado, mas é um pai simbólico, “como um referente que apresenta esta particularidade essencial de não estar sujeito à ação de uma história” (Dor, 1991, p. 13). Ele é o representante da lei que ordena as relações dos sujeitos de uma comunidade. “Nesse sentido o estatuto do pai simbólico pode, pois, ser legitimamente remetido, como menciona Lacan, a um estatuto significante que ele designa, então, de Nome-do-Pai” (Dor, 1991, p. 20). Ele é uma metáfora,

pois é um significante que vem no lugar de um outro significante, ou seja, o significante materno. Ele vem demarcar a falta na relação mãe-bebê. Vem quebrar com o relacionamento de fusão mãe-bebê e assim instalar a castração onde o bebê não se constitui o único objeto de satisfação da mãe, pois o desejo da mãe também está submetido à esta instância paterna reconhecendo assim a lei que a interdita, que mediatiza seu desejo, ou seja, esta mãe também é faltosa.

Nas relações apresentadas por Freud, em 1913, o laço totêmico deixa as fronteiras bem demarcadas. A lei constituída nestes grupos fica bem estabelecida. O pai da horda é temido. O povo que se organiza a partir do totem sabe o que respeitar e respeita, tem bem definido suas crenças, valores, princípio ético do grupo, a exemplo da lei contra as práticas sexuais entre pessoas do mesmo totem e o assassinato do animal totem. O tratamento dispensado a quem descumprisse a lei era extremamente severo. Eles mantinham uma ordem bem estruturada nas suas relações, e esta relação era ordenada não de indivíduos entre si, mas entre o indivíduo e o grupo. Desta forma, o laço se apresenta fortalecido.

Quando se pensa nas torcidas organizadas, objeto deste estudo, qual o “totem” pelo qual eles brigam? Pode-se dizer que há uma referência forte no seio grupal? De certa forma, talvez pela condição de seres ditos civilizados, desconsidera-se hoje o potencial agressivo da raça humana, onde se libera de algumas regras de convívio social. Então perguntamos qual é a lei da tribo torcida organizada nos dias atuais?

Os tabus, como um dos meios mais antigos de ordenação do social, serviam como forma de proteção. Sua violação acarretava uma punição

inerente ao próprio tabu. A lei aqui aparece consistente. O seu descumprimento acarretava então uma intervenção imediata, automática. Há um poder plenamente estabelecido (Freud, 1913/1980i). Diferentemente, na realidade atual, não se encontram mecanismos externos que administrem uma sanção quando algo escapa aos ditames da lei, refletindo nos mecanismos internos que se apresentam também em suspensão (Agamben, 2004).

A liberdade, no mito totêmico, não é posta em questão, pois estão todos sujeitos à lei. A renúncia ao que é proibido é feita como forma de evitar algum perigo a si, como algo necessário. Para Freud, “as proibições morais e as convenções pelas quais nos regemos podem ter uma relação fundamental com esses tabus primitivos” (1913/1980i, p.42).

Contudo, o mundo contemporâneo mostra-se invadido pela lógica capitalista segundo a qual tudo se torna aceitável, permitido, estruturando-se a partir de uma montagem discursiva que se sustenta nos imperativos de gozo, sob a lógica do consumo, onde sempre se tem um objeto pronto para ser adquirido e consumido. Pode-se dizer que, na atualidade, uma voz interior que remeta o sujeito a um limite, a uma lei que serve para todos, a uma lei universal, está em declínio. Entende-se assim que o desaparecimento de uma referência mítica quando não se percebe nenhum fator impedor para que se pratique o que der na cabeça é o que tem sustentado o aparente desaparecimento da culpa, quando se comete algum ato considerado ilegal.

É, no entanto, a função paterna que já no início da modernidade se vê ameaçada. A modernidade já traz como marca o declínio da função paterna que se apresenta de uma forma esvaziada simbolicamente. Segundo Žižek (2005, p. 64, tradução livre), “o poder contemporâneo já não se baseia

primordialmente na censura, mas na permissividade irrestrita”. Portanto, uma condição de desamparo se apresenta em destaque onde o apelo ao poder soberano vai silenciando, pois a referência ao soberano vai ser deslocada para o ideal de fraternidade, de igualdade. Há, desta forma, uma reorganização do tecido social onde o soberano (Agamben, 2002) não vai ocupar mais o lugar de proteção e a condição de desamparo fica mais em evidência.

Dentro desta nova estrutura, a sociedade moderna vai se organizar a partir do referencial da verdade científica, do mundo da razão, em oposição ao registro anterior baseado nas referências ao sagrado, onde os males e os medos eram justificados pela ira dos deuses. Com o advento do mundo científico, o sujeito é lançado num outro mundo, onde as verdades não são estabelecidas, pois cada nova descoberta pode transformar a verdade de ontem em engano. Assim, o desamparo torna-se o paradigma da subjetividade, na modernidade, sendo o preço pago pelo sujeito, o que a psicanálise vem fundamentar com o discurso do assassinato do pai da horda (Freud, 1913/1980i). A partir deste parricídio, o sujeito busca amparo na figura do pai ideal e do supereu que “se agigantam no psiquismo, assujeitando o sujeito aos seus imperativos mortíferos” (Birman, 2006, p. 164).

Os movimentos políticos a partir do reconhecimento desta condição de dependência do sujeito ao Outro, num mundo de incertezas, acabam por ocupar uma posição totalitarista que promove, então, as tiranias conhecidas como o nazismo, o fascismo, entre outras, que marcaram o século passado.

O que se estabelece é um poder tirânico onde o poder está sustentado na força, e não no saber. Assim, o que se põe em ação é uma relação autoritária havendo, portanto, um deslocamento, uma usurpação na

capacidade do sujeito de discernimento, pela via do saber, e que tem culminado nas passagens ao ato (Carneiro, 2009, tradução livre). “É quando os discursos perdem o sentido e quando a palavra oculta ao sujeito, a possibilidade de representar sua posição que se estabelece na mais pura barbárie” (Carneiro, 2009, p.95, tradução livre), acarretando na desregulação do laço social.

Os laços sociais vão ser organizados baseados neste desamparo. A posição deslocada do sujeito, com a queda do modelo a partir do poder soberano, descortina a condição de vida nua⁶ na qual se encontra a subjetividade, na contemporaneidade. Diante de um panorama social difuso, o excesso pulsional toma corpo sendo um dos seus efeitos a violência que tem assolado o mundo e tornado-se lugar comum.

A violência repete-se assumindo um caráter imperativo de gozo, pondo o psiquismo numa repetição incansável como numa tentativa de se livrar do mal estar que lhe atormenta diante de um mundo aparentemente sem limites (Lebrun, 2004), um mundo organizado numa nova relação com a lei onde o sujeito lança mão da passagem ao ato demonstrando sua fragilidade como consequência do esvaziamento simbólico. O excesso torna-se o regulador das relações com sua característica incontrollável de irrupção, de desmesura e que vem limitar as possibilidades de simbolização do psiquismo.

O psiquismo, e por consequência os relacionamentos estabelecidos a partir desta dimensão de excesso, acaba sendo uma tentativa de negar a ruptura psíquica, marca da falta constituinte do sujeito freudiano que o coloca

⁶ Vida nua é um conceito desenvolvido por Giorgio Agambem (2002) onde é objeto de garantia da liberdade, da constituição da esfera privada e de uma soberania do próprio indivíduo sobre a sua vida e, simultaneamente, garantia de soberania do soberano e do Estado sobre essa mesma vida nua, enquanto objeto de efetivação e inscrição do exercício do poder soberano.

no circuito desejante. Como esta falta nunca pode ser tamponada, o que fica em evidência é o excesso do vazio que o sujeito tenta encobrir desesperadamente e que a violência ocupa lugar privilegiado como recurso último do existir (Birman, 2006).

Um estado de barbárie parece então se instalar no contexto social onde privilegia esta lógica do excesso, em que o sentido do existir fica ameaçado e que apaga uma vida qualificada (*bios*)⁷, onde houve um deslocamento constitutivo do poder, antes na mão do soberano, estando agora disseminado entre os políticos, mas também entre representantes da sociedade civil:

A perda de referência no campo da soberania, no registro estrito do Estado-nação e do descentramento do poder, teve o efeito de provocar a perda do suporte sobre o qual se realizava a ordenação da subjetividade, de maneira que com isso as individualidades se viram então lançadas numa condição de desalento significativo (Birman, 2006, p. 207-8).

Birman (2006) diferencia o desamparo de desalento onde considera que o desamparo é atravessado ainda pela referência ao poder e a alteridade como pontos constitutivos da subjetividade enquanto que o desalento estaria desprovido destes referenciais e que esta ausência de referência do outro joga o sujeito nesta condição de desalento.

O que anteriormente estava centralizado na figura do pai como referência constitutiva da subjetividade, na pós-modernidade, é deslocado para a multiplicidade de referências. Contudo, tal ordenamento põe em risco o

⁷ Agamben (2002) desenvolve a ideia de *bios* como sendo a forma própria de viver de um indivíduo ou de seu grupo diferenciando de *zoe* que se refere ao simples fato de viver comum a todos os seres vivos.

processo civilizatório, pois atender a diversos apelos, às vezes contraditórios, lança o sujeito num desamparo maior. A tentativa em romper com as hierarquias e estabelecer relações simétricas, onde os ideais igualitários são almeçados como fruto deste descentramento do poder, tem apontado falhas quando os processos alteritários são marcados por um constante mal estar em relação ao outro (Birman, 2006).

Freud (1921/1980f) considera o Outro como polaridade crucial na produção da subjetividade, embora o termo Outro (grande Outro) seja introduzido por Lacan (1954-55/1985a). Este Outro vai estar sempre na construção psíquica do sujeito. A figura do líder aparece como referencial que transforma a massa amorfa numa unidade que pode perder seu encanto a qualquer momento com este líder que não atende suas expectativas, assim como se vê nas relações que as torcidas estabelecem com os técnicos e jogadores. Há a princípio uma fase de identificação com este representante, quando um fascínio se estabelece, e a grande massa se vê reconhecida debaixo de uma grande bandeira. Contudo, algo fugindo ao interesse da massa, lança o descrédito neste referencial de poder, perdendo assim seu carisma (Freud, 1921/1980f). Esta relação estabelecida com o líder não deixa de ser uma tentativa em restabelecer uma referência ao poder soberano. Porém, diante de seu aparente fracasso, novamente a massa se vê no seu desamparo, entregue a uma angústia quando este líder não sustenta esta posição, correndo o risco de que posições centradas no individualismo sejam deflagradas colocando a relação da massa em estado de radicalizações, onde a violência se manifesta.

Diante deste cenário, Birman (2006) considera que “as subjetividades teriam que tecer agora laços sociais horizontais” (p. 212). Neste sentido, o sujeito teria de confrontar-se com seu efetivo desamparo e enfrentar a ausência deste soberano que subsumiu.

Ora, se a lei tem a função de pacificar o sujeito, uma vez que lhe concede uma referência, como fica então o sujeito diante da atual fragilidade da lei enquanto limitadora do gozo? É com este questionamento que introduzimos a discussão sobre a relação entre o gozo e a lei.

1.2 O gozo e a lei

No decorrer de sua trajetória clínica e teórica, Freud (1915/1980d) aponta também as pulsões como fundantes da estrutura do sujeito. Parte de uma compreensão a partir da biologia para entender a necessidade de satisfação da pulsão.

A pulsão (*trieb*), palavra de origem alemã é sempre reconhecida pelos seus representantes, ou seja, a ideia e o afeto. O termo é usado por Freud desde 1905 que o considera como conceito limite entre o psíquico e o somático, é meio física e psíquica, daí seu caráter mitológico. O objetivo de toda pulsão será sempre a satisfação que é atingida com a diminuição da pressão. Esta pressão emana da própria pulsão. Já em relação ao objeto da pulsão nada há de definido. Na verdade, é o que há de mais variável. Qualquer objeto pode ser objeto da pulsão, podendo-se assim afirmar que nenhum objeto é, especificamente, objeto da pulsão (Freud, 1915/1980d). Daí Lacan (1956-57/1995) chamar a pulsão de parcial. Como a pulsão não possui um

objeto específico, a satisfação nunca é atingida em sua plenitude permitindo assim uma busca indefinida.

Freud, ao longo de sua obra, a partir de uma concepção de dualismo pulsional, vai apresentar várias classificações. No início, denomina as pulsões sexuais que são regidas pelo princípio do prazer *versus* as pulsões de auto-conservação (1915/1980d), que trabalham a serviço do eu no sentido de preservação do indivíduo. Depois, com o conceito de narcisismo, Freud (1914/1980h) percebe que o Eu é da ordem do sexual, portanto, libidinizado; é um objeto de investimento narcísico. Com esta descoberta, Freud revê sua primeira concepção do dualismo pulsional até que, em 1920, Freud une as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação num mesmo grupo denominado de pulsões de vida, as quais se opõem à pulsão de morte, cuja energia é a destrutividade. Vê-se, portanto, que o conflito psíquico permanece onde o sujeito é convocado insistentemente a fazer escolhas.

Lacan (1959-60/1997) foi quem introduziu o conceito de gozo na escrita psicanalítica, mas, Freud já apontava para sua concepção quando, em 1920, nomeia a pulsão de morte apontando que haveria um certo prazer em atividades humanas que remetiam à dor, à repetição, a uma satisfação mórbida, sendo o gozo algo que deveria estar inacessível ao sujeito, lhe sendo proibido pela lei. Neste sentido, há uma diferenciação entre prazer e gozo, sendo o prazer aquilo que de certa forma viria fazer uma resistência ao gozo. Freud afirma que este desejo inconsciente também correspondia a outras satisfações para além das necessidades do sujeito, ou seja, não estaria posto em função somente da realização de algo prazeroso para o sujeito (Roudinesco & Plon, 1998, p. 299).

Na sua teorização sobre o desejo, Lacan (1953-54/1986), influenciado pela temática hegeliana, apresenta o desejo como desejo do Outro. O sujeito já lançado na sua solidão procura recuperar o objeto perdido através de atos repetidos - *fort-da* – (Freud, 1920/1980a) como forma de estabelecer uma relação com este Outro: “É realmente já em sua solidão que o desejo do filho do homem torna-se o desejo de um outro, de um *alter ego* que o domina e cujo objeto do desejo é, doravante, seu próprio sofrimento” (Lacan, 1953/1998b, p. 320). Desta forma, a liberdade humana está sujeita à renúncia ao desejo do Outro, deste desejo que é efêmero, que se deixa reconhecer por instante para novamente perder-se neste Outro.

Lacan (1957/1998a, p. 499), num segundo momento, apresenta a linguagem como formadora deste sujeito estando o desejo sujeito ao Outro do significante onde “é por meio da palavra que o desejo é levado à existência, a partir de suas representações lingüísticas” (Valas, 2001, p. 16) sendo o desejo aquilo que insiste no inconsciente.

No Seminário VII, Lacan (1959-60/1997) vai fazer uso do termo gozo segundo um referencial jurídico que se origina da ideia de uma distribuição, repartição do gozo. O gozo é aquilo que não é dizível, não representável, pois é da ordem do real. É o desejo enquanto submetido à lei que age como defesa do sujeito em relação ao gozo.

É mediante a falta que o desejo se manifesta. É na falta que o sujeito nasce, se constitui. É através do vazio que esta falta produz, é da perda inicial que o psiquismo se forma.

Retomando o exemplo do bebê humano, se a mãe não lhe deixa faltar nada, se ela pudesse satisfazer todos, e totalmente, os desejos de seu bebê,

não existiria espaço para que este bebê manifestasse suas demandas. Para que isso não ocorra, a mãe precisa faltar, caso contrário, a existência deste bebê seria um lugar de infelicidade, de desolação, pois ao bebê não caberia nada. Seria o próprio encontro com *das Ding*, a Coisa, apresentado por Lacan como um objeto que representa “o Outro absoluto do sujeito” (Lacan, 1959-60/1997, p. 69) que nunca é reencontrado, que está “fora-do-significado” (p.71), é o “Outro pré-histórico” (p.73). O sujeito se organiza em função de representá-lo embora lhe seja impossível, de encontrar algo que foi perdido e que Freud vai nomear de “objeto perdido” (p.76), sendo o princípio de prazer que vai agir como sistema regulador de tal busca.

De certo modo, pode-se dizer que para o sujeito existir é preciso que haja desejo, e para o desejo existir é preciso que haja a falta.

O passo dado por Freud, no nível do princípio do prazer, é o de mostrar-nos que não há Bem Supremo – que o Bem Supremo, que é *das Ding*, que é a mãe, o objeto do incesto, é um bem proibido e que não há outro bem (Lacan, 1959-60/1997, p.90).

Assim, o sujeito só vai existir na ordem da cultura, pois é na cultura que a lei se exerce e que tem como função principal a proibição do incesto fundamental, a proibição do desejo pela mãe que, segundo Lacan (1959-60/1997), se satisfeito, aboliria a demanda que estrutura o inconsciente. É em nome desta ética que um laço encadeia, ordena e constitui a lei da sociedade, ou seja, a partir de uma lei do inconsciente e que está diretamente relacionada com a estrutura do desejo, desejo este que está totalmente articulado numa teia simbólica. Por isso:

se algo, no ápice do mandamento ético, termina de uma maneira tão escandalosa para o sentimento de alguns, articulando-se sob a forma do *Amarás teu próximo como a ti mesmo*, é por ser próprio à lei da relação do sujeito humano consigo mesmo que ele se constitua, ele mesmo, como seu próprio próximo em sua relação ao seu desejo (Lacan, 1959-60/1997, p. 97).

No entanto, o gozo estaria para além ou aquém do que está articulado com a lei, pois visa ultrapassar os limites, parte do direito de gozar do outro, quem quer que seja. No gozo, o sujeito está entregue a este Outro cruel que fica assujeitado aos seus caprichos. É como Sade se apresenta: “Tenho o direito de gozar do teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (Kant, 1788, citado por Lacan, 1962/1998d, p.780).

Enquanto o desejo é correlato à lei, o gozo implica a transgressão. Implica em ir além de uma barreira. Se o sujeito se apresenta a partir de uma referência à lei, então pode-se dizer que o gozo leva ao desaparecimento deste sujeito. Neste sentido, a relação estabelecida com o próximo sofre ameaça de abuso. O sujeito fica em estado de dívida com a lei, pois “todo exercício de gozo comporta algo que se inscreve no livro da dívida na Lei” (Lacan, 1959-60/1997, p. 216). Mas o que está em questão é pensar na:

natural tendência humana relativa à maldade, à agressão, à destruição, e, portanto, também à crueldade.... O homem, com efeito, é tentado a satisfazer no próximo sua agressividade, a explorar seu trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apropriar-se de suas posses,

humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (Lacan, 1959-60/1997, p. 226).

É este o mal estar que circunda a civilização, pois o mal que se vê no próximo há também no próprio sujeito, o qual Lacan vem chamar de gozo do próximo, gozo nocivo, gozo maligno, “que vem no lugar mesmo da Lei esvanecida” (1959-60/1997, p.227). Então, o gozo se apresenta como a satisfação da pulsão de morte (1959-60/1997, p. 256), reafirmando o pensamento freudiano, segundo o qual, “o princípio do prazer parece, na realidade, servir às pulsões de morte” (Freud, 1920/1980a, p. 85).

Esta pulsão de morte também remete ao masoquismo primário erógeno (Freud, 1924/1980e) aquele das relações ambíguas entre prazer e dor, em que mesmo na dor, no desprazer, pode haver uma relação de satisfação. Assim, “aquilo da lei que devia afastá-lo da desmesura pulsional do *isso*, o conduz novamente ali, na gula do dever masoquista” (Gerez-Ambertín, 2003, p. 124). A autora refere-se aqui ao supereu que é herdeiro do Complexo de Édipo e do *isso* e que vem no lugar da lei. Supereu que é imperativo de gozo. “Nada força ninguém a gozar, senão o supereu” (Lacan, 1972-73/1985a, p. 11), aquele que “troca o prazer por gozo” (Braunstein, 2007, p. 45).

Lacan (1966, inédito, citado por Valas, 2001) ao abordar questões sobre o gozo define o corpo como lugar de gozo por excelência:

O gozo só se apreende, só se concebe daquilo que é corpo.... O que nos indica o princípio de prazer, se há um temor, é o de gozar, sendo o gozo uma abertura em que não se vê o limite. De qualquer forma que se goze, bem ou mal, só a um corpo cabe gozar ou não gozar (p. 99).

Lacan se pergunta, no início do Seminário XX, o que é o gozo, respondendo que “é aquilo que não serve pra nada” (Lacan, 1972-73/1985a, p. 11), mas que temos o direito de usufruí-lo. Lacan vai caracterizar o gozo como sendo do Um, que, para Braunstein (2007, p. 50), “é do Um, mas desse Um não há prevenção possível, se não for a partir do enfrentamento com o Outro e com a divisão instalada no Outro entre seu desejo e seu gozo”.

Lacan (1972-73/1985a) elabora sua teorização do gozo a partir de vários tipos de gozo - gozo do Outro, Outro gozo, gozo do corpo, gozo não-todo -, através de vários modos de gozar, mas todos se referindo a um gozo somente.

O gozo do Outro se reporta a um gozo interdito, impossível: “não é que o Outro não deixa gozar, mas o gozo também falta ao Outro, a completude nada mais é do que um fantasma do neurótico” (Braunstein, 2007, p. 100); é um gozo do corpo do Outro, ou seja, “gozar tem esta propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro” (Lacan, 1972-73/1985a, p. 35). Este modo de gozo situa-se na interseção do imaginário e do real, sem mediação simbólica (Braunstein, 2007, p.132).

O gozo fálico “inscreve-se na articulação do real, do que resta da Coisa” (Braunstein, 2007, p. 106). É o gozo que está fora do corpo. É determinado a partir de uma cifragem linguageira do gozo corporal que acontece ao nível do inconsciente (Valas, 2001). Para Valas (2001, p. 59), trata-se de “uma experiência do real deixando uma marca, um traço gravado no corpo” e que vem como suplência à falta do gozo.

O mais-de-gozar representa uma parte do gozo que escapa aos ditames do significante e também a um resto perdido. Representado pelo objeto *a*, tem sido o modo de gozo mais comum na sociedade atual em que o objeto tem a

função de completar o sujeito, o sujeito aqui se encontra alienado em sua relação com o objeto *a* – o mais-de-gozar “é esse gozo que é a razão de ser do movimento pulsional e, ao mesmo tempo, o que o sujeito perde, seu *minus*, a libra de carne” (Braunstein, 2007, p. 58).

E, por último, o gozo chamado de feminino, enigmático, não-todo, que Lacan (1972-73/1985a) chama de gozo suplementar, estando mais-além do falo. Assim, está ausente da linguagem, fora do simbólico (Valas, 2001, p. 88). O desmentido do gozo feminino como Outro gozo é, segundo Braunstein (2007), a essência da perversão, “a crença de que não há outro gozo além do fálico” (p. 128).

A guisa de conclusão deste capítulo procuramos, portanto, argumentar como a lei se apresenta, em muitos momentos, desqualificada, abrindo passagem para a manifestação da violência, em que o imperativo Goza! se suplanta, onde a lei do pai, da qual decorre uma renúncia, parece estar em declínio. Este quadro parece afetar a formação dos laços sociais na atualidade onde as relações se estabelecem a partir de um referencial anômico, tema este que estaremos abordando no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2:**RELAÇÕES ANÔMICAS E SUAS INTERFERÊNCIAS NO LAÇO SOCIAL**

A relação estabelecida com o gozo reflete na forma como o Outro aparece na atualidade. Hoje, se faz necessário estabelecer um novo recorte já que a proposta da sociedade não admite a interdição, ou não quer admiti-la, propondo um ideal de igualdade a todos onde se pode pensar numa negação do Nome-do-Pai (Lacan, 1955-56/2008a). Hoje, há uma falha na representação do Nome-do-pai. Conseqüentemente, resta pensar como, na atualidade, pode-se estabelecer a relação com a autoridade, com o saber, com o outro do laço social, com o mais-de-gozar (Lacan, 1968-69/2008b), ou seja, com os objetos colocados em xeque-mate pela sociedade moderna, quando os ideais de igualdade são os parâmetros. Considerando que o sujeito na sua essência é um ser faltante, a condição de dependência ao Outro, na ordem cultural-social em vigor, é negada onde o incentivo à autonomia é cada vez mais estimulada.

2.1 A Dinâmica dos Laços Sociais a partir de relações anômicas

Este momento histórico, considerado por (Lyotard, 2000) como pós-moderno – fruto do contínuo desenvolvimento da ciência, da tecnologia, do abandono do discurso religioso pelo discurso científico, pela substituição da “relação mestre-sujeito” por uma “relação saber (acéfalo)-sujeito” (Lebrun, 2004, p. 53) – tem sido regido pela satisfação imediata e tem o bem estar como grande lema. A dinâmica relacional pautada na exacerbação do individualismo impera e uma deterioração do laço social se manifesta. A lei que vigora é a do

cada um por si, do salve-se quem puder, do olho por olho e dente por dente, do eu quero é me dar bem, do tem de ser do meu jeito. A partir deste referencial, o processo identificatório sofre mudanças em detrimento de uma organização interna psíquica mais fortalecida.

Uma sociedade que apresenta uma multiplicidade nos padrões de comportamento e uma relação efêmera com o outro, levando para os relacionamentos a mesma postura adotada pela indústria do descartável, é uma sociedade que, segundo Roudinesco (2000, p. 16), “quer banir de seu horizonte a realidade do infortúnio... procurando integrar num sistema único as diferenças e as resistências”. Na trajetória escolhida por esta sociedade, há a possibilidade de mais desencontros do que encontros. É um salve-se quem puder. Com a falta de referenciais claros, acaba-se provocando um constante sentimento de angústia que potencializa relações frágeis e que abre espaço para a manifestação da violência. A derrocada dos modelos anteriores, caracterizados por relações baseadas no autoritarismo, deixou uma lacuna que tem levado a uma crise paradigmática quanto às questões relacionadas ao posicionamento do sujeito perante a lei. Os mitos e as crenças desaparecem. A razão aparece escamoteada. A relação com o próximo sofre danos (Roudinesco, 2000).

Um aparente estado de exceção tem caracterizado as relações estabelecidas na sociedade contemporânea o que acaba interferindo na formação dos laços, estes tendendo a uma organização de maneira anômica. Um totalitarismo se estabelece a partir do subjetivo, pela ênfase no personalismo. É o mundo dos emergentes, das celebridades, dos *mega-stars*, onde cada um estabelece uma maneira particular, com leis próprias.

Para Agamben (2004), o mundo contemporâneo encontra-se próximo do modelo dos campos de concentração que se caracterizam como espaços onde a exceção se manifesta na sua pureza, predominando o paradigma biopolítico, em que a lei determina sua própria auto-suspensão:

uma zona de indiferença, em que dentro e fora não se excluem mais se indeterminam. A suspensão da norma não significa sua abolição e a zona de anomia por ela instaurada não é (ou, pelo menos, não pretende ser) destituída de relação com a ordem jurídica (Agamben, 2004, p. 39).

No estado de anomia, há a presença da lei, porém apenas com seus resquícios. Neste sentido, segundo Carneiro (2008a), este estado de anomia reflete a ausência demasiada do Outro, e, como consequência, um excesso da falta. Há um mínimo da lei que se mantém porque o aparelho psíquico necessita de um mínimo de tensão para que funcione. Contudo, a satisfação da pulsão sai de um referencial parcial para uma sensação de totalização característica deste estado anômico. A exceção então surge neste cenário como um mal necessário para que o desejo se manifeste.

É a partir do pai devorador, do pai tirânico de Totem e Tabu (Freud, 1913/1980i), o qual se apresenta como exceção, que um limite pode ser percebido, uma zona de indiferenciação pode desaparecer, a lei pode ser instaurada e que o desejo pode se manifestar. O reconhecimento desta condição humana abre espaço para a construção de laços, pois é a lei que vem barrar o gozo desmesurado.

Durkheim, contemporâneo de Freud, deu destaque ao conceito de anomia. A história deste conceito aparece desde o século XVI com o

historiador William Lambarde que entendia a anomia como “uma condição de certas sociedades, que traz desordem, dúvidas, e incertezas sobre todos” (Meireles, 2004, p. 70). De acordo com Meireles (2004), o conceito reaparece com Durkheim, a partir de 1893. Para este autor, a anomia “é o resultado da ruptura entre objetivos individuais culturalmente estabelecidos e os meios socialmente instituídos para alcançá-los” (Meireles, 2004, p. 15). Durkheim vai propor este conceito a partir das mudanças que ocorriam na França provocadas pelas alterações sócio-econômicas resultantes do processo de industrialização. Eram tempos de grandes inovações também com o avanço da tecnologia. Neste sentido, a anomia aparece imbricada na lógica do progresso da sociedade.

Girola (2005) aborda a obra de Durkheim a partir de uma referência a uma descrição das características e o diferencial dos signos que constituem a sociedade por ele analisada. Segundo Girola (2005), anomia foi um dos conceitos que teve maior repercussão nos estudos da sociologia, principalmente nos Estados Unidos, sendo tomado como conceito explicativo para os desajustes nas grandes cidades, como também, no terceiro mundo, para explicar o não atingimento de metas valorizadas socialmente e seu precário desenvolvimento. Assim, o termo passa a ser utilizado indiscriminadamente sendo desgastado no seu sentido.

Para Girola (2005), mesmo na obra Durkheimiana, o termo vai se modificando como uma “*enfermedad del infinito*” (p.25). Durkheim desenvolve sua ideia sobre a anomia a partir de seu texto O suicídio, que foi publicado em 1897. Para ele, a repressão é um fenômeno histórico que se manifesta de formas diferentes e em diversas épocas e que sua falta ou excesso vai produzir

efeitos profundos nas pessoas, podendo conduzi-las tanto à felicidade como ao suicídio. A anomia, neste contexto, aparece como uma carência ou labilidade dos limites impostos socialmente; a não vigência ou inexistência de regras e normas morais. Não é possível uma sociedade sem normas. Para Durkheim:

Os homens não estariam dispostos a limitarem os seus desejos acaso julgassem autorizados a ultrapassarem o limite que lhes é imposto.... Tem de ser, portanto uma autoridade que respeitam e diante da qual se curvem espontaneamente a impor-lhes essa lei. Só a sociedade pode desempenhar este papel moderador (1897/1977, p. 286).

Segundo Durkheim (1897/1977), o isolamento e os laços sociais débeis estão diretamente relacionados com o egoísmo, mas são fenômenos frequentes nas sociedades industriais e não devem ser confundidos com a anomia, pois a anomia não está ligada à falta de coesão social e sim com a falta de limites impostos socialmente, ou com a desregulação dominante nas áreas de mudanças rápidas e extremo dinamismo.

Contudo, é esta sociedade que não tem estabelecido parâmetros claros de convívio. Certo afrouxamento nas normas se estabelece. Assim, onde “os desejos não podendo ser refreados por uma opinião desorientada, já não sabem onde estão os limites que não devem ultrapassar” (Durkheim, 1897/1977, p. 292).

Freud (1930/1980b), quando discorre sobre a terceira fonte de sofrimento humano, trata da inadequação das regras que orientam os relacionamentos humanos. Aí ele já apontava a fragilidade destes regulamentos, que são estabelecidos por nós mesmos, quando tais

regulamentos não representam proteção nem benefícios para o próprio sujeito. É a partir deste contexto que ele chega a afirmar que “nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça” (Freud, 1930/1980b, p. 105). De certa forma, podemos pensar que há uma impossibilidade inerente à própria construção da civilização em dar conta das ambivalências dos anseios humanos fato este que favorece o ultrapassar os limites organizados socialmente, e, se estes não estiverem bem solidificados, um estado de anomia fica mais facilmente possível.

Merton (1970, citado por Meireles, 2004) avança no conceito de anomia dando-lhe uma dimensão psicológica. Ele considera que a cultura pode levar “os indivíduos a centrar suas convicções emocionais sobre o complexo de fins culturalmente proclamados, com muito menos apoio emocional para os métodos prescritos para alcançar tais fins” (p. 16), o que vem demonstrar a crise da sociedade contemporânea.

Segundo Girola (2005), Merton aprofunda como também modifica as ideias de Durkheim com respeito à anomia. Merton estudou a anomia como uma característica crucial da sociedade americana. Ele questiona-se como determinadas estruturas sociais exercem pressão sobre certas pessoas que adotam uma postura inconformista (Merton, 1972, citado por Girola, 2005).

É Merton que relaciona a anomia como processo cultural com a estrutura de classe e com a estrutura de poder e dominação. Merton chama atenção à ênfase dada ao êxito, mas existem setores da sociedade que se sentem excluídos da possibilidade de acesso. Daí, é como se essa mesma sociedade convidasse à transgressão, a adotar meios indevidos, proscritos, mas eficazes. Assim, “a conduta ilegal, longe de ser uma manifestação social

ou psicológica anormal, é na realidade um fenômeno muito comum” (Merton, 1972, citado Girola, 2005, p. 69).

Há, portanto, uma falta de congruência entre a cultura e a estrutura social, onde as camadas menos privilegiadas adotam meios ilícitos para conseguirem o que é considerado exitoso já que não possuem acesso, por meios legais, de alcance de ser uma pessoa de êxito.

Outro teórico que também desenvolve o conceito de anomia é Bleger (1963, citado por Meireles, 2004) o qual integra à noção de anomia o conceito de alienação a partir dos referenciais teóricos elaborados por Marx, Rousseau, Feuerbach, e, principalmente por Hegel. Para ele, a anomia deve ser entendida como “o estado de desorganização social em que os indivíduos se sentem incapazes de integrarem-se em relações sociais, têm o sentimento de viver uma vida vazia, de não serem felizes” (Bleger, 1963, citado por Meireles, 2004, p. 66).

Esta alienação produz uma coisificação do homem onde este se aliena de suas qualidades enquanto humano, esvaziando-se. Ao objeto é dado poderes humanos e os sujeitos ficam submetidos a esta potência do objeto que agora lhe parecem estranhos. A anomia viria como manifestação da fragmentação do eu, fruto da divisão esquizóide, conceito elaborado por Melaine Klein a quem Bleger se filia (Meireles, 2004).

Uma outra autora que aborda a questão da anomia é Fernandez (1996) que desenvolve uma compreensão sobre a anomia a partir da leitura de uma sociedade que se mostra incapaz de frear as paixões humanas. Para Fernandez (1996), a anomia não advém da ausência de regras, mas da ausência de freios. Não se trata, portanto, de uma desordem social, mas de um

corpo social adoecido. Indica “o relaxamento da inscrição da sociedade no psiquismo” e que diagnostica o “estado das paixões humanas” onde ocorre uma “degradação da encarnação psíquica do Outro” (Fernandez, 1996, p. 76).

Dahrendorf (1987) vai defender a tese de que a lei e a ordem representam o principal objeto de conflito nas sociedades desenvolvidas, num mundo em que se expandem os direitos de cidadania e as ideias iluministas grassam. Para Dahrendorf (1987), a anomia se constitui como uma ameaça à liberdade, pois “cria um estado de medo e pede um estado tirânico como remédio” (Dahrendorf, 1987, p. 15). O autor questiona se a erosão da lei e da ordem necessariamente conduziria à anomia. O fato, no entanto, é que há uma percepção generalizada de problemas sérios em torno da lei e da ordem ultrapassando seu status de normalidade.

O significado real da erosão da lei e da ordem é atribuído ao aumento da ausência de punição efetiva e sistemática sendo campo propício para a manifestação da anomia, onde a impunidade torna-se a norma, instalando-se um ambiente de incerteza quanto ao que se esperar do outro.

Como se pode observar, a anomia, a partir da leitura destes autores, vem favorecer uma posição do sujeito, frente a um mundo que se apresenta com leis maleáveis, que o invoca a estar mais centrado em si, numa referência voltada mais para uma interioridade, já que o mundo ao seu redor encontra-se em constante desarranjo. Neste sentido, as novas configurações que vão surgir nos mais diversos grupos sociais são pertinentes ao contexto social em que estão inseridas sendo as torcidas organizadas mais um destes movimentos, dentre outros, o qual estabelece suas próprias leis. O social como um todo normatiza suas leis de maneira superficial o que vai comprometer a formação

do laço social, pois o que impera é um desejo indisciplinado em que os apetites afloram e o que vai prevalecer é o atendimento à ordem da necessidade (Lacan, 1964/1998e), da natureza, em detrimento do sujeito do desejo.

Concluimos este tópico considerando que a dinâmica dos laços sociais sofre danos quando o que impera é a ordem da necessidade estabelecida, num contexto anômico em que a lei “baixa a guarda”, dando margem ao afrouxamento dos limites nas relações que o sujeito estabelece com o próximo. Assim, se estabelecem desafios aos anseios civilizatórios, donde os vínculos precisam ser amalgamados a partir da lei do desejo.

2.2 Laço social desagregado

O relacionamento humano foi considerado por Freud (1930/1980b) o grande desafio da civilização sendo causa de grande sofrimento, pois requer sempre uma renúncia pulsional que se caracteriza por uma perda real de gozo. A ética proposta pela psicanálise perpassa pela falta, pela perda do *objeto a* que é causa do desejo. O sujeito enquanto desejante se estabelece exatamente a partir da falta, de não ser completo, contrariando assim o ideal proposto pela sociedade de consumo onde impera a ditadura do ter. A psicanálise, no entanto, vai trabalhar a partir da “falta-a-ter, que se chama desejo” (Quinet, 2006, p.22).

Com o aparente declínio do pacto social baseado na concepção da falta, pois, segundo Freud (1930/1980b), a lei não tem sido capaz de dar conta das manifestações da agressão humana, o que acaba prevalecendo é o direito de posse do outro, no sentido de gozar do corpo do outro, de usá-lo sexualmente

sem consentimento, de humilhá-lo, de causar-lhe sofrimento. Isto se mostra convergente à máxima sadiana extraída por Lacan (1962/1998d): “tenho o direito de gozar do teu corpo, pode-me dizer qualquer um” (p. 780).

O que podemos perceber neste contexto é que o relacionamento humano é pautado por uma agressividade peculiar sendo tal prazer concretizado no próximo, pois “não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis” (Freud, 1930/1980b, p. 136).

Diante, portanto, de uma lei que se apresenta esfacelada, anômica, inevitavelmente os laços sociais são ameaçados, pois o próximo aparece como alguém que se precisa eliminar já que não se pode suportar a diferença.

2.2.1 O próximo

É possível amar este que nem sempre me quer bem, que muitas vezes, deseja até o mal, que muitas vezes quer gozar através de mim ou que é diferente de mim? Os laços sustentados nesta trama social trazem desafios ao sujeito na contemporaneidade.

É interessante considerar que o ser humano não sobrevive se não houver Outro que o reconheça em sua existência, que o nomeie. O humano é fundado, é banhado na alteridade. Não há como prescindir deste Outro sem colocar em questão a própria sobrevivência. Não tem como fugir de sua condição de dependência deste Outro que o acolhe. No seu desamparo, é o Outro que pode dar sustentação à sua existência, que o confirma ou não, que o reconhece ou não. O ser humano não dá conta de si mesmo.

A participação em um grupo remete à necessidade de pertencimento, de reconhecimento que o ser humano tem. Na sociedade atual, onde nada parece ser perene, onde as transformações são constantes, onde se vive um mundo de incertezas, participar de algum grupo vem ao encontro desta necessidade de segurança, proteção, pertencimento, como âncora para o sentimento de vulnerabilidade que o sujeito se vê exposto. Contudo, na atualidade, os grupos se organizam em torno de eventos que são passageiros, de espetáculos onde a “paixão é o único cimento que mantém a união dos fiéis” (Bauman, 2003, p. 63). São grupos vulneráveis. A “*não-permanência e a instabilidade*” (Bauman, 2003, p.65) já são movimentos esperados, o efêmero é sua marca. O momento do espetáculo os seduz tornando-se a chance de sentirem-se participantes, de se acharem plenos diante de uma massa indeterminada, mas que se torna visível pelo número. A durabilidade dos laços não é o objetivo, a experiência, o fortuito, o instante passageiro é o que marca as relações.

Os ídolos realizam um pequeno milagre: fazem acontecer o inconcebível; invocam a “experiência da comunidade” sem comunidade real, a alegria de fazer parte sem o desconforto do compromisso. A união é *sentida e vivida* como se fosse real, mas não é contaminada pela dureza, inelasticidade e imunidade ao desejo individual que Durkheim considerava atributos da realidade, mas que os habitantes móveis da extraterritorialidade detestam como uma intromissão indevida e insuportável em sua liberdade. Os ídolos, pode-se dizer, foram feitos sob encomenda para uma vida fatiada de episódios. As comunidades que se formam em torno deles são comunidades instantâneas prontas para o consumo imediato – e também inteiramente descartáveis depois de usadas (Bauman, 2003, p.66).

Se o que mobiliza o sujeito após o advento da modernidade, já apontado por Freud (1930/1980b), é a promessa de felicidade, então, o sucesso, a busca do prazer se torna o principal objetivo da vida do sujeito, independente de que para alcançar seu objetivo tenha de negociar princípios éticos, “eliminar” o poder constituído. A injustiça não é mais vista como uma lei que foi transgredida, uma norma que foi desrespeitada, mas como algo que foi retirado do sujeito, ou negado da possibilidade de desfrutar algum tipo de prazer.

A ética vigente passa a ser a do direito à felicidade, de uma felicidade não negociada, de um prazer não adiado. Passa a ser um dever, uma obrigação a busca da felicidade. “A percepção da injustiça e das queixas que ela faz surgir, como tantas outras coisas nestes tempos de desengajamento que definem o estágio líquido da modernidade, passou por um processo de *individualização*” (Bauman, 2003, p.79). O grupo se destitui, o coletivo se esvanesce, desaparecem as referências. O *ethos* particular, individual se normatiza. Cada um se coloca como dono de seu próprio destino. Cada um estabelece sua própria lei (Agamben, 2004) onde a ausência do Outro se presentifica, onde as diferenças são negadas, onde a alteridade é intolerada e onde na ausência de norma, o excesso se torna a própria norma.

Quando se pensa na violência que é desferida ao outro, se pode pensar num pedido de reconhecimento que o sujeito tenta manter com o Outro, como um pedido de socorro, como uma demanda de reconhecimento, mas também, remete a uma impossibilidade de diferenciação, uma dificuldade na separação deste Outro. Desta forma, o sujeito se vê alienado no desejo do Outro (Lacan, 1956-57/1995). Como ambos não podem gozar ao mesmo tempo, acabam muitas vezes tornando-se inimigos.

Para que a destruição do próximo de fato não aconteça conta-se com a intervenção de uma lei que organize as relações na sociedade tornando assim a vida possível. Há um limite posto para que o sujeito não fique entregue a si mesmo, aos dismantelos da pulsão de morte.

O homem que não tem a capacidade de ser membro de uma sociedade ou que não experimenta de modo algum a necessidade disso porque se basta a si mesmo não faz parte da pólis e conseqüentemente, é um bruto ou um deus (Aristóteles, 1252, citado por Vegh, 2005, p.17).

Neste sentido, se pode reconhecer uma exigência, um imperativo de um gozo onde se despreza a necessidade do outro que é tomado como objeto de satisfação. Seguindo esta lógica, a sociedade se firma na ênfase no ter, em detrimento do ser, e o imperativo de consumir vem como proposta de satisfação ao mal estar.

Sob essa perspectiva do consumo, abordaremos, na sequência, a construção discursiva que sustentam os laços sociais na atualidade.

2.2.2 Os laços sociais e o Discurso do Capitalista

Freud (1930/1980b) apontava o relacionamento humano como causa de maior sofrimento sendo o mal estar na civilização o mal estar dos laços sociais (Quinet, s/d). No entanto, os laços sociais passam por modificações de acordo como cada sociedade vai se organizar a partir dos discursos. Os sujeitos dependentes dos discursos que ditam a realidade, muitas vezes se encontram alienados, aprisionados frente aos imperativos de gozo, próprio do discurso do

capitalista (Lacan, 1969-70/1992), em que a falta é negada. É nesta perspectiva que as relações de amor e ódio passam a constituir a essência dos laços sociais por não suportar a ideia de não ter o que o outro tem.

Lacan (1969-70/1992) trabalha com a formação dos laços sociais a partir de quatro discursos: do Mestre, do Universitário, do Analista e da Histórica, demarcando assim a condição linguageira do humano, ou seja, perpassada pelos efeitos do significante.

Os discursos são montados numa estrutura de “quatro patas” (Lacan, 1969-70/1992) que se referem a quatro elementos, quatro lugares, quatro discursos que ocorrem no seio da linguagem. É na linguagem que o sujeito se constitui, pois é um ser atravessado pelo simbólico.

Os elementos que compõem a estrutura quadrática proposta por Lacan (1969-70/1992) são: S1, S2, \$, a, e que, dependendo do discurso, ocupam posição diferente. S1 representa o significante-mestre que marca o sujeito pela ação do significante. S2 representa o saber, saber este da ordem do inconsciente, ou seja, um saber que não se sabe. \$ vem no lugar do sujeito barrado, então, quer dizer que se trata de um sujeito dividido, castrado. E, a, que representa o objeto a, ou seja, causa de desejo ou mais-de-gozar (Lacan, 1968-69/2008b), refere-se àquilo que resta, que não é significado, o objeto perdido que vem representar a falta constituinte do sujeito.

A partir desta estrutura dos discursos podemos nos perguntar: Qual a posição que ocupa o sujeito vinculado ao movimento das torcidas organizadas frente ao próximo? É um sujeito que estabelece uma relação com o próximo segundo a lógica de ser barrado? Suporta a falta como condição inerente ao ser desejante?

É exatamente em torno desta falta que os discursos se articulam. Lacan (1968-69/2008b) afirma que “a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala” (p. 11), pois a instância do Real ultrapassa a importância das palavras. “É somente na medida do fora-de-sentido dos ditos que existo como pensamento” (p.13). Assim, os discursos vêm se estruturar a partir da renúncia do que se perdeu que Lacan (1968-69/2008b) vem chamar de *mais-de-gozar*. Os discursos, portanto, se estruturam da renúncia ao gozo sendo os mesmos que “detém os meios de gozar, na medida em que implica o sujeito” (p. 18).

Isso quer dizer que muitas vezes os atos, as condutas ou mesmo certas manifestações do sujeito dependem de “dizeres” essenciais sem que as palavras sejam necessárias. O *sujeito* não sabe quem os diz, nem mesmo de onde eles vêm, mas trata-se de um dizer que o impulsiona a agir, a atuar mesmo que isso cause sofrimento (Souza, 2003, p. 90).

Então, a partir de quais referenciais podemos pensar a implicação das torcidas organizadas, na teia social, frente ao discurso vigente?

Sabemos que o discurso do capitalista fomenta uma mudança nas relações, pois trabalha a partir de um imperativo de ter sempre mais, estabelecendo uma relação de nada perder, pois “há um *mais-de-gozar* a recuperar” (Lacan, 1969-70/1992, p. 48). O *mais-de-gozar* “é o que escapa ao processo de significação da fala – a significação fálica. Isso ocorre porque o significante não é suficiente para esgotar as significações do ser do sujeito” (Silva Jr., 2007, p.151)

Lacan vai trabalhar com este termo *mais-de-gozar* a partir da ideia de *mais-valia* desenvolvida por Marx, ou seja, daquilo que excede ao que é pago

ao trabalhador que, segundo Alberti (2001) trata-se de um resto impossível de simbolizar.

Com o conceito de mais-valia, Marx destacou algo que já estava no jogo capitalista.... Lacan partiu da lógica capitalista delineada na escrita de Marx para, também a partir daí, derivar o conceito de mais-de-gozar.... O discurso do capitalista corresponde a um deslocamento a partir do discurso do mestre. O gozo produzido neste discurso ganha uma feição contábil quando passa a valor relativo a um mercado.... No capitalismo, entretanto, o *plus-de-gozo*, produzido e condensado por meio do objeto *a*, ganhou o caráter de um *plus* de valor produzido e condensado em *mercadorias*. Lá onde estava o mais-de-gozar, adveio a mercadoria (Gonçalves, 2000, p. 31-32).

No discurso do mestre, o interesse era que as coisas funcionassem, já no discurso do capitalista o que vem importar é a “insaciedade como um modo de insatisfação do sujeito” (Gonçalves, 2000, p.74); insatisfação esta fomentada pelo triunfo do liberalismo econômico que, segundo Melman (2003), traz “uma mutação da relação com o semelhante, rompendo as solidariedades em proveito da concorrência e da agressividade” (p. 171) e que tem favorecido os mais variados tipos de violência, pois o sujeito quer “gozar a qualquer preço” (Melman, 2003). Portanto, é um quadro de dissolução do laço social que se assiste frente à tirania do mercado.

É dentro deste contexto que encontramos as torcidas organizadas que a cada jogo são “convidadas” a consumir os objetos ofertados pelo espetáculo do futebol e de seus entornos. O elo formado na massa de torcedores parece atender aos apelos de possuir o objeto perdido a qualquer preço.

Pensar a sustentação dos laços sociais num contexto onde o sujeito barrado é o significante mestre do discurso, onde ele se auto-referencia, traz desafios, pois implica uma desarticulação ao Outro, implica a debilidade de enlace com o Outro, o discurso do Outro se mostra flutuante, daí se prescinde do próximo. “Em tempos em que os direitos individuais afrontam quaisquer objetivos coletivos é preciso levar em conta e estudar cuidadosamente as ancoragens locais do gozo em oposição aos sistemas de ideais mais próprios a um Outro consistente” (Santos, 2001, p. 120).

Se a noção de discurso está relacionada com a formação dos laços sociais, então, é possível considerar que no discurso do capitalista se faz laço social, quando o sujeito está implicado consigo, se está (pre) ocupado somente com ele mesmo? Como afirma Melman (2003): “só há reconhecimento de si, para o capitalista.... Pois, quando o reconhecimento é apenas do semelhante, ao mesmo tempo ele é frágil, suscetível de anulação” (p. 172).

Neste sentido, o discurso do capitalista rompe a lógica montada nos demais discursos que permite um ordenamento do laço numa relação estabelecida a partir de limites representados pela barra (//). No discurso do capitalista, a rotação não é obedecida havendo, portanto, uma mudança de posição entre o significante mestre e o sujeito barrado, como se pode ver logo a seguir e não há presença da barra caracterizando que tudo agora é possível:

Discurso do Mestre

S1 → S2
\$ // A

Discurso do Capitalista

\$ → S2
S1 a

É neste sentido que, para Melman (2003), o sujeito na lógica capitalista tem de correr pra todo lado na busca incessante por reconhecimento, correndo o risco de arruinar-se, de desaparecer, pois o sujeito está fundado em marcas que só têm reconhecimento na massa, no evento, e que afinal nunca está adquirido, pois nada está garantido.

Neste contexto, ainda de acordo com Melman (2003), é numa corrida constante que o sujeito se insere onde cada um é convocado para uma espécie de festa permanente, uma corrida, segundo ele, pelo gozo. Assim, podemos pensar a esfera das torcidas organizadas como convocadas a se mostrar constantemente ao que veio, ou seja, elas precisam a cada jogo, a cada festa, garantir o seu espetáculo, a sua existência, o seu grito.

Se de fato as torcidas organizadas se estruturam em função deste gozo pleno, tal organização difere bastante da proposta apresentada por Freud (1921/1980f), de uma massa organizada onde esta estabelece seus objetivos a partir de outros ideais.

Se um indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles, de preferência a estar em oposição a eles, de maneira que, afinal de contas, talvez o faça '*ihnen zu Liebe*⁸' (Freud, 1921/1980f, p. 117-118).

Assim, o sujeito inserido num grupo em que o laço social é sustentado por Eros, e com a presença de uma referência à lei consistente, tem a possibilidade de enfrentar as adversidades de maneira mais tolerante, pois o

⁸ “Em consideração a eles” ou “por amor deles” (Freud, 1921/1980f, p.118).

amor narcisista sofre limitações (Freud, 1921/1980f). É nesta direção que procuramos investigar, a partir do espaço das torcidas organizadas, como uma referência à lei, que põe limites a um eu desgovernado, se delinea na contemporaneidade, e as alterações nas formas de enlaçamento social onde a violência tem sido constante.

Se os discursos são o que vêm fazer limite entre o real e o simbólico, através de diferentes laços sociais podemos nos fazer a pergunta sobre qual parâmetro as torcidas organizadas sustentam os laços já que a lógica que perpassa às mesmas está baseada no espetáculo, no descarte de seus pretensos ídolos quando os mesmos não correspondem aos seus anseios.

Podemos então descrever que a dinâmica dos laços sociais, neste contexto das torcidas organizadas, está refém dos ditos do consumo onde a distribuição e o manejo do gozo mudam e se ordenam a partir dos apelos lançados ao sujeito a cada instante. De acordo com Valas (2001), o sujeito se transforma num empregado do discurso do capitalista, estando diante de um discurso sem ética em que há uma demissão subjetiva, transformando-se em detrito (objeto *a*) de tal discurso.

É esta posição de submissão na qual o sujeito se coloca que permite a manutenção da teia social baseada no capitalismo, montada a partir de um sacrifício do sujeito, que serve aos demandas lançados. Assim, “o discurso capitalista não rompe com o laço social, mas gera o subdesenvolvimento, primeiro subjetivo, tão preocupante quanto o seu correlato econômico difundido atualmente em escala planetária” (Valas, 2001, p. 79), mantendo um constante mal estar do sujeito que se encontra sempre insatisfeito na busca frenética pelo objeto de gozo prometido, objeto este que lhe complete trazendo assim a

promessa de bem estar. Neste sentido, esta relação com o objeto prefigura a proposta sadiana quando visa articular a conduta sexual não sublimada permitindo o sujeito chegar ao gozo sem obstáculos (Valas, 2001).

Portanto, é neste invólucro do discurso do capitalista, onde a produção constante de objetos é desejada tal qual uma “colcha de retalho” onde tudo cabe, que o sujeito é convidado a produzir maciçamente e também forçado a consumir (Souza, 2003), satisfazendo as leis de mercado. Objetos estes que, tão logo adquiridos, perdem seu valor podendo assim serem destruídos, descartados. Desta forma, o sujeito perdendo interesse pelos objetos conquistados tenta substituí-los por um outro aparentemente mais potente mantendo a linha de produção e de consumo.

Passando de objeto em objeto é que o sujeito paga o preço, consumindo-se nesta relação. É neste dispositivo que, na variedade de objetos ofertados, o sujeito se torna refém das armadilhas da tecnociência.

Nossa época, indiscutivelmente, caracteriza-se pela reverência à tecnociência que avança sobre todos os terrenos do conhecimento e, principalmente, atinge de cheio a posição do sujeito em sua articulação fantasmática, quando pensamos sua relação com o objeto. Um objeto que é chamado a comparecer na sua radicalidade mais precisa, exatamente quando se cogita a destruição do caminho que leva às formações do inconsciente. Este é o ponto de inflexão entre o que é o sujeito e o Outro, resumido na relação construída entre o que o sujeito deve ter e o que deve ser (Carneiro, 2008b, p. 18).

Consideramos, portanto, que o laço social imerso neste veio produtivo fica lançado numa lógica de banalização de tudo, inclusive do outro, que se

transforma em mais um objeto a ser consumido, com o qual se pode fazer o que quiser. É, portanto, nestas relações com o outro, montadas a partir do discurso do capitalista, frente a uma lei que se mantém anômica, forjando também relações anômicas, que entendemos estarem inseridas as relações nas torcidas organizadas de futebol.

CAPÍTULO 3:**A PESQUISA APLICADA: CAMPO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Neste capítulo procuramos apresentar o percurso feito na pesquisa, os caminhos desenvolvidos, os instrumentos utilizados, procurando dar visibilidade ao processo de investigação e os resultados a que chegamos. Desta forma, pesquisar sobre a violência nas torcidas organizadas frente aos impasses da lei em tempos de anomia suscitou uma discussão teórica sobre os caminhos que a lei tem tomado na contemporaneidade e que tem afetado de maneira singular as relações com o próximo, ocasionando rupturas no laço social.

O objetivo geral da pesquisa foi investigar a manifestação da violência nas torcidas organizadas de futebol e a relação que estabelecem entre o discurso vigente e a lei, e, ainda, os seguintes objetivos específicos: a) analisar a relação que as torcidas organizadas estabelecem com a lei; b) investigar o processo de mudança do laço social entre os torcedores que passam da ordem à violência; c) identificar as causas que torna a torcida organizada um espaço escolhido para cometer atos violentos contra o próximo, realizamos a pesquisa com sujeitos envolvidos, no passado ou no presente, com torcidas organizadas de futebol de uma capital brasileira, tomando como referencial de análise o aporte teórico da psicanálise.

Trabalhamos, nesta pesquisa, com os seguintes pressupostos: 1. Que na conjuntura social atual, o declínio das referências simbólicas, manifestada pela ação violenta, implica um clamor pela lei; 2. Que a falta da renúncia pulsional, necessária segundo Freud como forma de apaziguamento do mal

estar, ocasiona constantes passagens ao ato; 3. Que as torcidas organizadas de futebol vivenciam a lei de forma anômica; 4. Que um imperativo de gozo caracterizado por um excesso no ato de consumir tem efeitos na relação com o próximo.

A pesquisa foi vivida numa perspectiva dinâmica, pois levamos sempre em conta a relação entre todas as fases da pesquisa, e a convergência para os objetivos elegidos. Assim, as fases de planejamento, revisão teórica, pesquisa de campo, reflexão sobre os dados e escritura estiveram sempre relacionadas, e, por vezes, se sobrepuseram no tempo, evitando tratá-las de forma isolada e fragmentária.

A pesquisa realizada ganhou corpo a partir do realce que tomou aos nossos olhos a constante repetição de cenas de violência envolvendo as torcidas organizadas. De certa forma, tais cenas nos inquietavam por não fazer sentido, a princípio, como um espaço de lazer, de diversão tinha se transformado em lugar de disputa. Disputa esta que tinha saído do campo para a arquibancada, a nosso ver. Assim, buscamos os significados múltiplos das experiências individuais adotando as narrativas do sujeito como estratégia de investigação (Creswell, 2007).

Assim, o conhecimento foi aqui considerado como uma produção a partir da interpretação que construímos e reconstruímos, com o balizamento da teoria adotada como referencial - a teoria psicanalítica, com a finalidade de dar sentido aos conteúdos socializados pelos sujeitos da pesquisa nas situações de entrevista.

Não foi objetivo desta pesquisa nenhum tipo de controle, descrição e predição do comportamento dos sujeitos, mas a elucidação das complexas

teias que envolvem a constituição do subjetivo, a partir do estudo das torcidas organizadas e da relação que os sujeitos pesquisados, representantes de suas respectivas torcidas, estabelecem com a lei em tempos de violência. Privilegiamos, então, a integração e a inter-relação dinâmica do fenômeno estudado.

O sujeito, na realidade, não responde linearmente às perguntas que lhe são feitas, mas realiza verdadeiras construções implicadas nos diálogos nos quais se expressa. Nesse contexto, a pergunta representa apenas um dos elementos de sentido sobre os quais se constitui sua expressão (Rey, 2005, 55).

3.1 Sobre o campo

Escolhemos ouvir os sujeitos através de entrevista, que foi a técnica utilizada nesta pesquisa, por ser por excelência um instrumento “de conhecimento interpessoal, facilitando, no encontro face a face, a apreensão de uma série de fenômenos, de elementos de identificação e construção potencial do todo da pessoa do entrevistado e, de certo modo, também do entrevistador” (Turato, 2003, p. 308).

A escolha pela entrevista como instrumento privilegiado de coleta de informações nesta pesquisa também se deve ao caráter revelador através da fala das estruturas “de sistemas de valores, normas, símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas” (Minayo, 1994, p. 109-

110). A entrevista se caracteriza por uma situação assimétrica e sua eficiência depende do bom manejo por parte do entrevistador.

Adotamos a entrevista semi-estruturada em que o entrevistador considera que a fala do entrevistado se mostra carregada de elementos relevantes e que, diante da incompletude desta, realiza intervenções no sentido de que o entrevistado fale mais detalhadamente sobre ela, a fim de que novos esclarecimentos possam deixar o conteúdo menos obscuro.

Conduzimos as entrevistas através dos tópicos-guia (Gaskell, 2002) anteriormente definidos quando da elaboração do roteiro de entrevista (vide Anexos), levando em consideração os objetivos da pesquisa visando a usufruir das vantagens da utilização de tópicos-guia, a saber: “criar um referencial fácil e confortável para uma discussão, fornecendo uma progressão lógica e plausível através dos temas em foco” (Gaskell, 2002, p. 67).

A partir de cada tópico-guia, o roteiro de entrevista foi formulado utilizando questões abertas que possibilitaram que o entrevistado elaborasse as respostas a partir de uma organização própria, ancoradas em suas experiências vividas em relação ao fenômeno estudado.

O contato com os sujeitos da pesquisa se deu por acessibilidade aos mesmos, sem maiores dificuldades. Os nomes foram indicados por amigos que conheciam pessoas que tinham envolvimento com as torcidas organizadas.

As entrevistas ocorreram num clima tranquilo onde os sujeitos falaram livremente de suas experiências. Alguns contatos estabelecidos por telefone não vieram a se concretizar em entrevistas devido ao fato dos sujeitos terem desistido de participar da pesquisa não atendendo mais as chamadas telefônicas ou repetidas situações de adiamento das entrevistas alegando-se

algum impedimento. No geral, estabelecemos contatos com oito torcedores, mas só conseguimos realizar seis entrevistas. Contudo, os torcedores que participaram efetivamente da pesquisa mostraram-se bastante solícitos. Um dos entrevistados compareceu ao momento da entrevista uniformizado com a camisa da torcida organizada mesmo a entrevista ocorrendo em seu local de trabalho. Dois outros vestiam roupas de seus times e/ou portavam objetos como caneta, chaveiro com a marca de sua torcida organizada.

Todos falaram de suas experiências com bastante empolgação, dando ênfase à festa que faziam ou ainda fazem nas arquibancadas, sendo este, aparentemente, motivo de muito orgulho por parte dos mesmos.

Os critérios de inclusão dos entrevistados foram os seguintes: sujeitos com uma participação efetiva no contexto das torcidas organizadas de futebol, no presente ou no passado, independente do sexo e faixa etária, de variados graus de instrução e perfil sócio-econômico.

Atendendo aos critérios previamente definidos e a forma que escolhemos para acesso ao campo, os sujeitos entrevistados foram os apresentados no Quadro 3, abaixo:

Sujeito	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo na torcida
S1	Masculino	29	superior	3 anos (15 aos 18 anos)
S2	Masculino	46	superior	4 anos (16 aos 22 anos)
S3	Masculino	26	médio	10 anos (16 aos 26 anos)
S4	Masculino	42	médio	15 anos (27 aos 42 anos)
S5	Masculino	33	superior	8 anos (16 aos 24 anos)
S6	Masculino	27	Superior incompleto	12 anos (15 aos 27 anos)

Quadro 3 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

Nosso primeiro contato com cada sujeito de pesquisa ocorreu através de ligação telefônica, na qual inteirávamos o possível entrevistado quanto aos aspectos gerais da pesquisa e fazíamos o convite para participação na mesma. Quando havia aceitação da parte dos sujeitos, a entrevista era agendada de acordo com a disponibilidade de horário de cada um deles e o local de realização das entrevistas era indicado pelos mesmos. Antes do início das entrevistas, fazíamos a apresentação dos documentos protocolares da pesquisa: Carta de informação ao participante e Termo de consentimento livre e esclarecido (vide Anexos).

Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento dos sujeitos. A gravação se mostrou pertinente para a fase seguinte de análise dos dados. Ao assinarem o termo de consentimento, os entrevistados autorizavam não apenas o uso de gravador como também a divulgação do material coletado, através de textos acadêmicos como a dissertação e artigos científicos, resguardando-se, por motivos éticos, o anonimato dos sujeitos da pesquisa. Neste sentido, o termo de consentimento visou à transparência quanto aos procedimentos adotados no decorrer da pesquisa.

No início de cada entrevista, solicitávamos aos sujeitos da pesquisa que falassem livremente, podendo assim expressar indiscriminadamente suas ideias. Desta forma, o roteiro de perguntas pré-estabelecido para auxiliar na coleta de dados pôde tomar curso diferente do anteriormente planejado, pois novas questões foram inseridas, o que se mostrou acertado dada à riqueza de dados que levantou para análise.

Em campo, sempre buscamos uma situação de interlocução com o entrevistado e mantivemos a atenção quanto aos sentidos e significações

expressos pelos sujeitos. Utilizamos o tópico guia na perspectiva de Gaskell (2002, p. 67) que argumenta que o mesmo se trata de um “guia e não devemos nos tornar escravos dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso”. Isto se mostrou acertado, pois, por vezes, não foi necessário fazer algumas perguntas constantes no roteiro tendo em vista que os próprios sujeitos já abordavam o conteúdo previsto nestas questões quando da resposta a outras perguntas, bem como foi possível explorar outros temas que foram evocados pelos próprios sujeitos.

No geral, as entrevistas duraram em torno de cinquenta minutos. Os sujeitos se mostraram bastante favoráveis quanto à participação na pesquisa. Todos os seis entrevistados demonstraram significativa receptividade, atendendo prontamente ao que lhes era perguntado e, inclusive, se disponibilizando tanto para contatos futuros como para indicação de colegas de torcida.

Na fase seguinte às entrevistas, as falas coletadas em campo foram integralmente transcritas gerando um material que totaliza aproximadamente cento e vinte páginas de transcrição.

Após a transcrição, empreendemos repetidas e atentas leituras do material chegando paulatinamente às categorias contidas nos discursos dos sujeitos da pesquisa. As falas dos sujeitos foram tratadas como práticas discursivas: “linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (Spink & Medrado, 1999, p.45).

Assim, num primeiro momento, “lemos cada sujeito” na singularidade de suas práticas discursivas, buscando compreender a totalidade da sua narrativa.

Na fase seguinte, em que a saturação dos dados – entre entrevistas – já havia sido alcançada, as seis entrevistas foram tratadas como uma narrativa totalizante sobre o fenômeno em estudo, possibilitando assim o início do processo de análise e discussão.

A análise e discussão dos dados foi realizada a partir dos referenciais teóricos de Freud e Lacan, pois partimos do entendimento de que a investigação em psicanálise não se restringe ao âmbito clínico, como corroboram várias obras freudianas não oriundas de uma situação analítica na clínica. A pesquisa em psicanálise que ocorre em espaço fora da clínica pode acontecer de diversas formas incluindo a análise das vivências (Violante, 2000). Neste sentido a psicanálise extramuros (Rosa, 2004), ou em extensão, trata de “problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico” (Rosa, 2004, p. 331). Desta forma, a exposição dos dados colhidos em campo passa por uma problematização a partir dos conceitos metapsicológicos, por via da ética e de conceitos da psicanálise.

Partindo desta concepção, percorremos todas as etapas desta pesquisa na qual o discurso capitalista destacou-se como forma de um possível enlaçamento no contexto do fenômeno estudado destacando assim a distribuição do gozo na contemporaneidade.

Para fundamentar a análise e discussão dos dados, utilizamos vários autores do âmbito da psicanálise, além de um diálogo com autores da sociologia e filosofia.

3.2 Análise e Discussão

As falas foram tomadas como práticas discursivas. Em um primeiro momento, descrevemos a história do envolvimento dos sujeitos com as torcidas organizadas. Na sequência, analisamos e discutimos as categorias *a priori* – laço social, lei e violência – e a categoria que emergiu do campo: organização.

As análises e discussões são suportadas por trechos significativos oriundos das entrevistas, os quais são sinteticamente apresentados em quadros. Para cada categoria, apresentamos primeiramente a análise e, na sequência, realizamos a discussão da mesma à luz do quadro teórico que orienta esta pesquisa.

3.2.1 A história dos sujeitos com as torcidas organizadas

A Figura 1 ilustra as temáticas que emergiram em relação aos motivos que levaram os sujeitos a estabelecerem laços com as torcidas organizadas.



Figura 1 – Motivos de entrada nas Torcidas Organizadas

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

O Quadro 4 sintetiza as falas relacionadas aos motivos apontados pelos sujeitos para sua inserção nas torcidas organizadas. Nele, destacam-se os

quatro principais motivos de envolvimento: influência familiar (H1, H2); influência de amigos (H3; H4); influência da mídia (H5); amor pelo esporte (H6).

Hn	Falas
	Influência familiar:
H1	Bom... eu aproximadamente com uns 12 anos, meu irmão mais velho que tinha vindo morar aqui, antes da gente muito, e depois quando a gente se mudou. Eu sou da cidade Beta, fica a 100 km daqui. Aí quando a gente veio, ele ficou me levando no estádio, aí depois eu comecei a ir sozinho. Desde os 15 anos pra cá, eu já to com 43 (S4)
H2	A família de meu pai é toda, toda relacionada a futebol. É uma família que carrega o esporte e principalmente o futebol ao longo de toda a vida né? Então o meu pai ele desde pequeno que ele acostumou a gente a ir pra estádio, desde 6 anos de idade a gente já ia pra estádio. [...] A gente conhecia o pessoal de arquibancada, alguns amigos da gente que também cresceram juntos. Então, a gente, no Brasil há uns 15, 20 anos atrás começou a eclodir esta questão de torcida organizada (S5)
	Influência de amigos:
H3	Eu acho que comecei a frequentar a me interessar e participar da torcida organizada eu acho que eu deveria ter uns 14 anos pra 15 anos de idade, aí foi um período que eu ingressei na torcida. Estudava no Colégio A, tinha muitos amigos lá que faziam parte e por sinal, desses amigos dois foram presidentes da torcida organizada do Time X que é a maior torcida relacionada a este time, e na época eu me sentia adolescente numa necessidade enorme de pertencer algum grupo (S1)
H4	Eu sou daquele torcedor que meu pai me levava na, como se a gente diz, na cacunda pro estádio. Em 1996 foi meu 1º jogo, eu era criança, mas eu lembro daquilo. Aí quando foi em 1999 pra 2000 eu fui pro estádio, não fui pra torcida organizada. Fui assistir o jogo. [...] [Na adolescência] já ia sozinho com os amigos, juntava um grupo de amigos, a gente ia, assim se juntava e ia todo mundo pro estádio, que é um estádio bem perto. A gente se juntava e ia todo mundo pro estádio. Quando eu via o pessoal cantando, eu acho aquilo meio que me encantou, sabe? Fui entrando e fui conhecendo o pessoal da diretoria da Torcida Organizada do Time X. O que acontece, a gente, quando eu fui vendo aquela coreografia fui me incentivando, me incentivando, acabei entrando na torcida, é fui colaborando, ajudando o pessoal que chegava com as faixas. (S3)
	Influência da mídia:
H5	Comecei a assistir programa de rádio, televisão e foi surgindo o interesse, surgindo interesse e eu fui acompanhando, sozinho. Isso criança 10 anos, 9 anos. Eu não tenho uma memória que diga que a partir deste tal momento comecei a torcer o Time X. [...] Sempre participei e desde 97 até hoje raras as exceções deu ter perdido uma partida num estádio de futebol, sempre acompanhando e aí foi que começou a minha história com torcida organizada e foi crescente. (S6)
	Amor pelo esporte:
H6	Me pegou no momento que eu estava realmente envolvido com futebol, que eu gostava, pra mim o futebol era um passatempo prazeroso mesmo, eu gostava de futebol não ia pra futebol pra nenhum outro tipo de atividade, eu gostava de futebol. O jogo me deixava bem, e a torcida organizada foi mais um fator que me motivou a ir ao estádio de uma forma diferente. (S2)

Quadro 4: História da entrada dos sujeitos nas torcidas organizadas

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

De uma forma geral, a influência familiar é fator marcante no relato dos torcedores, os quais começam suas experiências de ida ao estádio ainda quando crianças, embora o envolvimento com a torcida organizada só se

estabeleça, predominantemente, no período da adolescência. Em particular, dois sujeitos (S4 e S5) relatam que o envolvimento acontece a partir do forte sentimento pelo time do coração, sentimento este presente em toda a família. Com idas constantes ao estádio iam desenvolvendo uma admiração pelo movimento das torcidas organizadas e já começavam a desenvolver amizades com o pessoal da arquibancada, ou seja, com o pessoal das torcidas.

A amizade é fator preponderante para a entrada de dois outros sujeitos (S1, S3) nas torcidas, pois o convívio na escola com amigos que já participavam das torcidas e a necessidade de pertencer a algum grupo alternativo à família, fizeram um diferencial na vida, mais especificamente de S1 (H3), para quem a ida conjunta para o estádio era vivida como um momento de encantamento visando a incentivar seus times.

Um único sujeito (S6) aponta a mídia como a grande influência neste momento de chegada à torcida organizada. Como não tinha ninguém que o levasse ao estádio, ouvia rádio e assistia pela TV a festa que as torcidas organizadas realizavam e, com isso, foi crescendo o interesse em participar. A partir dos doze anos começa a frequentar o estádio e a partir daí só cresceu seu envolvimento com a torcida o qual perdura até os dias atuais.

O sujeito S2 é o único que atribui o amor ao futebol como motivo de envolvimento com a torcida organizada, sendo este seu passatempo prazeroso. Ele é um dos fundadores da torcida organizada do time Y.

Durante as entrevistas, os sujeitos narraram sobre as principais mudanças que eles identificam na história das torcidas organizadas, conforme expõe a Figura 2:



Figura 2 – Mudanças nas Torcidas Organizadas, na visão dos sujeitos.

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

O Quadro 5 apresenta falas representativas das mudanças nas torcidas organizadas vivenciadas pelos sujeitos no tempo em que estiveram envolvidos com as mesmas.

Mn	Falas
	Novos interesses (políticos e empresariais)
M1	Eu acredito na minha época era uma coisa mais paixão mesmo hoje não hoje é essa tentativa de não sei como se fosse quase profissionalizada, uma coisa mais administrativa. [...] Todo mundo se conhecia, todo mundo se ajudava, não tinha essa face de empresa. [...] Eu vejo que essa questão da família, que era como se fosse uma grande família na época, hoje não existe. Mas é gerido mais nessa lógica, de massa de manobra, tanto que é muito comum hoje, nas torcidas organizadas, os membros se candidatar a político. (S1)
M2	A partir de 82 sim, o comportamento das torcidas organizadas começa a mudar a visão de uma coisa que seria prazerosa pra uma coisa profissional. [...] Algumas pessoas politicamente queriam se aproveitar das torcida organizada, porque a gente abria os canais tanto de televisão como rádio, mídia impressa. (S2)
	Violência
M3	Aí foi o momento que a gente começou a parar, em 1982, porque aquele objetivo da gente que era levar alegria e animação tava começando a virar um pouco mais de agressividade e esse não era o objetivo da torcida organizada naquela época. (S2)

Quadro 5: Mudanças nas torcidas organizadas, na visão dos sujeitos

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

Os sujeitos apontam alguns aspectos relevantes que justificam as mudanças que ocorreram nas torcidas ao longo dos anos. Destacamos aqui alguns por serem apontados pelos mesmos como algo que destoa dos motivos

pelos quais as torcidas surgiram que são: torcidas empresas, interesses políticos e violência.

Para os entrevistados, as torcidas, no princípio, tinham a característica de ser uma grande família (M1) onde todos se conheciam, conviviam, e tinham paixão pelo clube. Existia com a finalidade de organizar uma grande festa no estádio, como forma de incentivar o time. Contudo, com o passar do tempo, um caráter de empresa (M2) foi invadindo este espaço e hoje, algumas das torcidas chegam a ter uma estrutura de grandes organizações, assemelhando-se a burocracias e visando ao lucro.

Interesses políticos (M1, M2) são também apresentados como uma marca forte nos ideais das torcidas na atualidade, quando muitas vezes a torcida é usada como uma massa de manobra, com fins eleitoreiros, chegando a serem base para alguns candidatos chegarem ao poder, fato que já tem sido abordado na literatura, como argumenta Pimenta (1997):

Nas torcidas organizadas, ao que tudo indica, há uma reprodução clara, guardadas as proporções, das disputas pelo poder desencadeadas na sociedade brasileira.... As torcidas, pelo grande número de associados, representam, conseqüentemente, uma quantidade considerável de eleitores, o que faz políticos se aproximarem, buscando apoio para suas campanhas, em troca de auxílios monetários ou favorecimentos diversos (p.80).

A mudança nos quadros de violência (M3) também é apontada por eles como algo bastante significativo, porque a princípio a violência aparecia em forma de xingamentos, com o aspecto de uma rivalidade considerada até desejável posto que representava uma forma de manifestar seu amor pelo

time. Porém, os atuais procedimentos, tais como marcar brigas por internet e fazer emboscadas para matar outros torcedores tem, na visão dos sujeitos, transformado o evento festivo do futebol num campo de batalha.

Tais mudanças vão figurar como os principais motivos de saída das torcidas organizadas por parte dos sujeitos S1, S2, S5, conforme falas constantes no Quadro 6.

Sn	Falas
	Violência
S1	Eu me afastei da torcida um dos motivos também não teve um motivo específico, mas uma das coisas que faziam pra eu fica desgostoso com a torcida era essa coisa de bairro. Ingressando, sem o menor compromisso com o clube, sem o menor amor, então assim eu ficava muito chateado com isso quando eu via briga dentro da própria torcida. Um bairro com outro, eu comecei ir devagarinho ir me afastando (S1)
S2	E o que a gente vê hoje no estádio é exatamente, não mais o prazer, mas sim a agressividade não é? Eu era um torcedor ardoroso do Time Y e hoje não vou mais a estádio. (S2)
	Mudança de propósitos (visão empresarial)
S3	Tinha também a ideologia de fazer, posteriormente, de fazer projetos sociais, que era uma coisa assim pra sair da arquibancada, mas fazer alguma coisa boa pra sociedade, não ficar somente ali na arquibancada os encontros da gente. Tanto é que eu saí também por causa disso né, porque o pessoal desvirtuou esse pensamento de união pra uma coisa boa e partiram pra esse pensamento de colocar loja, de virar empresa, colocaram esses projetos sociais um pouco de lado. (S5)

Quadro 6: História da saída dos sujeitos das torcidas organizadas

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

A violência aparece como uma unanimidade dentre os motivos de saída dos torcedores das organizadas tanto pela proporção que a violência tomou como pela forma. Os sujeitos apontam que as brigas têm relação com as rivalidades entre bairros, ocasionando brigas entre torcedores de uma mesma torcida os quais, em alguns casos, acabam sendo expulsos (S1, S2).

Os sujeitos que abandonaram as torcidas afirmam que a ideia de união não é mais o foco e, para alguns, também a ênfase na questão empresarial (S3), em detrimento de uma maior ênfase em projetos sociais, foi motivo para a decisão de sair da torcida.

Enfim, as histórias dos sujeitos entrevistados são diversas, mas tanto nos motivos de entrada como nos motivos de saída existem conteúdos que se repetem. A influência das amigadas é o que toma maior destaque na hora da escolha, e os novos interesses econômicos, quando as torcidas se transformam em empresas atraindo interesses diversos, inclusive políticos, o motivo de maior peso nas saídas.

Como podemos constatar no texto freudiano, os membros de uma comunidade fazem esforço para fortalecer os vínculos comuns através de relações de amizade assumindo caminhos em que as identificações sejam estabelecidas (Freud, 1930/1980b). Portanto, quando esses objetivos são rompidos, se favorece as rupturas no seio grupal, fato este representado pelos três entrevistados que se desligam do movimento das torcidas organizadas quando as mesmas se distanciam destes propósitos.

3.2.2 Sobre o Laço Social

A Figura 3 apresenta os principais temas que emergiram relacionados à categoria laço social.

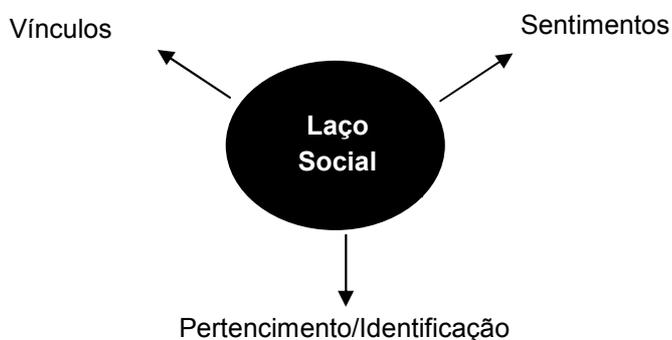


Figura 3 – Temas Categoria Laço Social
Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

3.2.2.1 Análise categoria laço social

O que acontece basicamente na torcida é um grupo de amigos que gostam de incentivar o time do coração e que dão o sangue mesmo
(Sujeito 3)

A categoria laço social emergiu nas narrativas através dos temas *vínculos* (Quadro 7), *sentimentos* (Quadro 8) e *pertencimento e identificação* (Quadro 9).

Quanto aos vínculos, destaca-se que os sujeitos pontuam os vínculos que são permitidos e os que são proibidos sob a lógica dominante no contexto das torcidas organizadas, conforme falas constantes no Quadro 7.

Vn	Falas
	<i>Vínculos permitidos:</i>
Vn1	O que acontece basicamente na torcida é um grupo de amigos que gostam de incentivar o time do coração que dão o sangue mesmo (S3)
Vn2	Acho que devido ao grau de amizade que a gente vai como a gente vai tudo pro jogo. A gente começa a pegar vai pro mesmo local, começa a ter amigo, aí vai, um amigo é, a gente fica, porque por mais que você não queira, você tá no meio, tá todo mundo torcendo, você torce igual, aí você já se considera um deles. É o principal ponto que aconteceu isso com relação à torcida organizada do Time Y é que eu sempre ficava no lugar que a torcida organizada do Time Y ficava. Aproximou né aí... aproximou de tal forma que a gente sempre tava ali todo jogo tava ali, todo jogo tava ali, aí... (S4)
Vn3	Pois é, porque exatamente tinha meus amigos, né, os amigos que já participavam, a gente gostava ali da maneira que o pessoal torcia, o pessoal fazia aquelas músicas, os cânticos, então a gente resolveu se filiar à Torcida Organizada do Time X, tanto eu como meu irmão. (S5)
Vn4	A gente já é um negócio já que automático tanto porque a gente convive. A grande maioria, a gente convive diariamente, entendeu, trabalha junto, ou se conversa, é amigo de se encontrar, entendeu? (S6)
	<i>Vínculos proibidos:</i>
Vn5	Eu terminei um namoro com uma menina porque ela torcia o Time Y, por aí você tira. Então é assim, hoje lá em casa é mais tranquilo, por exemplo, se a menina vai trabalhar lá a gente pergunta o time que ela torce. É do ritual. É porque não da certo mesmo. (S1)
Vn6	Porque acho que você não precisa ser amigo, mas não precisa ser inimigo de um torcedor rival porque só porque ele torce outro time não quer dizer que ele é seu inimigo e você nem conhece, você acaba brigando com uma pessoa que você nem conhece. (S3)
Vn7	O Time X vai um time aqui que é aliado deles aí o cara da torcida do Time Y que é amigo ir ficar andando junto com eles isso aí não pode, não pode porque... é... água e óleo não se misturam né? [...] Eles não podem tá se aliando com o... torcidas rivais entendeu? Não pode... não pode... então é esses, os deveres são coisas simples. (S4)

Quadro 7: Categoria Laço Social – Vínculos permitidos e proibidos

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

O que se destaca na fala dos sujeitos é que a torcida se organiza em torno do incentivo ao time (Vn1), chegando a se considerarem o décimo segundo jogador em campo. Dentro deste contexto, um grupo de amigos (Vn2, Vn3) vai se estabelecendo havendo um convívio quase diário sendo as respectivas sedes sociais utilizadas como espaço de momentos de lazer com vídeo-game, piscina, churrascos, shows, permitindo um espaço de convivência para além do momento de jogos ou de atividades em torno do evento esportivo (Vn4). Em alguns casos, chegam a montar negócios juntos sendo os vínculos estendidos à esfera profissional.

Contudo, neste espaço, alguns tipos de vínculos são proibidos ou lhes parecem impossíveis, pois argumentam recorrendo ao dito popular da *água e óleo* (Vn7): não se misturam. Para eles, torcidas consideradas rivais não podem andar juntas embora todos os entrevistados afirmem se relacionar com pessoas filiadas a torcidas oposta à sua. Dentro deste contexto, algumas situações parecem apresentar-se como impossíveis de serem vivenciadas como: namorar com uma pessoa que torce um time adversário ou contratar um trabalhador doméstico na mesma situação (Vn5). A questão da amizade não é estimulada entre torcidas rivais, mas a inimizade também não é (Vn6).

As falas são igualmente significativas quanto à emergência de sentimentos intensos relacionados à torcida organizada, conforme Quadro 8.

Durante a fala dos entrevistados foram percebidas várias expressões que demonstram os sentimentos vivenciados pelos torcedores referentes às suas torcidas e times como: *dar o sangue* (Vn1), se não for para o estádio fica doente (Sn4), entre outras. Assim, vários sentimentos parecem transitar no ambiente relacionado às torcidas organizadas.

Um dos sentimentos bastante citado pelos sujeitos e que parece fazer elo mantendo o laço dentro da torcida é o amor ao futebol (Sn1, Sn3), amor ao time (Sn3, Sn4, Sn6), chegando a sofrer pelo time como parte de si (Sn4), amor à torcida (Sn6). Há uma paixão que os move (Sn1, Sn3, Sn5), que os energiza, levando-os a cometer atos muitas vezes considerados treloucados. A violência muitas vezes é manifestada através do ódio (Sn2) ao que é diferente de si. Estes, portanto, são alguns dos sentimentos que apresentaram uma relevância na fala dos torcedores entrevistados.

Sn	Falas
Sn1	Mas, tem muito disso, o futebol, eu acho que o estádio encanta, ele tem violência tem também, mas tem essa coisa da paixão, é a coisa do amor é adrenalina que vai a mil, clássico tem tanto sentimento sabe assim orbitando sobre a questão do jogo em si, que eu acho, então que é por isso que ele é tão atraente [...] Tem esse mosaico de sentimentos, é violência, é também, mas não é só, tem muito questão do laço que você vê amigos, vê conhecidos, então assim não é só a violência tem muita coisa de sentimento aí né orbitando nessa questão aí no futebol. (S1)
Sn2	E uma relação que não creio que seja assim, como eu te falei, de uma ideologia bem estabelecida, que o outro seja outro que de fato é muito diferente de mim entendeu? Mas é uma relação baseada em ódio né, em ódio mesmo. (S1)
Sn3	Você realmente coloca o seu amor pelo time. Na torcida organizada você pode cantar, extravasar, pode colocar sua paixão em check mesmo, sabe?. Por isso, é isso que me encanta, sabe? Aquela coisa, aquela paixão mesmo. [...] A gente tenta é focar exatamente no campo, é o que a gente quer. Porque é nosso motivo é nossa razão de existir é o futebol, é o Time X. Então o que a gente quer é isso. A gente tenta mostrar nosso amor, assim na arquibancada. (S3)
Sn4	Desde os 15 anos pra cá, eu já to com 43, que todo jogo do Time Y eu vou, se num for, fica pior, eu fico mais doente... É amor demais, ave maria, é uma parte da gente. [...] Eu na minha parte psicológica quando o Time Y perde meu destino é ir pra casa, tomar um banho, deitar e dormir, esquecer aquele dia ali. Pra mim o dia acabou na hora que o Time Y terminou de perder. (S4)
Sn5	Desde o início a gente tinha muita paixão pelo clube, lá em casa, a família toda. (S5)
Sn6	Como eu sempre costumo dizer assim o que a gente ama é o Time X e a Torcida Organizada do Time X é um instrumento, a forma como a gente pode estar demonstrando o nosso amor, nossa dedicação. (S6)

Quadro 8: Categoria Laço Social – Sentimentos

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

O Quadro 9 apresenta trechos das entrevistas ligados aos temas processo de identificação e pertencimento, onde se destacam falas que parecem indicar que a associação à torcida faz parte do processo identificatório

dos sujeitos (PIn1, PIn4) e de pertença social (PIn4). Num momento onde muitas vezes as famílias se apresentam desestruturadas, a torcida surge como um espaço alternativo para a garotada (PIn3).

PIn	Falas
PIn1	Eu não consigo ir à paisana, eu perco parte da minha constelação identificatória, eu não consigo ir à paisana Time X e Time Y. [...] Eu prefiro ficar em casa se for de eu ir sem camisa isso, pelo que eu converso com os amigos é muito comum quem vai sem a camisa, fica meio que.. não é tão torcedor como os outros é uma coisa muito estranha e você fica sem saber se aquele cara de fato torce Time X porque ele tá perto de ti né? Parece um infiltrado, não faz parte, é um outsider. Então é assim, é muito engraçado esses ritos, verdadeiros ritos. (S1)
PIn2	O torcedor comum ele vai de carro ou de ônibus, chegou no estádio e se senta. A gente não. A gente chega mais cedo, coloca nossas faixas, tem reuniões em bairros. Bairro x bairro tal, pra gente conhecer mais o pessoal, pra aproximar mais a torcida. (S3)
PIn3	Tem gente que coloca, eu vejo crianças hoje começando, assim adolescente não é? É uma camisa. Você ver isso, vestir a camisa da impressão de que, tem aquele ar de grandeza, tem aquele ar de grandeza do ser humano mesmo, mas eu acho que se a gente conseguir mudar isso, a gente muda um pouco da violência. Se a gente conseguir mudar esse aspecto, a gente muda um pouco da violência. (S3)
PIn4	Eu acho que a gente acabou contemplando todo esse espaço que é alternativo muitas das vezes uma família desestruturada. A torcida acaba abarcando esse, hoje essa questão, esse espaço, ou o espaço alternativo pra quem muitas vezes tem uma família classe média, normal pai e mãe dentro de casa irmão, espaço alternativo, pra quem não tem esse espaço ele é o espaço, o único de pertença, espaço de pertencimento a algo. [...] Hoje pensando, passados os tempos, refletindo sobre a minha paixão, que é uma paixão que você desenvolve, é que era uma necessidade muito grande de pertencer a uma tribo, de pertencimento algo que fosse alternativo a família digamos. (S1)

Quadro 9: Categoria Laço Social – Pertencimento e Identificação

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

O vestir a camisa parece constituir um processo simbólico de grande relevância para alguns torcedores. Chamou-nos a atenção o fato de que alguns dos sujeitos da pesquisa foram para o momento de entrevista vestidos com a camisa de sua torcida ou de seu time. Há todo um ritual que acontece nos dias de jogos (PIn2), principalmente nos grandes clássicos em que ir à paisana pode parecer coisa de infiltrado (PIn1).

3.2.2.2 *Discussão categoria laço social*

No coração do sujeito, em seu lugar mais íntimo, encontram-se, portanto, as palavras do Outro (Lebrun, 2008)

A construção subjetiva atravessada pela construção social incide diretamente na formação dos laços sociais.

Na atualidade, o lidar com o diferente e estranho é cada vez menos suportado, pois esta condição de diferente porta uma provocação ao outro que muitas vezes não suporta a diferença e passa ao ato (Lacan, 1962-63/2005).

Neste sentido, os sujeitos desta pesquisa trazem uma fala marcada por uma ambivalência quanto a poder desenvolver laços com torcedores de outra agremiação esportiva, pois esta convivência nem sempre é tolerada. Embora todos tenham admitido uma relação com pessoas de outras torcidas, em outros momentos, esta possibilidade de convivência é negada.

A condição humana é perpassada por sentimentos hostis, dentre eles o ódio, que é destacado por S1 (Sn2, Quadro 8). O ódio, segundo Lebrun (2008), aponta para a nossa condição de desejanter pelo fato de nunca podermos apreender tudo, de sempre termos algo a perder, de sempre haver um preço a pagar. Assim, há um gozo que se perde na relação com o outro que demarca uma diferença deste Outro que também faz parte de mim. Neste sentido, há um ódio necessário nessa relação primeira do humano:

No coração do sujeito, em seu lugar mais íntimo, encontram-se, portanto, as palavras do Outro, que são primeiramente, para ele, estrangeiras, que vêm de outro lugar, mas no coração desse coração, no meio do Outro, um buraco, uma

falta sobre a qual, paradoxalmente, o sujeito deverá se sustentar para declinar sua própria singularidade (Lebrun, 2008, p. 28).

O ódio surge como algo da ordem da sobrevivência, de preservação da vida, que se manifesta num momento de defesa quando o sujeito é ameaçado. Então, ele se faz necessário. Contudo, o que parece se manifestar na relação de ódio evocada pelos entrevistados é algo que Lebrun (2008, p. 29) chama de “gozo do ódio” que está relacionado com um sentimento de satisfação em que o ódio toma livre curso.

Assim, é o gozo do ódio que parece se manifestar nas relações estabelecidas entre alguns torcedores adversários, que tem possibilitado um quadro de violência entre si e que tem desorganizado o enlaçamento social, pois o que se sobressai é um pulsional mortífero: “os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar” (Freud, 1921/1980f, p. 129). Tal movimento corrobora com a afirmativa freudiana de que duas polaridades, amor e ódio, estão presentes na dinâmica subjetiva, demarcando assim a ambivalência de nosso psiquismo. Portanto, Eros e Tânatos convivem atendendo a exigências divergentes em que o pulsional vivencia constantes deslocamentos.

Contudo, não é porque o ódio se faz presente que não possamos falar de que há um enlaçamento no grupo, porém, este não se estende necessariamente ao conjunto maior da sociedade. Ocorre, portanto, uma paz interna em oposição a uma guerra permanente com os “estrangeiros”, “incluindo uma solidariedade quanto às formas de transgressão das regras” (Ferrari, 2006).

Assim, então, as relações estabelecidas no interior das torcidas organizadas vem “banhada por Eros” (Freud, 1921/1980f) quando a relação com o time, o vestir a camisa, o fazer a festa, é conduzida pelo amor, pela paixão, pelas amizades estabelecidas, pelo significado de família que a torcida tem para alguns. Há uma ética a partir destes rituais festivos em que toda uma ordem simbólica é estabelecida. Em nome do incentivo ao time, toda uma organização é estabelecida, pois “um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros?” (Freud, 1921/1980f, p.117).

O sentimento de pertencimento também apareceu destacado na fala dos sujeitos desta pesquisa no sentido de fazer parte de um grupo, fazer parte de uma tribo. O sujeito na busca de um apaziguamento de suas tensões internas como, por exemplo, a busca por reconhecimento, pode encontrar no grupo um espaço em potencial para desenvolvimento de laços que o ampare. Portanto, as torcidas organizadas parecem surgir no contexto de vida destes sujeitos como um espaço frutífero no processo de identificação. Vê-se, portanto, uma necessidade de ser aceito, algo bem comum na fase da adolescência que é o período mais significativo de entrada destes jovens nas torcidas organizadas.

Segundo Reis (2006, p. 40), existe uma identificação simbólica na cultura esportiva podendo este “ser um fator determinante nas ações potencialmente agressivas dos espectadores e torcedores do futebol” quando estes torcedores ainda estão em processo de construção identificatória, o que “pode levá-los a não perceber os limites entre a sua vida e a vida de um ídolo (jogador), e, desta forma, passar a viver suas emoções basicamente... do sucesso e da derrota de seu clube predileto” (Reis, 2006, p. 40).

No social, os adolescentes buscam meios para se ajustar, encontrando dificuldades, pois estão num momento de reorganização de suas identificações e estas se apresentam incertas, uma vez que uma das características da sociedade contemporânea é esse enfraquecimento nos referenciais, que demonstra, como afirma Rassial (2000, p. 11) “a idéia de uma ligação estreita entre o estado limite e o declínio da função paterna, associada ao apogeu do discurso da Ciência”.

A inserção dos jovens em grupos externos ao contexto familiar é de extrema importância no processo de engajamento do sujeito nos diversos grupos estabelecidos no âmbito social, sendo esta uma condição de saída de uma posição centrada em si (Rassial, 2000). É a partir da identificação com o Outro que este descentramento se dá. Contudo, o sujeito parece se encontrar cada vez mais desafiado a sustentar uma posição de narcisidade⁹ (Carneiro, 2007) diante do impasse que vive na atualidade, quando este Outro aparece cada vez mais apagado, destituído de seu lugar de referência. Daí, onde os discursos estão esgarçados não mais fazendo elo entre os sujeitos, quando parece não se dar mais sentido à existência, quando as palavras já não têm mais lugar e o que importa é o ato por ele mesmo, ocorre, conseqüentemente, uma deterioração do laço.

O sujeito está, assim, diante de seu desamparo por não encontrar um referencial simbólico consistente que lhe dê sustentação produzindo o sentimento de não-filiação, onde a violência acaba sendo, para alguns destes jovens, a forma de se destacar no grupo e assim receber reconhecimento. O

⁹ Carneiro (2007) apresenta este neologismo como forma de representar um pedido que o sujeito lança frente às dificuldades em se constituir em tempos que o Outro não sustenta um semblante com o qual o sujeito venha se identificar.

corpo acaba sendo oferecido como “sacrifício” – *“sempre vai ter um bobão lá que a polícia vai lá dar umas pauladas na cabeça dele e ele volta pra casa com o troféu”* (S4) -, numa relação de gozo com o Outro que é representado neste momento, por exemplo, na figura do policial que agride - *“As cenas que eu vejo de violência quando eu vou pro estádio, as mais assim, estarrecedoras, não é de torcedor com torcedor, é muitas vezes da polícia batendo no torcedor ... eles prendem agridem, agridem, agridem e soltam”* (S1) -: “Em suma, resposta ao pai como significante que está morto, e também resposta ao pai glutão de gozo que, traumáticamente, impele a uma imolação sacrificial” (Gerez-Ambertin, 2008, p. 32, tradução livre).

3.2.3 Sobre a Lei

A Figura 4 apresenta os temas recorrentes quanto à categoria lei.

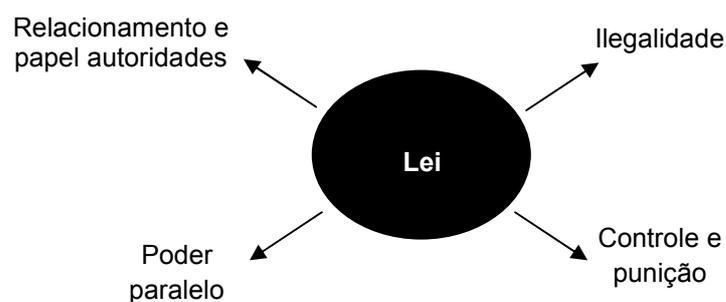


Figura 4 – Temas Categoria Lei

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

3.2.3.1 Análise categoria lei

Hoje em dia, a torcida organizada ela não tem mais rédea.
(Sujeito 5)

A categoria lei emergiu, nas narrativas dos sujeitos, fortemente associada a quatro temas: relacionamento e papel das autoridades; ilegalidade, poder paralelo e controle e punição.

O quadro 10 socializa falas em que os sujeitos abordam o tema do relacionamento que as torcidas estabelecem com os representantes da lei, com as autoridades, destacando-se, especialmente, a autoridade policial. Eles reconhecem que algum tipo de diálogo já acontece (RPA1, RPA3), sendo visto como uma saída interessante para o estabelecimento de uma relação amigável entre torcidas organizadas e polícia. Tal relacionamento tem a finalidade de estabelecer um conhecimento do que de fato são as torcidas organizadas, de como funcionam, e quais os seus objetivos, para que se possa implantar medidas conjuntas de prevenção (RPA4), visando a chegar a um acordo por meio do diálogo (RPA3).

Há, no entanto, um tom de denúncia por parte dos torcedores quando afirmam que muitas vezes o policial já tem uma visão pré-concebida de que torcida organizada é sinônimo de briga, de confusão (RPA3), o que tem dificultado o relacionamento entre torcida e polícia, em muitas ocasiões. Denunciam igualmente que as normas não são claras sendo muitas medidas tomadas em função de quem estiver à frente, em cada ocasião (RPA5, RPA6).

RPan	Falas
RPA1	Eu acho que essa proposta de hoje que se vivencia de dialogar com as torcidas, principalmente as autoridades, é uma proposta se não é ideal é um caminho. (S1)
RPA2	A secretaria de segurança pública, hoje elas devem tá registrado na secretaria de segurança publica, ela coíbe esse tipo de atitude e muitas vezes ela ameaça ou então fazem de torcida organizada..., como já aconteceu lá em São Paulo, a torcida do Palmeiras e do São Paulo, já teve torcidas que não pode mais entrar no estádio nem nada. Então eles podem sofrer esse tipo de punição, por isso que eu acredito que eles devem orientar. (S2)
RPA3	Oh, assim eu não vou negar, que às vezes não é tão boa [relacionamento com a polícia] porque a visão do policial é essa coisa da briga da confusão e a gente tenta mostrar que não é. Mas na hora da conversa lá. Eu particularmente já participei de uma reunião com os policiais eles deixam a gente falar, a gente coloca que a gente quer o que a gente não quer e geralmente fica tudo numa boa. (S3)
RPA4	Hoje tá muito bem, eu acho até que o próprio policial entendeu que aquilo ali tem que ter prevenção, tem que ser amigo mesmo, entendeu que tem que conhecer, então hoje tá excelente, mas muito bom mesmo. Agora o que falta? O que a gente fala em todas as reuniões, olha só acaba [violência] no dia que tiver punição. (S4)
RPA5	Quando o governo quer, quando a máquina quer, resolve mas, quando não quer aí, não sei porque que não quer, não resolve ou então faz só atitudes paliativas, que vem sanar o problema, naquela situação, naquele jogo, mas não resolve por total. [...] Aqui depende muito do comando do policial, do policiamento, do secretário de justiça, da prioridade que ele tem. (S5)
RPA6	Só que a gente saiu do canto que a gente estava. Aí disseram que causou tumulto no estádio. A gente saiu daqui e a gente foi pras cabines de rádio que era aonde estava os dirigentes. Aí disseram que causou um tumulto, aí tudo por conta deste tumulto que só existiu na cabeça deles, que ninguém saiu ferido, aconteceu nada. É tipo assim, como não existe lei definindo o que pode e o que não pode, o que é certo e o que é errado, vai muito da cabeça da autoridade competente que é a polícia, então ele vai da cabeça dele. Se ele achar que isso é certo, como existem outros comandantes que pra ele isso, isso podia, na cabeça deste comandante isso e isso não pode (S6)

Quadro 10: Categoria Lei – Relacionamento e papel das autoridades

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

É bastante significativa, na fala dos torcedores, a necessidade de que a relação se pautar no cumprimento da lei, implicando em punição para quem ultrapassar os limites legais. Há um pedido de punição (RPA2, RPA4, RPA5), pois se acredita que a violência só vai ser banida quando isto acontecer uma vez que servirá de exemplo para todos. Mas, para alguns, a lei não existe (RPA6). Então, há todo um descrédito nesta relação porque o próprio governo não demonstra interesse de que as coisas se resolvam (RPA5).

O Quadro 11 sintetiza falas relacionadas ao tema ilegalidade.

In	Falas
I1	Teve um tempo que até as torcidas do São Paulo ficaram proibidas que hoje eu não sei se seria uma boa, porque há formas de driblar essas imposições. Lá em São Paulo eles fizeram blocos carnavalescos então há sempre uma forma de eu acho até que fortalece porque quanto mais à margem, mais seduz. (S1)
I2	Porque a polícia prende, tu pensa que alguém,... Polícia Civil, do Ministério Público..., aquilo ali é só oba oba, é só para sair no jornal. [...] É porque sempre aconteceu dessa forma. Então, não existe punição, mas no Brasil não existe punição por nada, então se não existe para os grandes problemas... Não tem punição. O cara vem mata um, dois, fica solto se tiver dinheiro nunca vai preso, se não tiver dinheiro passa pouco tempo preso. A diferença é essa se tiver dinheiro não vai preso. E se não tiver passa pouco tempo preso. Depois vai lá mata, acabou. Mesmo que tá matando um passarinho, num é nada... é a lei da selva mesmo. (S4) Eu vejo como uma piada. Não existe lei no Brasil. E não existe mesmo, pra onde você vai, é incrível, é um país sem lei. (S4)
I3	Lei que você não tem nem conhecimento da lei. O estatuto do torcedor ele é rasgado todo jogo. Todo jogo ele é rasgado. A população não sabe da lei também. (S5)

Quadro 11: Categoria Lei – Ilegalidade

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

Os torcedores denunciam que a ação dos representantes da lei muitas vezes é vivenciada de forma arbitrária, como uma imposição, o que tem levado e até seduzido a viver na ilegalidade (I1). A punição não é aplicada, em que pessoas matam e fica por isso mesmo e, se ocorre, é de forma que privilegia a classe sócio-econômica mais favorecida (I2). Mesmo existindo, a lei não é reconhecida, sendo constantemente negada (I2, I3).

O tema poder paralelo emergiu nas entrevistas, conforme falas apresentadas no Quadro 12.

Estes poderes paralelos parecem ir se estabelecendo ao longo das relações mantidas pelas torcidas organizadas. Há um *trabalho sujo* (S1) que é realizado por membros específicos (Pp1), com o qual quem faz parte da diretoria não se envolve por serem os que normalmente têm de prestar contas legalmente. Outro motivo para o não envolvimento com o *trabalho sujo* (S1) é

da ordem econômica, tendo em vista evitar perdas econômicas já que este tipo de organização tem sido algo bastante lucrativo (Pp1).

Ppn	Falás
Pp1	Geralmente quem faz, digamos o trabalho sujo é esse tipo de componente porque geralmente a diretoria não se envolve, ela nunca se envolve, se ela faz alguma coisa ela faz..., porque ela tá ali ela que vai prestar conta, ela que vai perder. Hoje, se um membro efetivo da diretoria da torcida fizer uma besteira o prejuízo é dele porque nessa lógica de empresa ele vai deixar de tá ali no espaço que é economicamente viável pra ele. (S1)
Pp2	O coronel chega conversa com a gente: - Olha a gente também não vai deixar barato, se acontecer alguma e por isso se acontecer alguma coisa. E por isso vocês tentem se responsabilizar pelos componentes da torcida. (S3)
Pp3	Não... do jeito de dentro da torcida a gente tira mesmo. Às vezes tem confusão assim... em 97, tava tendo muito roubo no estádio, na saída aí tem o pessoal da academia da torcida organizada do Time Y que treinam artes marciais, reuniu assim uns 100. Os amigos tudinho, só... faltando 30 minutos pro jogo, saíram tudinho, ficaram atrás dos cara: Hoje a gente pega, a polícia não dá jeito? Pois a gente pega. Menino foi muita peia em vagabundo. [...] mas só que a gente não tem poder de polícia, num tem. (S4).
Pp4	O que foi a mudança: o "X" era um cara que o pessoal da [torcida rival] vinha batia, batia e ele não revidava nunca. E tudo no mundo só num tem briga se um tiver medo do outro, mas se ele tiver certeza de que o outro não vai fazer nada aí ele vai, vai linchar, vai fazer tudo. Com a entrada do "Y", eles entenderam que tudo que eles fizerem contra a torcida do Time Y eles vão ter retorno à altura. Então, o que aconteceu, em vez de ter briga, teve paz. Eu credito isso, a chegada do "Y", não que "Y" seja ruim, seja isso e aquilo não, mas só em o cara dizer não é mais uma pessoa... então vamos ficar na nossa. [...] Hoje é uma relação de respeito, num é nem de admiração não, é de respeito de saber que lá do outro lado... cada lado sabe que do outro lado tem pessoas que não vão deixar de graça nenhum tipo de agressão. [...] Então, por que que eu vou agredir desnecessário se eles também pode me agredir? Então, acabou que esse respeito criou uma paz que é muito bom. Tem aqueles atritos assim, quando vai para o estádio que se você bota 20 mil de um lado 20 mil de outro, sempre vai ter um bobão lá que a polícia vai lá dá umas pauladas na cabeça dele e ele volta pra casa com o troféu lá, mas nada de grandes dimensões. (S4)
Pp5	Hoje em dia, a torcida organizada ela não tem mais rédea. Os presidentes eles não conseguem segurar os membros. E a torcida organizada hoje foi dividida em várias facções, de vários bairros né? (S5)
Pp6	A gente já tentou por 3 vezes eleger um vereador, só que sempre bateu na trave. A gente nunca conseguiu. A gente tem um vereador que agora está apoiando a gente só que ele não foi eleito por nós. Ele é filho de um ex-presidente do Time X, ele é vereador, aí ele nos ajuda, mas ele não foi eleito por nós. Ele nos ajuda por torcer Time X, mais nesse sentido, mas ele não foi eleito por nós não. (S6)
Pp7	Ó, primeiro quando a confusão é uma confusão desnecessária, o que a gente pergunta, porque não temos poder de polícia, o que nós já fizemos: bairros inteiros já foram expulsos da torcida organizada do Time Y. (S4)

Quadro 12: Categoria Lei – Poder paralelo

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

O mencionado *trabalho sujo* (S1) também é realizado porque parece que uma advertência é realizada por parte do comando de que as coisas não vão ficar baratas (Pp2). Seria um aviso de que a lei poderia ser cumprida? A visão

dos sujeitos indica que não, uma vez que os mesmos afirmam que a “lei da polícia” parece ser a da violência circunstancial, em que “*eles agriDEM, agriDEM, agriDEM, e depois soltam*” (S1), cujo correspondente, do lado das torcidas, é a ideia da premiação, donde as marcas da violência praticada pela autoridade policial são exibidas como troféu (Pp4).

As torcidas se organizam na tentativa de mudar o quadro de violência, de roubos, de agressões que acontecem no seu interior estabelecendo suas próprias leis de controle (Pp3, Pp4,) crendo assim que a paz e o respeito vêm sendo adquiridos a partir de suas ações e suas intervenções que também acontecem a partir de muita pancada (Pp3, Pp4). Muitas vezes, as torcidas organizadas chegam a expulsar bairros inteiros por neles haver torcedores causadores de confusão (Pp7).

Por outro lado, há torcedores que acreditam que a liderança das torcidas já perderam as rédeas principalmente no que se refere às brigas entre bairros (Pp5). Neste sentido, o poder construído paralelamente também tem apresentado sua impotência a partir de sua incapacidade de controle.

Outros interesses e poderes paralelos parecem também fazer parte deste universo que são as torcidas organizadas quando políticos têm aproveitado a grande massa de torcedores como massa de manobra, como curral eleitoral (Pp6).

O Quadro 13 aborda a categoria lei através dos temas controle e punição. A torcida organizada estabelece suas leis próprias, mas, no que se referem às questões da violência suas normas são aplicadas quando os problemas interferem na vida interna da própria torcida chegando a acontecer

casos de expulsão (CP1), mas tolerando-se a confusão com torcedores adversários.

CPn	Falas
CP1	Vamos supor, soube-se que um componente teve uma conduta errada, agrediu, baleou, esfaqueou um membro de uma torcida adversária, isso é tolerável, agora essas expulsões são muito mais no sentido de esse componente ter atentado contra algum outro componente da própria torcida. Aí ele é expulso tem muito mais sentido interno do que do coletivo. (S1)
CP2	Eu não sei de que forma a segurança pública, o Estado, o governo e tudo podem impedir esse tipo de situação [violência]. Através de vigilância eletrônica, através de um policiamento mais ostensivo e realmente reconhecer aquela pessoa como delito dentro da própria polícia, secretaria de segurança fazer uma ficha criminal dessa pessoa que possa banir esse tipo de torcedor que são alguns que influenciam, e automaticamente entre uma cadeia e fica assim. (S2)
CP3	A torcida organizada do Time X em si já tem algumas leis, sabe? Se você fizer alguma bobagem na torcida você é punido pela diretoria da torcida organizada do Time X no caso às vezes de não ir pro jogo, de não andar mais na sede, essas coisas de afastamento pra isso. [...] Eu acho que com certeza tem que ter [leis]. Eu acho que se for pego fazendo alguma coisa, tem que ter punição. [...] A gente pode identificar quem é. Identifica aí a polícia pune ele com as leis legais. Que já não é com a gente. O que a gente pode fazer é isso. (S3)
CP4	Agora o que falta? O que a gente fala em todas as reuniões: olha, só acaba no dia que tiver punição. (S4)
CP5	Tem o estatuto interno que rege, que tem as punições, tem os direitos e deveres de cada associado, então a gente tem o nosso estatuto interno que rege tudo isso. Se algum dos nossos componentes tiver destoando da maioria ou dos princípios legais ele vai ser afastado, suspenso, advertido. Existe a serie de punições que a gente pode estar dando até mesmo a expulsão do componente dependendo do ato que ele possa vir a cometer. [...] Só que pro estádio infelizmente a gente não tem como proibir, não existe controle da nossa parte, de proibir certas pessoas de ir pro estádio então, qual o grande problema? Que não existe punição na lei. Leis de controle se não tem punição é mesmo que nada. Você vai saber quem são as pessoas, mas não vai tem mecanismo pra punir, então não vale de nada. (S6)

Quadro 13: Categoria Lei – Controle e Punição

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

As torcidas já têm discutido ideias para coibir a violência tanto pela forma do controle como pela punição. Eles acreditam que a vigilância, o controle e a punição são os meios efetivos de amenizar esta situação. Medidas podem ser adotadas como: vigilância eletrônica, fichas criminais pra que aqueles que venham a cometer algum ato ilícito não tenham mais acesso às torcidas, policiamento ostensivo (CP2). As penalidades propostas são: advertência, afastamento e expulsão (CP3, CP5). Segundo os sujeitos da pesquisa, as leis existem, mas o que não acontece é a punição (CP4, CP5) o

que dificulta o controle da violência. Para eles, enquanto não houver punição a situação não muda. As torcidas têm suas leis internas, seus estatutos, e que dependendo da situação eles a exercem, mas o controle quanto à circulação de pessoas nos estádios eles não podem exercer, pois este poder é atribuído à polícia.

3.2.3.2 *Discussão categoria lei*

*Em ter vários senhores nenhum bem sei,
que um seja o senhor, e que um só seja o rei
(Ulisses em Homero).*

A categoria lei foi representada na fala dos entrevistados como algo em declínio, pois muitas vezes nem se sabe de sua existência, ou, quando se sabe, é pouco valorizada ou é vivida de forma anômica, como uma lei que não se sustenta, que não tem força (Agamben, 2004). Em muitas situações vividas pela torcida ela é colocada em prática segundo critérios personalísticos – por exemplo, ser esta e não aquela autoridade de plantão - e aplicada de maneira impositiva.

No entanto, há limite para estas imposições no uso personalístico da lei, pois tais exigências, sendo potencializadas, podem produzir um retorno pulsional daquilo que pretendia sufocar. Neste contexto, um impasse se estabelece quando a lei parece estar posta, não para dar os limites que venham amparar o sujeito, mas sim, para institucionalizar o estado de exceção (Agamben, 2004).

As relações mantidas entre os torcedores e a lei acabam refletindo tanto a insustentabilidade que as leis têm apresentado, quando não é sustentado por

seus representantes, como a queda da referência ao Nome-do-pai (Lacan, 1955-56/2008a), em nossos dias, o que vem favorecer uma relação de não renúncia ao gozo. Ao invés de dar um amparo ao sujeito, o que acaba ocorrendo é certo abandono:

Lógica que compõem a situação de “a-bandono” em relação à lei, na qual o banido não é simplesmente colocado para fora da lei, mas é abandonado por ela, e, paradoxalmente, é nessa situação de “abandono” que esses sujeitos se constituem, no limiar entre vida e direito, representam a vida colocada para fora da jurisdição humana (Rosa, 2007, p.9).

Em função deste abandono, uma relação de descrédito vai se estabelecendo abrindo margem para que forças paralelas se constituam onde a lei que impera parece mais a do olho por olho e dente por dente, e dimensões como “respeito” e “paz” vão ganhando novos sentidos, sendo estabelecidas a partir do troco na mesma moeda (Pp4, Quadro 12). Assim, a crise no reconhecimento da lei não implica necessariamente que as pessoas se coloquem indiferentes a ela, “mas sim que a lei, tal como costumamos pensá-la imperativo de renúncia ao gozo -, vai perdendo sustentação na cultura” (Kehl, 2002, p. 14).

É dessa forma que entendemos o pedido de intervenção, o pedido que a lei se cumpra, pedido pelo controle, pedido pela punição representada na fala dos entrevistados, como efeitos de uma biopolítica moderna em que a politização da vida e da morte, o controle físico, a disciplina, são resultado de uma relação ambígua em relação à liberdade que, ao mesmo tempo, visa a atender a dupla demanda da sociedade: liberdade e segurança. “Criam-se

liberdades individuais, mas a “pretexto” da manutenção da segurança essas mesmas liberdades são submetidas a um rigoroso controle. Dessa forma, está dado o panorama do enquadramento da vida, em sua dimensão mais privada, na esfera político-governamental” (Bays, 2009, p. 8).

Porém, Dunning (2003, citado por Reis, 2006) contrapõe-se a essa visão de controle através da punição como saída para um quadro de violência. Segundo ele, quando a Inglaterra resolveu aplicar a lei e a ordem, a partir de punições e controle, como forma de erradicar o movimento dos *hooligans*, o que aconteceu foi o deslocamento das brigas da esfera dos campos de futebol para outros locais, potencializando uma organização maior deste grupo. Este é um dado importante quando, no Brasil, está em tramitação um Projeto de Lei que discute exatamente as questões de punição dos torcedores e suas respectivas torcidas organizadas quando da ocorrência de algum ato violento.

Pensamos que uma omissão na fala dos entrevistados, quando ninguém assume a responsabilidade pelas ações consideradas violentas refletem, em parte, a organização do laço social na atualidade. Este laço parece não sustentar um lugar para a culpa, efeito de uma sociedade que se inclina a funcionar em via contrária à premissa de que nem tudo pode ser dado ao homem e, igualmente, da negação de que é a partir da marca simbólica da lei que o sujeito se sustenta como tal (Carneiro, 2009, p. 94, tradução livre).

Enfim, no aparente estado de liberdade da presente dinâmica, o que se pode perceber é um sujeito refém de imperativos, tais como: consuma, goze, transgrida!; em uma época de sujeitos aparentemente livres, mas, prisioneiros da expectativa ansiosa de obtenção de reconhecimento social.

Trata-se de uma época de violência onde o desamparo humano fica exposto a olhos nus em decorrência de que as instituições não se apresentam mais como referência, em que a autoridade simbólica se mostra enfraquecida, restando ao sujeito um profundo e contínuo mal estar devido ao permanente quadro de insegurança em que a vida qualificada (Agamben, 2002) só se deteriora.

Neste sentido, não se fala em culpa, pois não se estabelece uma relação de reconhecimento de uma autoridade externa. Um conflito entre o eu e este representante externo da lei não se presentifica, abrindo assim passagem para cada um ditar sua própria lei.

Portanto, é diante de incertezas e dúvidas que as torcidas organizadas, apresentadas pelos sujeitos entrevistados, se posicionam diante de uma lei esvaziada, em que os limites de sua aplicação nem sempre se apresentam de maneira clara, ocasionando um desmoronamento dos valores e um aumento da lacuna entre as expectativas sociais e os anseios individuais frustrados.

3.2.4 Sobre a Violência

A Figura 5 apresenta os temas recorrentes quanto à categoria violência.

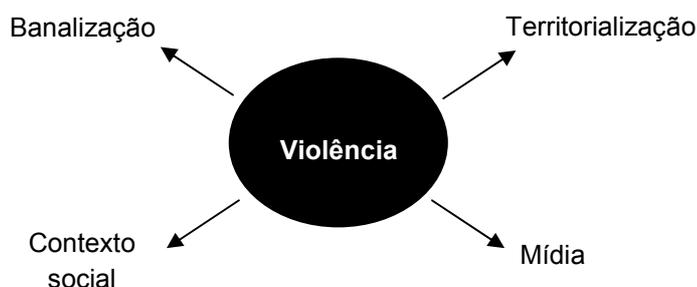


Figura 5 – Temas Categoria Violência

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

3.2.4.1 Análise categoria violência

*pra ser destacado no grupo é...
quanto mais violento você for, mais você aparece*
(Sujeito 1)

Os temas banalização, territorialização, contexto social e mídia foram os que mais emergiram relacionados à categoria violência, conforme falas constantes no Quadro 14.

A violência foi descrita pelos sujeitos entrevistados como algo que tem se tornado natural, generalizada, e até mesmo instituída no decorrer do tempo. Ela não está inserida somente no espaço das torcidas, mas praticamente na generalidade dos espaços urbanos: festas, praia, sinal, etc. Sua generalização invade a convivência interna da própria torcida quando membros de uma mesma torcida brigam entre si (B2), sendo estes confrontos algumas vezes agendados pela internet.

O ato de violência acontece por diversos motivos não sendo uma questão exclusiva do futebol, a exemplo dos motivos raciais e motivos políticos (B1). Considerada um desafio social, para S1 (B1), não se tem como erradicá-la, restando-nos aprender a conviver com ela.

A polícia também é apontada como um grupo bastante violento sendo, por vezes, considerada até mais violenta que os torcedores que manifestam violência (B4). Muitas vezes, são vários policiais batendo em um único adolescente (B8). Contudo, muitas vezes, as marcas de violência deixadas pela polícia são consideradas até mesmo um troféu (B7).

Bn	Falas
B1	Eu acho complicado erradicar a violência no estádio, porque é uma coisa que eu acho que tá para além do futebol, você vê essa coisa do grupo, outros que praticam a violência, se não é a torcida, é a questão da raça, é a questão sei lá, política. Enfim, a violência é o fenômeno que a sociedade vai ter que aprender pro resto da vida, não vejo como, porque você vê tanto jovens assim, eles quando não estão inseridos numa briga dentro do estádio eles estão inseridos numa briga no bairro deles ou num show, ou enfim futebol, é mais um espaço onde eles se matam né? Se não for ali, se acaba ali, eles vão ter que procurar outro lugar, como a questão do, quando acabou os bailes <i>funks</i> aumentou esse negócio no futebol. (S1)
B2	Existem alguns que entram, que penetram e que realmente caracterizam essa questão das confusões e das brigas. É tanto que hoje em dia as brigas já não são mais em torcidas opostas não. É, são alas que são criadas dentro da torcida daquele mesmo time que elas brigam entre si, marcam através de internet, marcam através de outros meios de comunicação e sai depredando tudo (S2).
B3	Uma vez eu estava assistindo um jogo no estádio, Time X e Time Y e muito lotado os dois lados né, e um cara que tava do meu lado, eu não conhecia e tava passando o helicóptero da polícia militar e o cara, por queria que esse helicóptero caísse na torcida do Time Y ali, eu disse, por que? Não, eles só tem come ovo, só tem carniça. (S5)
B4	As cenas que eu vejo de violência quando eu vou pro estádio, as mais assim, estarredoras, não é de torcedor com torcedor, é muitas vezes da polícia de batendo no torcedor, porque geralmente eles não fazem o procedimento correto, eles não prendem, não encaminham pra DCA, não encaminham pro órgão competente, eles prendem agridem, agridem, agridem e soltam. (S1)
B5	Com certeza, quem vivenciei como eu vivenciei a questão das torcidas organizadas, eu vivenciei a torcida organizada do Time X. Sou membro há muito tempo, há uma questão de que a violência é uma questão muito presente. Eu percebia componentes, pessoas amigas, que assim um dos elos, um dos pontos pra você ser visto, pra ser destacado no grupo, é quanto mais violento você for mais você aparece naquele grupo, pelo menos era assim no meu tempo, não posso falar hoje apesar que deu nunca ter ido por essa lógica né, por ter desenvolvido uma paixão pelo clube (S1)
B6	Um cara desse, que acabou de participar de um evento que culminou com a morte [...] não fica bem pra torcida promover logo [...] não sei acho que não pegou legal porque parece uma promoção por, né, por digamos potencializar a violência da torcida. Acho que é um evento bem elucidativo, dessa, ilustra bem essa questão de como a violência está ligada à ascensão na hierarquia da torcida. (S1)
B7	Você bota 20 mil de um lado 20 mil de outro, sempre vai ter um bobão lá que a polícia vai lá dá umas pauladas na cabeça dele e ele volta pra casa com o troféu lá, mas nada de grandes dimensões. (S4)
B8	Eu acho muita covardia quando um policial daqueles enormes ne, do choque, do batalhão de choque, pega muitas vezes um menino desse e agride, eu acho que o papel deles é prender a gente vê muitas vezes a violência não só da torcida com a outra torcida, da polícia com a torcida também é uma coisa absurda, revoltante. então assim eu fico as vezes me imaginando policial, eu acredito que eu não seria homem pra fazer o que muitas vezes vejo no estádio aqueles caras fazendo, de pegar um moleque desses que as vezes ta drogado, não sabe nem o que ta fazendo, a gente nota ate pela estrutura corporal que é um menino que deve se alimentar mal deve ta ali enfim, só com droga na cabeça, não deve ter almoçado e agredir, poxa vida prende e encaminha, eu acho que é aquele jargão, aquela máxima, de que violência só vai gerar mais violência. Um menino desse depois que toma uma surra desse nunca mais é o mesmo. (S1)

Quadro 14: Categoria Violência – Banalização

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

Em outras circunstâncias, um ato violento tipifica um mérito garantidor de “promoção” dentro do grupo das torcidas organizadas (B6). Neste sentido,

parece haver uma hierarquia que se sustenta no perfil violento, donde aquele que se destaca na violência, acaba ganhando um destaque na torcida (B5, B6).

Assim, o estado de banalização da violência chega ao ponto de a morte ser considerada um evento de pouca relevância e até desejada, desde que os mortos sejam da torcida adversária (B3).

Outro tema emergente foi o da territorialização, exemplificado pelas falas constantes no Quadro 15. A ênfase é posta na impossibilidade de transitar livremente e de brigas que acontecem no espaço interno da torcida. Isto se deu principalmente após a proibição dos bailes *funks*, intensificando-se as brigas interbairros por meio das torcidas organizadas (T1, T2, T3).

O espaço urbano passa por modificações nas suas representações, onde determinados bairros passam a ser considerados zonas proibidas pelos torcedores. Há linhas geográficas demarcatórias dos limites de trânsito entre torcedores rivais. A inobservância desses limites implica em risco de agressão (T4). Até a entrada em um estabelecimento comercial pode gerar confusões se o torcedor estiver com a “camisa errada” num “bairro errado” (T5).

Os entrevistados também narram que a cidade ganha uma nova configuração, em sua malha viária, em dias de grandes clássicos, quando determinadas ruas são destinadas ao acesso da torcida X e outras destinadas à torcida Y como forma de evitar confrontos entre as mesmas. Da mesma forma, o sistema de transporte urbano modifica a trajetória dos ônibus, nas vias de acesso ao estádio, como forma de prevenção de possíveis depredações.

Há também uma disputa entre os torcedores envolvendo os símbolos das torcidas – faixas, bandeiras – e os limites territoriais, em que conseguir o

Tn	Falas
T1	Minha época era coisa que ninguém, eu pelo menos nunca vi esse tipo de caso e andava com pessoal que era, tocava, era o carro chefe da torcida, ninguém comentava, ninguém via muito isso. Agora tem muito de influência de bairro né, hoje? Na minha época também não tinha, se diz, eu escuto falar que aqui, depois que acabaram esses bailes <i>funks</i> houve uma migração muito grande dessas gangues pras torcidas organizadas, porque os espaços deles eram os espaços desses bailes, espaço desses bairros onde se ia, enfim, se digladiavam. Como acabou esse espaço aí há muito isso dentro, de que é um problema hoje pra quem gerencia as torcidas organizadas, de administrar esses conflitos de bairros, há muita briga interna. Como eu sou muito apaixonado por idade média, eu fico as vezes me lembrando, poxa vida, como é medieval jogo de futebol né? A bandeira, tem questão da bandeira você ver até essa ações de torcedores, de briga de torcida, o tomar a bandeira do outro tem um peso enorme pro torcedor de organizada que consegue tomar a bandeira, uma faixa do torcedor adversário, assim é um prêmio, sabe bota foto em Orkut, bota em internet, quer dizer que um cara desse se sente, uma coisa, já viu uma coisa mais medieval do que isso que era na época, era jogos muito comuns, ter que tomar a bandeira, entrar no território, tem muito disso (S1)
	O propósito é, como a gente fala, dá moral ao pessoal do bairro né? Quando chega lá a diretoria da torcida organizada num bairro, todo aquele cresce cmais... “rapaz eles vieram aqui?!”. Aí leva uma camisa, duas, aí faz um sorteio lá e fica conversando duas três horas. Aí quando tem as festas também, porque cada bairro tem né? Todos bairros têm, quando tem as festas de bairro, teve um agora a gente foi, foi lá, fizeram um negócio bem bonito lá. (S2)
T2	Dentro de todo bairro geralmente tem torcedores dos dois times, a gente não pode negar. Mas há bairros que tem muito mais torcedores do Time X e bairros que têm muito mais torcedores do Time Y. Isso acontece, isso acontece, exatamente é por isso que tem essas reuniões pra não haver acontecer nenhuma confusão porque às vezes há encontros em terminais, há encontros em avenidas adjacentes do estádio a gente não quer que isso aconteça. (S3)
T3	A torcida organizada hoje foi dividida em várias facções, de vários bairros né? Hoje em dia a torcida organizada do Time X, que eu conheço mais, ela está dividida em várias sub-sedes, vamos dizer assim: Bairro X, Bairro Y, e cada núcleo desse, depende muito da situação econômica do próprio bairro né?, um núcleo do [bairro nobre] é totalmente diferente do núcleo do [bairro de periferia]. (S5)
T4	Muitas, muitas porque assim, não de, por exemplo, quando eu tinha 16 anos eu uma vez fui agredido por um cara que eu nunca vi na minha vida. Eu não tava no estádio, não era dia de jogo, eu simplesmente fui com um colega da casa da minha avó a um colégio que ele estudava pegar as provas dele de fim de ano e fui com a camisa do time Y, da [Torcida Organizada do time Y], e passei por um bairro, numa rua, até hoje que era do Time X tem isso né, determinado bairro só pode, então assim, quando eu olhei pro lado já vinha um cara correndo pra cima de mim me deu um murro no olho e assim se eu levei chute e se eu não corro eu tinha sido massacrado isso num dia de semana a tarde. (S1)
T5	Entrei com ela [esposa] no bar, eu com camisa do pré carnaval do Time X e ela também. Quando eu pego a cerveja que boto no balcão, vem um cara e diz rapaz esse bar aqui é do Time Y, um bar no Bairro Z. Aí eu fiquei assim, eu já tinha tomado uma cerveja, rapaz vocês não têm nem sede quanto mais bar, como vocês têm bar? Eu comprei minha cerveja, paguei e só saio daqui depois de tomar. Aí quiseram me tirar a força, um bate boca, mas não houve agressão. E assim, eu fiquei indignado com a pretensão, porque puxa vida, um bar, eu paguei minha cerveja não vou tomar? Só saí depois que eu tomei questão de... e ela assim, olha eu não vou, não saio mais com camisa. (S1)

Quadro 15: Categoria Violência – Territorialização

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

“objeto-símbolo” do adversário, por meio de uma bem sucedida invasão territorial, é motivo de orgulho, sendo comparado, por um dos entrevistados, com as lutas medievais. Assim, uma invasão bem sucedida é geralmente veiculada como conquista entre as torcidas, pelos canais virtuais (T1). Os sujeitos da pesquisa evidenciaram as questões sociais como um fator relevante na relação entre violência e torcida organizada sendo este mais um tema emergente na categoria violência, conforme Quadro 16.

A situação sócio-econômica (CS2, CS5), a falta de acesso à educação (CS2, CS4, CS5, CS6) e a crise social (CS2, CS4) foram apontadas como causas de manifestação da violência. Alguns argumentam que há uma incapacidade e baixa assimilação de ideias por parte de alguns torcedores (CS5) o que faz com que as mensagens passadas pelas lideranças não surtam o efeito desejado, não gerando mudança de atitude.

Neste contexto, as torcidas organizadas se tornam espaços de extravasamento, de um agir sem pensar, sendo agravadas pelo consumo de bebidas alcoólicas e drogas (CS2).

Como a torcida é um espaço de massa, algumas pessoas se mantêm nas mesmas, porém numa relação marginalizada, por serem consideradas pessoas envolvidas com gangues (CS1, CS3, CS4). Esses membros são tidos como infiltrados (CS3). Por isso, é entendido que a torcida, por ser um espaço catalisador de muitos jovens, poderia ser utilizada para realizar um trabalho de cunho social, por parte do governo (CS6).

CSn	Falas
CS1	Mas, com passar do tempo você vai aprendendo a conviver, a tolerar esse tipo de torcedor que você tem que falar com ele, até por segurança própria, você tem que estabelecer o mínimo de relação com esse tipo de gente dentro da torcida, se não tu sai do estádio ele é o primeiro a te roubar. Então, tu tem que pelo menos aprender a conviver com esse tipo de marginal que existe dentro da torcida organizada, existia na minha época, existe hoje. (S1)
CS2	Eu acho que a própria situação hoje tanto financeira das pessoas, a crise social dentro do país né, A falta de educação das pessoas né, aliado à bebida e outros tipos de drogas que compõem como estimulante, que as pessoas entendem como uma coisa de extravasar, leva realmente as pessoas a não pensarem nas atitudes que tão tomando né? (S2)
CS3	Eu acho que infelizmente é a decadência do futebol. Eu vejo dessa forma entendeu? Porque antigamente tinha o princípio da rivalidade, agora não existe, é realmente são... Da rivalidade, torcedor do Time Y e torcedor do Time X e agora o que é que se justifica? É marginalidade, pra mim eu vejo dessa forma, é por isso que eu tô te falando. São pessoas lá dentro infiltradas que provocam esse tipo de ação tenho certeza eu convivi com o pessoal da torcida organizada do Time Y que isso não parte da cabeça dos presidentes, dos organizadores. [...] É, aí tem duas partes, tem a questão realmente de se promover, são pessoas que se aproveitam de uma grande massa de pessoas né? E tem outro lado realmente, infelizmente de pessoas de gangues não é? se infiltrarem que gostam de briga, de confusão, de bebedeira, e que não levam mais a torcida organizada como uma coisa de diversão e sim de confusão, de intriga, de briga né? Ou seja, marginalizar totalmente as torcidas organizadas. (S2)
CS4	Aí já entra a educação, já entra um monte de coisa social, porque isso aí já é uma bola de neve, eu acho que é uma bola de neve, eu acho que se você para pra pensar até a educação das pessoas tem que mudar, quanto a isso, porque a educação das pessoas hoje em dia é muito falha, não estudam, uma criança tem que trabalhar cedo cresce com aquela coisa na cabeça aí eu acho que é entra outro aspecto, que já é o lado social da cultura do brasileiro em si. [...] Aí entra até o lado social da coisa, porque a gente já não fala de torcida organizada fala de gang, fala de gente que tem inimigo. E eu acho que a gente não pode colocar isso em check aqui, porque a torcida organizada ela não trabalha com isso. (S3)
CS5	Tem uma certa parte da torcida organizada que é exatamente esse pessoal que tá à margem de tudo isso, eles não conseguem assimilar nenhum tipo de informação que venha fazer essa distinção torcer é ali na hora no campo, somente dentro de campo, fora não. Rapaz isso é um problema já de, de social, é um problema social sai de cunho esportivo e já vai pra problema social de falta de distribuição de renda, falta de trabalho pro jovem, falta de estudo, isso ta tudo atrelado. (S5)
CS6	Às vezes são pessoas de classe, não digo nem de classe mais baixa, são pessoas que não tem um acesso a educação, que tem problemas sociais com pai e mãe separado, não tem acesso a uma saúde, um lazer, então, realmente, existem pessoas que fazem parte da torcida que cometem certos mas eu julgo muito mais isso por conta da situação social que as pessoas vivem. É aquela história, o futebol é catalisador de multidão, do povo, a torcida organizada é catalisadora dos jovens que fazem parte de todo esse espetáculo ta entendendo, então é um aglutinador, então ali vai todo tipo de gente, todo tipo de jovem, então lógico que tem gente que faz parte, comete atos ilícitos, mas como eu estou dizendo tem que haver um trabalho social em cima destas pessoas (S6)

Quadro 16: Categoria Violência – Contexto Social

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

O Quadro 17 apresenta falas representativas do tema mídia. Na visão dos entrevistados, os meios de comunicação contribuem com o clima de agressão, pois em dias que antecedem aos jogos utilizam um discurso metafórico alusivo à violência, tais como: combate, guerra, duelo, matador

(Md1), entre outros, chegando, inclusive, a veicular gravuras que potencializam um conteúdo de violência (Md5). Para os entrevistados, esta relação mídia-torcida organizada é permeada de hipocrisia (Md1), uma vez que depois que acontece alguma manifestação de violência o discurso se modifica com clamores pela paz.

Mdn	Falas
Md1	Há uma rivalidade muito grande né, há uma rivalidade muito grande que assim é errado pela mídia, a imprensa joga muito com isso: não é o artilheiro, é o matador né? O goleador do time adversário é o matador, não é um jogo, é um duelo. Então, há toda uma questão que a mídia também joga muito bem e depois faz meia culpa. Antes do clássico ela faz toda uma campanha: vai ser um duelo, vai ser isso e aquilo, e no dia posterior ao clássico, ela ah, a violência, não sei o que. Há uma coisa meio de hipocrisia em relação à mídia e como a grande massa que eu te falo é uma massa pouco esclarecida, então assim, puxa vida o que é que ela vai pensar? Há toda uma semana antes do clássico ah, essa coisa potencializada pela mídia. (S1)
Md2	Foi, começou a ter briga dentro das torcidas organizadas de forma muito leve ainda né? e algumas pessoas politicamente queriam se aproveitar das torcidas organizadas, porque a gente abria os canais tanto de televisão como rádio, mídia impressa, e a gente não tava com esse objetivo de tá promovendo ninguém, porque a gente queria fazer uma coisa realmente de... prazerosa pra gente, não era de ta promovendo ninguém. (S2)
Md3	A gente que é de torcida organizada a gente hoje em dia é muito criticado pelo fato da mídia dar mais atenção a brigas de meia de dúzia de babacas do que o trabalho social que a gente faz, o trabalho que a gente não faz. (S3)
Md4	A turma fala [da violência]... mas, por que? Porque a mídia tem que falar de alguém, então quem é menos protegido? A brincadeira do povão então e é o estádio que num tem ninguém pra breca uma notícia que saia. (S4)
Md5	Uma vez a gente até tava reclamando: um jornal mandou, publicou um jogo Time X com Time Y. O Time Y tinha perdido. O Time X com uma espada enfiando no peito do Time Y, no chão caído. Rapaz, como é que vocês querem reclamar das torcidas dizendo que a gente que promove a violência e olhe aqui a capa do jornal? (S6)

Quadro 17: Categoria Violência: Mídia

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

Há uma reclamação pelo fato das brigas serem amplamente divulgadas pela mídia, enquanto que o trabalho social das torcidas organizadas não é posto em evidência (Md3). Para eles, a mídia se utiliza dos eventos que envolvem violência porque os mesmos “dão matéria”, dão visibilidade (Md4), sendo esta visibilidade o que também atrai a classe política (Md2).

No entanto, alguns entrevistados falam da existência de programas de rádio específicos, de uma ou outra torcida organizada, que hoje representam

um espaço onde se pode ter comunicação com a grande massa de membros, podendo-se informar sobre objetivos da torcida e atitudes esperadas.

3.2.4.2 *Discussão categoria violência*

A prática da violência como toda ação, transforma o mundo, mas a transformação mais provável é um mundo mais violento
(Arendt, 1985)

O fenômeno da violência não ocorre por acaso, mas:

em função de um Amo que possa sustentar uma cara, um olhar, um sorriso e que, por sua vez, possa também sustentar uma lei, causar uma culpa ou talvez que possa comover o sujeito em relação ao próximo, categoria banalizada pela violência em ato (Carneiro, 2007, p.81).

Eventos como a descrição que o torcedor faz sobre a vida do torcedor adversário, quando deseja que um helicóptero caia em sua cabeça, parecem indicar a preponderância da lógica da vida nua, isto é, a vida matável e insacrificável do homo sacer, em que o sujeito encontra-se reduzido à mera existência, não levando-se em conta um ser, se achando este destituído de seus direitos (Agamben, 2002). De certa forma, a relação estabelecida é de que não há ali um sujeito. Então, matar o outro é consentido se for para abater o objeto da frustração (Marin, 2002).

A violência manifestada ao outro através de atos, a violência veiculada na mídia, a violência manifestação de uma desigualdade social, a demarcação territorial que tem impedido um livre acesso aos locais públicos, todos estes aspectos apontados pelos sujeitos da pesquisa não deixam de ser reflexos do

discurso vigente, o discurso capitalista (Lacan, 1969-70/1992), pois este discurso coloca o sujeito na posição de agente, como um semblante de Amo, colocando-o como centro das atenções (Souza, 2003). Trata-se de um discurso que promete a posse do objeto que sempre se apresenta como acessível. Isso com certeza traz consequências que muitas vezes pode ser a manifestação da violência como forma de possuir o objeto, por exemplo, o reconhecimento, a promoção (B6, Quadro 14).

O sujeito como consumidor voraz deseja o objeto “para consumi-lo, destruí-lo, ou mesmo jogá-lo fora, mas obedecendo às leis de do mercado” (Souza, 2003, p. 139), lei esta que parece ser estendida para a relação com o próximo, no ato de violência.

A mídia como canal de oferta de objetos de consumo tem se colocado neste cenário como instrumento que potencializa a violência entre as torcidas, quando utiliza termos que fortalecem esta imagem de violência. Reis (2006) chama atenção para a falta de formação especializada do jornalismo esportivo, no Brasil, onde muitas vezes é o profissional em início de carreira que assume esta área de grande interesse dos leitores e telespectadores brasileiros. O imediatismo, o mercantilismo, a busca desenfreada pela audiência são apontados por Murad (2007) como meio de fazer de secundário o que é principal onde muitas vezes se banaliza e naturaliza o fenômeno da violência.

Este quadro difere da imprensa europeia, especialmente da imprensa espanhola estudada por Reis (2006, p. 44), que contribui no controle e prevenção da violência relacionada ao esporte evitando “o uso de termos agressivos e violentos que pudessem aumentar a tensão e o risco ante uma partida de futebol”; evitando a exibição de imagens violentas como um dos

meios de prevenir o mimetismo por parte de jovens que se identificam com este tipo de ato.

Um outro aspecto trazido na fala dos sujeitos entrevistados foi a violência e a ocupação da cidade em que moram, isto é, o uso do território. Segundo Diógenes (2008), está sendo construída uma nova territorialidade nesta cidade a partir do confronto da polícia com as chamadas gangues, “onde todo lugar é potencialmente de violência e de repressão” (Diógenes, 2008, p. 140). Contudo, essa nova geografia é invisível fato este que favorece penetrar numa área perigosa sem saber quem é o “inimigo”: “É sob essa dinâmica que um mapa *sui generis* da exclusão e violência faz evidenciar microterritórios de poder, repressão e controle onde a cena primordial são as tramas juvenis” (Diógenes, 2008, p. 141).

Desta forma, “no imaginário das gangues, os espaços da cidade configuram-se como *locus* de disputas, confrontos e delimitação de posses” (Diógenes, 2008, p. 143).

É neste espaço de confronto e disputa que Souza (2000, citado por Valverde, 2004) propõe que uma compreensão da atuação dos grupos organizados, a exemplo das torcidas, exige:

uma abordagem na qual seja possível perceber a cidade em disputa e retalhada por diversos fenômenos territoriais que podem se superpor no tempo e/ou no espaço, pois eles se dividem em hierarquias de poder para realizar o maior controle territorial possível. Através dessas hierarquias, eles multiplicam as suas ações no espaço da cidade, aumentando também o conflito pelo poder (Souza, 2000, citado por Valverde, 2004, p. 121).

No caso das torcidas organizadas, o movimento de ocupação territorial tem ultrapassado os limites dos estádios e avançado na apropriação do espaço da cidade (Gomes, 2002, citado por Valverde, 2004), a exemplo do trajeto até o estádio em dias de jogos e das alas de bairros que acaba “pegando” os desavisados que adentram em território demarcado por uma torcida.

Enfim, o que se configura no contexto da violência aqui apresentado pelo viés das torcidas organizadas é que o sujeito do desejo é posto de fora da cena, o sujeito fica excluído. O que se manifesta é o Real que é sem palavras (Lacan, 1962-63/2005) podendo transformar em legítimo algo que não pode ter forma legal, peculiaridade comum no estado de exceção (Agamben, 2004): “A situação, que vem a ser criada na exceção, possui, portanto, este particular, o de não poder ser definida nem como uma situação de fato, nem como uma situação de direito, mas institui entre estas um paradoxal limiar de indiferença” (p.26).

Este lugar de indiferença se manifesta, por exemplo, no aspecto apontado pelos entrevistados que abordam as questões sociais como foco de problemas relacionados com a violência junto às torcidas, a exemplo do: álcool e outros tipos de drogas que, no Brasil, segundo Reis (2006), vem associado ao alto índice de desemprego, à baixa escolaridade, à precariedade na oferta de lazer gratuito, à falta de condição de acesso aos bens de consumo, fatores estes que também foram apontados pelos sujeitos da pesquisa.

É, portanto, esta indiferença quanto à manutenção das necessidades sociais básicas, de indeterminação da lei e de seu não cumprimento, da negação da alteridade que se estabelece tanto em relação à lei como em relação ao outro, que possibilitam a emergência e proliferação da violência.

Assim, a passagem ao ato (Lacan, 1962-63/2005) como que vai sendo cotidianamente autorizada e estimulada, num contexto em que vida e morte são desqualificadas, e, ao mesmo tempo, equiparadas.

É, portanto, num espaço onde a referência ao Outro vai se enfraquecendo que a violência se expande, pois não há a quem se prestar contas. Desta forma, o sujeito atende aos apelos descontrolados de um gozo sem limite e a violência torna-se coisa banal. “Chega a hora em que cada um de nós tem de abandonar, como sendo ilusões, as esperanças que, na juventude, depositou em seus semelhantes, e aprende quanta dificuldade e sofrimento foram acrescentados à sua vida pela má vontade deles” (Freud, 1930/1980b, p. 134).

3.2.5 Sobre a Organização

A Figura 6 apresenta os temas recorrentes quanto à categoria que emergiu do campo: a organização.



Figura 6 – Temas Categoria Organização
Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

3.2.5.1 Análise categoria organização

*Tem uma cúpula que faz que isso seja assim, tem um centro pensante.
A base é essa meninada que eu te falei, mas existe um centro pensante
e esse pessoal que tá gerenciando, que gerencia a torcida
é que faz essa lógica administrativa
(Sujeito 1)*

A categoria organização, exemplificada através das falas constantes nos Quadros 18, 19, 20 e 21, emerge na narrativa qualificando o composto torcida organizada, com conteúdos bem definidos e peculiares a um tipo organizacional específico: a empresa.

O Quadro 18 sintetiza algumas falas em que os entrevistados narram a torcida organizada – uma *torcida empresa* (S5) - como detentora de recursos de duas naturezas: recursos humanos e recursos materiais.

Nesta *torcida empresa*, há trabalho a ser desempenhado, de maneira árdua (OR1, OR2), por vezes assumindo o status de ajuda (OR3) ou responsabilidades (OR6). Este trabalho é realizado por trabalhadores dedicados que, frequentemente, são narrados pelos entrevistados à maneira do jargão corrente no mundo empresarial contemporâneo: colaboradores (OR1, OR3). Especificamente S4, também aponta um lugar de não-trabalho: o da diretoria (OR1).

Quanto aos recursos materiais, os sujeitos frequentemente fazem referência à bandeira como o grande patrimônio da torcida, indicadora do status e crescimento da torcida (OR5, OR6). As responsabilidades dos “torcedores-trabalhadores”, em geral, estão associadas a esses recursos patrimoniais – bandeira e faixas – envolvendo desde a guarda dos mesmos (OR4) até a colocação e manuseio em dias de jogo.

ORn	Falas
OR1	É... eu tenho os colaboradores né, da torcida, os colaboradores e os diretoria que não trabalham, que eles chegam mais cedo no jogo dia de domingo, dia de sábado quatro da tarde, tem que chegar no estádio uma hora da tarde. (S4)
OR2	O trabalho que a gente tem para manter a torcida que não é fácil. Um trabalho árduo, um trabalho muito difícil [...] porque a gente chega cedo, sai tarde, às vezes se o time perde. (S3)
OR3	Isso eu cheguei era só componente, eu ia ficava como componente. Cargo diretivo na torcida organizada do Time Y mesmo eu assumi é... aí fiquei muito tempo como... é... não tinha cargo, mas como se tivesse né... ajudando muito, tudinho, aí é... fui... 99 certo. Aí eu comecei a participar mesmo internamente de ajudar tudo... Porque logo de início eu não queria ser de diretoria, eu não queria ser diretor, eu era mais um colaborador. Conseguia as coisas, se a torcida organizada do Time Y precisava de alguma coisa, a gente ia lá conseguia, ajudava em todas as formas... (S4)
OR4	Aí uma das faixas do PV, por eu morar ao lado do estádio ficou sendo guardada comigo. Aí eu tinha a responsabilidade de levar e trazer, eu morava 3 quarteirões do estádio levar e trazer todo jogo. Foi minha primeira responsabilidade. [...] A partir do momento que foi crescendo vai surgindo mais colaboradores também então, tipo assim, naquela época eram 50 mas eram pouco mas, tinha uma quantidade x de colaboradores, tinha uma quantidade x de material, naquela época eram 3 faixas, hoje em dia o patrimônio da [Torcida Organizada do time Y] é gigantesco, muita coisa, então, em contrapartida com o crescimento numérico também chegou muita gente. (S6)
OR5	Como eu lhe falei a gente tem uma bandeira de 153 metros por 37 que é a segunda maior do Brasil. Uma coisa que a gente lutou muito, batalhou muito pra conseguir. Hoje é um patrimônio nosso. A gente tem uma sede social própria, que se encontra no bairro F. (S3)
OR6	Acho que foi em 99, 98, 98 certeza, eu recebi a responsabilidade, foi minha primeira responsabilidade que eu recebi na torcida, que a torcida como o patrimônio era muito pequeno naquela época, eram 3 faixas, duas no PV, uma no Castelão, não tinha bandeira e alguns instrumentos. (S6)

Quadro 18: Categoria Organização – Recursos Humanos e Materiais

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

As falas constantes no Quadro 19 expõem as lógicas produtiva e organizativa operantes no contexto da *torcida empresa*. Tal como as organizações capitalistas, a *torcida empresa* dá conta dos seus objetivos através do princípio da divisão do trabalho, ratificando o clássico princípio taylorista da cisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual (ODH3), cujo correspondente, do ponto de vista organizativo, é uma estrutura organizacional assentada no princípio da hierarquia (ODH1, ODH3), assumindo aspectos de uma organização com tendências à burocratização face ao progressivo crescimento (ODH2).

ODHn	Falas
ODH1	A partir de 2003 o “F” continuou como presidente em 2003 até o final do ano. Mas eu e o “J” é quem administrávamos a torcida, parte financeira, mas nessa época eu já estava totalmente engajado na torcida. Então é como se fosse o “F” era o presidente oficial, mas quem geria era “J” e eu em seguida dele. (S6)
ODH2	A gente teve, já tem, teve joga que a gente tem de alugar 3 ônibus para os colaboradores. Só pra o pessoal que vai pra sede pra ajudar a carregar o material, botar a faixa no estádio. Então, o número de colaboradores também cresce, então, isso facilita coordenar. Fulano é responsável por isso, ciclano é responsável por isso e as coisas acontecem automaticamente. Hoje em dia, tipo assim, eu nem me preocupo muito assim porque já que tem as pessoas certas, cada um em seu setor, então as coisas já acontecem automaticamente, não precisa ninguém tá ali o tempo inteiro, faz isso, faz aquilo, entendeu, é, já é natural já é. (S6)
ODH3	Mas a questão é que tem uma cúpula que faz que isso seja assim, tem um centro pensante. A base é essa menina que eu te falei, mas existe um centro pensante e esse pessoal que ta gerenciando, que gerencia a torcida é que faz essa lógica administrativa, mas a grande base é desse pessoal desprovido de algum tipo de discernimento. [...] Mas geralmente quem faz, digamos o trabalho sujo, geralmente é esse tipo de componente por que? Porque geralmente a diretoria não se envolve, ela nunca se envolve, se ela faz alguma coisa ela faz..., porque ela ta ali ela que vai prestar conta, ela que vai perder. Hoje um membro efetivo da diretoria da torcida fizer uma besteira o prejuízo é dele porque nessa lógica de empresa ele vai deixar de tá ali no espaço que é economicamente viável pra ele. (S1)

Quadro 19: Categoria Organização – Divisão do Trabalho e Hierarquia

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

Convergente a esta lógica do crescimento, os entrevistados narram, conforme Quadro 20, as estratégias desenvolvidas pelas torcidas para se constituírem, crescerem, se desenvolverem e garantirem a continuidade (OE2, OE3, OE4).

São de pelo menos duas ordens as intenções estratégicas socializadas pelos sujeitos: ajuda ao futebol e intervenção nos clubes. Ora eles colocam a *torcida empresa* como uma mediadora estratégica necessária à geração de recursos que potencializem o futebol, o que justificaria a cobrança de taxas aos associados e a comercialização de produtos com a marca da *torcida empresa* (OE1); e ora eles narram a criação das torcidas como forma de pressão e ingerência no âmbito de outro tipo organizacional relacionado ao futebol: o clube, como que reconhecendo o poder das torcidas organizadas de mobilizarem as massas, figurando o mesmo como a moeda de troca garantidora de um poder de barganha junto aos clubes (OE2). É neste

contexto, que eles narram as estratégias de crescimento geograficamente descentralizado, porém administrativamente centralizado (OE3).

OE	Falas
OE1	É, eu acho foi como você falou, torcida organizada, tudo que é organizado vira uma organização, se for uma organização de gerar empregos, pra gerar receita, pra que o futebol venha melhorar né, eu acho fantástico, eu acho que o caminho é esse mesmo, a gente tem que gerar outros tipos de receita pro futebol fora o ingresso, o futebol ele não se sustenta só do ingresso né tem que ter associados que contribui mensalmente, eles têm que vender <i>souvenir</i> , camisetas, esses tipos de coisas pra poder se manter senão o futebol afunda. (S2)
OE2	No Brasil, se restringe as torcidas organizadas que são pessoas que se organizam pra conseguir recursos pra poder tá patrocinando estas festas, fogos, papel picado, bandeiras e tudo isso ta entendendo? Então tem essa característica do Brasil questão torcida organizada que a gente procura, usar a torcida organizada para incentivar o clube, fiscalizar o clube ta entendendo? É como estou dizendo é a característica das torcidas no Brasil. Surgiu que na década de 70, 80, surgiu como é o seguinte é o movimento de fiscalizador, era um grupo de torcedores, não é que eles fossem contrários, não é, eles eram um grupo de torcedores que queriam fiscalizar e participar do dia a dia do clube só que naquela época só podia participar quem tinha dinheiro mas eles tinham a massa na mão, eles conseguiam aglomerar, por serem liderança, eles conseguiam aglomerar. Então, como é que eles iam intervir no clube se eles não tinham dinheiro? Então eles se juntaram, se organizaram aí fizeram torcida organizada com cadastro, com tudo, associações de torcedores de seus clubes pra poder ter legitimidade nas cobranças, nas exigências que eles faziam, ta entendendo? Então partiu daí, a gente se reúne, se organizou neste sentido. As torcidas organizadas de um modo geral nesse sentido, pra poder participar da vida do clube, como não tinham um poder aquisitivo alto pra poder tá intervindo, participando, se juntaram pra poder dar legitimidade ao movimento. Pra ter legitimidade tem de ter organização, por isso que formaram associações com cadastro, com tudo isso. (S6)
OE3	É como se fosse uma franquia, existe a matriz que vai, a franqueada que vai criando as franquias através de bairros, e eles vão, eles detêm a política organizacional de cada facção. Mas aí acontece exatamente essas brigas que acontece no dia-a-dia, pessoas marcando pela internet, não as torcidas organizadas, as torcidas organizadas começaram a participar também desse tipo de evento. (S2)
OE4	Não, o mais importante foi que assim essa torcida foi fundada em 78 e até hoje existe. A torcida organizada eu diria que é como empresa, poucas empresas são montadas e se mantêm, vão a frente né? (S2)

Quadro 20: Categoria Organização – Estratégias

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

A centralização administrativa parece estar associada à lógica da lucratividade que sustenta as relações e intenções nesta *torcida empresa*, conforme indicam as falas sintetizadas no Quadro 21.

OLM	Falas
OLM1	Hoje é disputado, disputas acirradíssimas pra quem é presidente da torcida organizada do Time X hoje, porque é uma empresa então há eleições, há toda uma série, há propaganda. Eu acredito que remuneração não exista, mas você tem uma série de outros ganhos inclusive, o simbólico, você passa a gerenciar uma verdadeira empresa e você pode enfim, usar o nome delas se você for inteligente, você usa pra realizar eventos, dá pra você lucrar bastante e hoje tem, essa característica talvez essas pessoas que fazem a torcida tenha esse caráter muito mais de empresário do que mesmo de aficionado. [...] Hoje as torcidas são organizadas são verdadeiras empresas, dão muito lucro (S1)
OLM2	Hoje a torcida organizada ela tá mais pra uma instituição empresa do que propriamente ideológica, a torcida ela não sai mais de dentro da pessoa, do coração, do sentimento, hoje em dia é mais questão financeira mesmo né. Agora é muito difícil. É isso que estou te falando pedido de mil camisas numa serigrafia dessa é vendida em duas semanas. Não tem como ter controle. A lucratividade é muito alta. Então eles também não estão interessados em ter essa, esse freio em relação à venda deles. Passou a ser empresa. Hoje em dia a torcida organizada do Time X tem nove lojas e a tendência é se expandir mais e mais por que, porque ta dando lucro. (S5)
OLM3	Hoje virou uma indústria, se você chegar em serigrafia como a "X" ou a "Y" ou qualquer outra você tem pedido de duas mil camisas da torcida organizada do Time X com preço de custo de no máximo R\$15, 20 reais que são vendidas a R\$ 60,00, R\$70,00 né? E é uma marca que hoje em dia já pegou e que tem público, quer dizer é um negócio muito bom, pra quem tá à frente, é um negócio muito bom. Então, você percebe uma mudança ideológica que a torcida organizada eu acredito até que no país inteiro, ela se desvirtuou exatamente nesta questão de virar torcida empresa. (S5)

Quadro 21: Categoria Organização – Lucratividade e Mais-valia

Fonte: elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

Como dominante no contexto capitalista contemporâneo, também há, no discurso dos entrevistados, uma correspondência entre competitividade e lucratividade, donde para garantir a lucratividade do negócio, alguns competem acirradamente pelos postos de comando (OLM1).

A lógica de crescimento territorial da torcida organizada vem igualmente acompanhada da expansão territorial dos negócios tendo em vista o alcance dos *torcedores-consumidores* necessários à geração dos altos lucros (OLM2). Uma vez baseada na lógica *industrial* (OLM3), as direções das torcidas organizadas parecem operar nas mesmas bases capitalistas donde a acumulação de capital se dá por meio da extração de mais-valia que, em suas falas, emerge tanto na formação dos preços dos produtos comercializados (OLM3), quanto na promoção e sustentabilidade do negócio como um todo

garantida direta e indiretamente pelo *trabalho árduo* (S3) do torcedor-trabalhador-operacional desta *torcida empresa*.

3.2.5.2 *Discussão categoria organização*

*Para que todos os homens, enquanto têm algo de homem,
deixem-se sujeitar, é preciso um dos dois:
que sejam forçados ou iludidos.*

La Boétie (1982)

A temática organização chamou-nos atenção na fala dos sujeitos ao demonstrar que o movimento da torcida organizada passou por processos de grandes mudanças, donde algumas organizadas apresentam estruturas de grandes organizações, na atualidade.

Toledo (1996) chama atenção que estas mudanças já se destacam pela própria nomeação, em que antes as maiores organizadas eram conhecidas como torcidas uniformizadas, mas hoje elas preferem ser reconhecidas pelo termo organizada, dando assim ênfase ao caráter organizacional. Neste sentido, as maiores torcidas organizadas contam com uma estrutura administrativa bem estabelecida, dentre elas a torcida X e torcida Y, composta por: diretoria com presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor financeiro e várias outras diretorias de suporte como compras, relações públicas, entre outras, e seus muitos colaboradores.

Neste aspecto, podemos então perceber que as torcidas têm adotado um modelo de organização burocrática (Toledo, 1996) que, partindo das concepções weberianas, entende-se que seja “um sistema que busca organizar, de forma estável e duradoura, a cooperação de um grande número

de indivíduos, cada qual detendo uma função especializada” (Motta & Vasconcelos, 2005, p. 138).

Em face dos múltiplos interesses que circulam no contexto das torcidas, uma grande massa de colaboradores é utilizada e destes se demanda atitudes cooperativas para que os diversos objetivos sejam alcançados.

Contudo, a partir dos conteúdos que emergiram no campo, entendemos que a burocracia vivenciada pelas torcidas não se apresenta na sua pureza, pois um dos fundamentos da burocracia é a autoridade do tipo racional-legal, aquela que está baseada numa intensa racionalização das atividades e no poder formalmente constituído, tipo próprio de autoridade que veio substituir, na sociedade moderna, as autoridades do tipo tradicional e carismática, esta última de cunho personalista (Motta & Vasconcelos, 2005).

Na fala dos entrevistados, o princípio da autoridade racional-legal vem fortemente expresso nas nomenclaturas utilizadas para se referir aos postos de liderança, isto é, aos cargos de diretoria anteriormente citados. Porém, eles parecem indicar que a autoridade do tipo carismática, aquela de cunho personalístico, também parece existir no contexto das torcidas organizadas, uma vez que as escolhas das lideranças maiores – os presidentes – mesmo ocorrendo através do voto, parecem ter que atender especialmente a critérios relacionados ao carisma pessoal, que, neste tipo organizacional específico, emerge como sinônimo de violência, onde ser carismático é corresponder ao perfil de dirigente que inflige moral.

Novamente, este ponto também indica que eles narram sobre uma burocracia multifacetada, pois as falas dos sujeitos parecem reforçar a lógica burocrática no que toca ao conceito de meritocracia (Motta & Vasconcelos,

2005), princípio segundo o qual se ascende na hierarquia por meio do mérito. A especificidade deste tipo organizacional está no fato de ser a violência a indicadora do mérito, como uma espécie de moeda de troca para chegada ao poder: “*Um cara desse, que acabou de participar de um evento que culminou com a morte ... não fica bem pra torcida promover logo.... Acho que é um evento bem elucidativo, dessa, ilustra bem essa questão de como a violência está ligada à ascensão na hierarquia da torcida.*” (S1)

Assim, a organização *torcida empresa* parece ser uma espécie de local de síntese das relações contraditórias entre os tipos diversificados de “torcedores” que transitam e precisam conviver neste espaço social multifacetado da torcida organizada, cada um em busca do seu “mais-gozar” (Lacan, 1968-69/2008b). De um lado, tem-se o *torcedor-trabalhador* que dá o sangue, mas que também quer extravasar, ao seu modo, quer garantir o seu gozo. Por outro, há o *torcedor-gestor-empresário* que condena discursivamente a violência, porém, parece não poder abrir mão tanto do *torcedor-trabalhador*, necessário que é a criação do seu mais gozar específico - a mais-valia capitalista -, quanto da violência daquele, permitindo e legitimando discursivamente a mesma – há um *trabalho sujo* reservado àquele -, como uma espécie de “recurso estratégico” necessário, desde que bem dosado. Desta forma, uma relação de forças de mão dupla parece operar sob a lógica do discurso do capitalista, que, como já é sabido, não faz laço social (Alberti, 2001).

Nesta relação dos torcedores com a torcida empresa o que parece se estabelecer é um “contrato” de servidão voluntária (La Boétie, 1982) em que os colaboradores são extorquidos no seu trabalho (mais-valia) numa produção

que se paga com gozo (Lacan, 1969-70/1992). “Desse modo os homens nascidos sob o jugo, mais tarde educados e criados na servidão, sem olhar mais longe, contentam-se se em viver como nasceram” (La Boétie, 1982, p. 20).

Para Lacan (1962/1998c), a sociedade baseada no utilitarismo exige uma colaboração social de seus membros, necessária à manutenção de sua produção, propondo “ideais individuais que tendem a se reduzir a um plano de assimilação cada vez mais horizontal” (Lacan, 1962/1998c, p. 146). Estes ideais individualistas levam o sujeito a “um estado em que pensam, sentem, fazem e amam exatamente as mesmas coisas, nas mesmas horas, em porções de espaço estritamente equivalentes” (Lacan, 1962/1998c, p. 146). Assim, a manipulação da massa se torna viável e a lucratividade garantida, pois a juventude socialmente construída atende às demandas de mercado.

As contradições desta torcida empresa se desvelam no contexto destas relações ambíguas entre dirigentes e dirigidos, o que nos faz lembrar a relação entre os líderes e as massas, como Freud (1921/1980f) a descreve:

Só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias de que a existência depende. Há, porém, o perigo de que, a fim de não perderem sua influência, possam ceder à massa mais do que esta a eles; por conseguinte, parece necessário que sejam independentes dela pela posse dos meios de poder à sua disposição (Freud, 1921/1980f, p. 18).

Há assim, no contexto da torcida empresa, uma permanente relação de compensação entre líderes e liderados, tal como numa operação bancária. Porém, nesta relação específica, é a violência que figura como mercadoria detentora de valor para ambas as partes. Os líderes emergem neste contexto tal como o mestre, que faz uma operação de transferência bancária do saber escravo: “um verdadeiro mestre não deseja saber absolutamente nada, ele deseja que as coisas andem” (Lacan, 1969-70/1992, p. 21). O mestre confia no saber-fazer do escravo para a produção de um mais-gozar (Lacan, 1969-70/1992).

É assim que os colaboradores se adequam à estrutura organizacional das torcidas organizadas onde o processo de “empresarização” ganhou força sendo hoje fonte de altos lucros para alguns torcedores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso traçado nesta dissertação, que teve como objetivo geral a investigação sobre a manifestação da violência nas torcidas organizadas de futebol e a relação que estas estabelecem com a lei, chega ao seu momento, não digo de conclusão - pois nos deparamos sempre com limitações decorrentes de um aprofundamento teórico ainda em andamento e da construção do saber que sempre é da ordem da incompletude, como também, da riqueza do campo pesquisado que sempre abre novas possibilidades de exploração investigativa e interpretativa -, mas chega, finalmente, a um momento de fechamento desta etapa. À guisa de reflexões finais, consideramos que, a partir dos dados levantados em campo, os objetivos propostos foram alcançados.

O campo se mostrou bastante rico, onde de certa forma confirmou a violência como prática, se não estimulada, mas consentida, no âmbito das torcidas organizadas, local em que a violência é narrada como troféu no processo de ascensão dentro da organização. Neste sentido, a violência, embora negada como objetivo dentro das torcidas, aparece escamoteada, diluída nos movimentos internos. Assim, a afirmação de que a violência está circunscrita aos torcedores “marginais” que se infiltram, ou predominantemente associados a estes tipos de torcedores, acaba não se sustentando.

Podemos então constatar que a violência tem estado presente na vida social dos mais diversos atores da sociedade independente da classe sócio-econômica, cor, idade, estado civil. Tal fenômeno foi analisado no contexto das torcidas organizadas como um dos efeitos da devastação do declínio do Outro

dando vazão ao discurso capitalista onde tudo é permitido abrindo espaço para a violência como imperativo de gozo. A violência, portanto, aponta para a falência da função simbólica onde se tem uma afânise do sujeito. Assim, o gozo emerge sob a forma de um real sem lei, pois o sujeito está diante de um discurso sem ter quem o represente, não há quem sustente o lugar de autoridade.

Neste sentido, um estado de anomia, caracterizado pela suspensão da norma, parece confirmar-se nas relações estabelecidas entre as torcidas organizadas quando as mesmas denunciam a falta de controle por parte das autoridades. Abre-se nestas relações margem para abusos, tanto da parte dos policiais como da parte das torcidas, devido ao fato das normas não serem claras.

Ao mesmo tempo que as torcidas organizadas solicitam uma intervenção dos representantes da lei, há também um discurso paralelo que denota a descrença na eficácia da mesma. Neste sentido, o uso personalístico da lei, uso este que se estabelece nos espaços marcados pela anomia, vem para normatizar as exceções, permitindo assim uma relação de insegurança quanto aos direitos e deveres de cada um. O que resta, portanto, são resquícios de uma lei que deixa os limites frouxos. Desta maneira, as torcidas organizadas se veem abandonadas pelo poder público não tendo voz ativa pois não são ouvidos, sendo deixados à margem, espaço este que favorece a manifestação da transgressão.

Assim, podemos pensar na violência como sintoma no sentido psicanalítico, pois “é uma emergência de verdade que concerne ao gozo” (Ferrari, 2006), onde verdade e gozo se condensam. A violência então

denuncia uma ordem social que não se sustenta. “Ela é forma de expressar, muito bem, que algo não vai bem na ordem instituída pela civilização, no caso atual, ordenada pelo sistema capitalista e seu mais gozar” (Ferrari, 2006).

Desta forma, a exigência de amar o próximo se mostra impossível. Isso seria adotar uma postura ingênua diante do contexto de gozo que não requer renúncia de seus “servos”, mas sim, que consuma. Amar o outro exige sacrifícios e a ordem vigente é a da plena satisfação que nunca é alcançada. O sujeito, portanto, trabalha no esforço de inibir seu mal estar mesmo que para isso o outro precise ser descartado. O outro só será digno do meu amor se for semelhante a mim (Freud, 1930/1980b). Então, entre torcidas opostas, este ideal não é pertinente. Como, neste contexto de violência, da massa, do espetáculo, do gozo, identificar quem é merecedor de ser amado? O outro é só mais um que, não sendo amigo, pode-se prescindir.

A culpa, portanto, não cabe neste espaço onde a alteridade é negada. A culpa aparece esmaecida, pois não há nada a perder, não há um Outro que demande amor, não há em nome de quem se faça uma renúncia por causa do amor. O mestre do discurso do capitalista não tem cara, então, não se deve nada a ninguém. Assim, tudo é permitido, pois não há quem interdite.

Desta forma, no tocante à lei, a relação vivida com a mesma, no contexto das torcidas organizadas, é de uma lei despotencializada, como afirma Agamben (2004), sem força, onde os limites não são postos de maneira consistente e que abre espaço pra entrar em vigor a *lei da selva* (S4). Então, a relação que as torcidas organizadas parecem estabelecer com a lei sugere uma forma anômica na qual a lei não tem sido negada, porém, tem tomado formas diversas e acaba ocupando um constante estado de suspensão, um

estado de emergência, com a justificativa de atender necessidades particulares dos sujeitos sociais. Há, portanto, uma negação da eficácia da lei quando a mesma não é cumprida e a relação anômica é estabelecida pelo exercício de vários poderes paralelos que acabam por deixar o sujeito à mercê do “destino”, destino este que quase sempre se manifesta de uma forma cruel, pois o sujeito é tomado como mais um objeto de consumo, passível, portanto, de um rápido descarte.

Entendemos assim que a forma como a lei se manifesta reflete o declínio das referências simbólicas, contemplando o primeiro e terceiro pressupostos desta pesquisa, isto é, que na conjuntura social atual, o declínio das referências simbólicas, manifestada pela ação violenta, implica um clamor pela lei e de que as torcidas organizadas de futebol vivenciam a lei de forma anômica. Contudo, deixamos como uma interrogação se de fato a violência vem em nome de uma intervenção. Em parte, esta não resposta é fruto do campo não ter suscitado dados relevantes que pudéssemos seguir alguma linha de interpretação neste sentido.

A lei, portanto, se mostra suspensa, pois não há mais um pai que indique as faltas. Onde está o pai da lei? Isto traz consequências para o sujeito se tomamos como referência que o processo de identificação do sujeito passa pelo Nome-do-pai (Lacan, 1955-56/2008a) que barra o gozo. Estamos diante de um pai permissivo?

Neste sentido o que fica comprometido, diante de uma lei que não se faz valer, é o sujeito do desejo que é perpassado pela lei. Se esta lei não se apresenta em seu vigor o sujeito lançado no desamparo busca, como pode, se amarrar no que aparecer, assim, os objetos ofertados pelo mercado se

transformam em saídas possíveis para o sujeito em seu mal estar. Mais uma vez a montagem discursiva capitalista se utiliza das fendas abertas deixadas pelo embaçamento da lei na atualidade que não dá mostra de sua força.

A psicanálise, que organiza seu discurso a partir de um referencial à lei, lei esta que rege a cultura, a linguagem, as relações humanas, tem como campo de pesquisa constante pensar sobre quais âncoras o sujeito tem se constituído na contemporaneidade e quais os efeitos no laço social. Um caminho para um enlaçamento perverso se estabelece, num contexto em que as escolhas subjetivas apresentam-se empobrecidas e os imperativos de gozo sobressaem-se, onde, conseqüentemente, a passagem ao ato se faz presente chegando a ser considerada um troféu. Isto nos permite a confirmação do segundo pressuposto da pesquisa que aborda a questão da falta de renúncia pulsional e a passagem ao ato como consequência. O outro passa a ser o objeto onde sacio meu gozo como se anuncia Sade.

Se o espaço para representação e construções simbólicas se mostra em declínio, a relação estabelecida com o outro pode ser de embate, mesmo que este seja um mero desconhecido. Neste contexto, deparar-se com o fracasso do outro, com a derrota do torcedor do time adversário, alimenta sua posição egóica. Esta postura centrada no eu acaba por dificultar uma relação de alteridade o que impede o reconhecimento, por parte do sujeito, de seus limites. Se há um empobrecimento simbólico, suas ações podem tomar destinos aleatórios, sem necessariamente um sentido para o sujeito e à revelia de um pacto social, corroborando assim o quarto pressuposto da pesquisa, ou seja, que um imperativo de gozo caracterizado por um excesso tem efeitos na relação com o próximo.

Percebemos então que a não eficácia da lei simbólica que rege o sujeito na sua condição de ser do discurso, enquanto lei constitutiva da subjetividade, traz efeitos sobre as leis sociais que regem as relações com os demais comprometendo a convivência em grupo.

Assim, o espaço das torcidas organizadas tem sido escolhido como locus de múltiplas manifestações que vão desde o espetáculo festivo até os corredores da morte, quando emboscadas são marcadas. Ao mesmo tempo em que o sangue é dado pra incentivar o time do coração, também pessoas pagam com sangue, ou seja, com a própria vida, por levar no peito a marca de sua torcida, mostrando-se assim a intolerância com a diferença.

Como espaço de multidões, de massa manobra, ao mesmo tempo em que se espera um controle, este já foi perdido pela direção que não tem mais as rédeas da situação. Será? Em qual sentido estas rédeas são perdidas? Até que ponto é satisfatório não tê-las? Cumpre interrogar: a violência neste espaço não viria como uma denúncia das distorções dos objetivos para os quais as torcidas foram criadas? A violência no interior das torcidas não reflete as diferenças sócio-econômicas presentes no seu contexto onde poucos “lucram” muito? Estas são algumas das inquietações e investigações que podem ainda ser aprofundadas como continuidade deste trabalho, em paralelo aos estudos sobre os laços construídos a partir de uma referência ao discurso do capitalista.

Para além das categorias teóricas definidas *a priori*, a pesquisa de campo se mostrou rica e possibilitou compreensões mais ampliadas do fenômeno em estudo onde foi possível iniciar uma reflexão sobre a temática organização que qualifica este composto conceitual: torcida organizada.

Várias facetas foram reveladas a partir desta nova categoria como, por exemplo, os papéis diferenciados que são demandados dos tipos específicos de torcedores, e, ainda, as múltiplas relações de forças e interesses que transitam neste lócus social, os quais parecem se resolver através da lógica hierárquica que lhes sustenta, sem que esta teia de relações seja de todo discernível para aqueles que atuam como “força bruta” para maximização de ganhos de diversas naturezas. Entendemos, então, que o processo de “empresarização” no seio das torcidas representa como este espaço se mostrou promissor economicamente para alguns que têm atuado sob a lógica capitalista da maximização de ganhos. Assim, neste contexto específico, de consumos de toda ordem, a “mais-valia marxista” e o “mais-gozar lacaniano” parecem estar amalgamados, guardadas as devidas diferenças.

Finalmente, sobre os sentidos construídos neste percurso, podemos entender que as torcidas organizadas figuram como um espaço de enlaçamento. Para alguns, um enlaçamento em nome do time; para outros, em nome da própria torcida organizada; para outros, em função de ser um lugar que possibilita um extravasar, por permitir a vivência de excessos; para outros, lugar de lazer e lugar de trabalho. Sob as contradições contidas nestes múltiplos enlaçamentos, o que se tem é um lugar de manifestação de violência e de um exercício irregular da lei. Sinteticamente, a respeito das torcidas organizadas, podemos afirmar: é lugar de encontros e desencontros, lugar de mal estar e da busca de sua eliminação, lugar de Eros e lugar da morte.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2002). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. (H. Burigo, Trad.). Belo Horizonte: UFMG.
- Agamben, G. (2004). *Estado de exceção* (Coleção Estado de Sítio). (I. Poleti Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Alberti, S. (2001). O discurso do capitalista e o mal estar na cultura In *Heteridade: revista de psicanálise*. Belo Horizonte, mai-out, v.1, n. 1, p. 131-142.
- Arendt, H. (1985). *Da violência*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Athayde, P. (2009, 29 de julho). No anonimato da multidão In *Carta Capital*, p. 54-55.
- Barreira, C. & Batista, E. (2007). Violência e conflito social In *Segurança, Violência e Direitos*, v. 1, p. 19.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca de segurança no mundo atual*. (Plínio Dentzien. Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. (C. A. Medeiros Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bays, G. (2009). O estado de exceção e a (bio)política moderna: a subjetividade reduzida a vida nua. In *Thaumazein: Revista on-line do curso de filosofia*, n.4, mar. Recuperado em 07 de agosto de 2009. <http://www.unifra.br/thaumazein/edicao4/Artigos/Deise%20Gabriela.pdf>.
- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carneiro, H. F. (2007). *Que Narciso é esse?: mal-estar e resto* [DVD-book]. Fortaleza: Autor.
- Carneiro, H., Lima, M. & Santos, M. B. (2007). O discurso da violência entre as torcidas organizadas In *I Congresso Sul-americano Violência, Culpa e Ato: causas e efeitos subjetivos*. Vol. 1. Universidade de Fortaleza, Brasil. Recuperado em 5 de maio de 2009. <http://www.unifor.br/>
- Carneiro, H. F. & Santos, M. B. (2008). A lei e a anomia nas torcidas organizadas de futebol. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60. 104-112.
- Carneiro, H. F. (2008a). Aula ministrada no dia 07 de novembro de 2008.

- Carneiro, H. F. (2008b) O sujeito nas armadilhas da tecnociência: desafios para o mal-estar da época In *Revista Polêmica*, v. 7, p. 16-31.
- Carneiro, H. F. (2009). Culpa y acto en la constitución y destitución del sujeto In *Culpa, responsabilidad y castigo en el discurso jurídico e psicoanalítico*, v. 3, p. 91-102. Buenos Aires: Letra Viva.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (2. ed.). (L. de O. da Rocha, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Dahrendorf, R. (1987). *A lei e a ordem*. Brasília: Instituto Tancredo Neves.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo* (E. Abreu Trad.). Rio de Janeiro : Contraponto.
- Diógenes, G. (2008). *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume.
- Dor, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Duarte, O. (1993), *Futebol: histórias e regras*. São Paulo: Makron Books.
- Durkheim, E. (1977). *O suicídio* (2. ed.). (L. Cary, M. Garrido e J. Vasconcelos Esteves Trad.). Portugal: Editorial Presença & Brasil: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1897)
- Estatuto de defesa do torcedor e legislação correlata: Lei n. 10.671*. (2003). Recuperado em 10 de maio de 2009. <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.671.htm>
- Fernandez, H. R. (maio de 1996). Um século à espera de regras. In *Revista Tempo Social*. 8(1). São Paulo: USP. 71-83.
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência In *Psicologia clínica*, [online]. v.18, nº 2, p. 49-62. Recuperado em setembro de 2007, <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652006000200005&lng=en&nrm=iso>.
- Foucault, M. (1997). *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Freud, S. (1980a). *Além do princípio do prazer*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1980b). *Mal-estar na civilização*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).

- Freud, S. (1980c). *Moisés e o monoteísmo*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1939).
- Freud, S. (1980d). *Os instintos e suas vicissitudes*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1980e). *O problema econômico do masoquismo*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1980f). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1980g). *Sobre as teorias sexuais das crianças*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol IX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908).
- Freud, S. (1980h). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1980i). *Totem e tabu*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1980j). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol 12). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M.W. & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gerez-Ambertín, M. (2003). *As vozes do supereu*. Caxias do Sul, RS: EDUCS.
- Gerez-Ambertín, M. (2008). *Entre deudas y culpas: crítica de la razón sacrificial*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Girola, L. (2005). *Anomia e individualismo: del diagnostico de la modernidad de Durkheim al pensamiento contemporáneo*. Mexico: Olañeta.
- Gonçalves, L. H. P. (2000) *O discurso do capitalista: uma montagem em curto-circuito*. São Paulo: Via Lettera.
- Kehl, M. R. (2002). *Sobre a ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- La Boétie, E. (1982). *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense.

- Lacan, J. (1998a). *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. (Escritos) (IV. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1957)
- Lacan, J. (1998b). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. (Escritos) (IV. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998c). *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*. (Escritos) (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1962).
- Lacan, J. (1998d). *Kant com Sade*. (Escritos) (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1962).
- Lacan, J. (1998e). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (O Seminário 11). (MD Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (1985a). *Mais, ainda*. (O Seminário 20). (M. D. Magno Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1972-73).
- Lacan, J. (1985b). *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (O Seminário 2). (M. C. L. Penot & A. L. Q. Andrade, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1954-55).
- Lacan, J. (1985c). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1986). *Os escritos técnicos de Freud*. (O Seminário 1). (B. Milan Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1953-54).
- Lacan, J. (1992). *O avesso da psicanálise*. (O Seminário 17). (A. Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1969-70).
- Lacan, J. (1995). *A relação de objeto*. (O Seminário 4). (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1997). *A ética em psicanálise* (O Seminário 7). (A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1959-60)
- Lacan, J. (2005). *A angústia*. (O Seminário 10). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1962-63).
- Lacan, J. (2008a). *As psicoses*. (O Seminário 3). (A. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1955-56).
- Lacan, J. (2008b). *De um Outro ao outro*. (O Seminário 16). (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1968-69).
- Lebrun, J-P. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Lebrun, J-P. (2008). *O futuro do ódio*. Porto Alegre: CMC.
- Lyotard, J-F. (2000). *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Maffesoli, M. (1987). *Dinâmica da Violência*. São Paulo: Vértice.
- Marin, I. S. K. (2002). *Violências*. São Paulo: Escuta
- Meireles, M. M. (2004). *Anomia: ruptura civilizatória e sofrimento psíquico* (Coleção Clínica Psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Minayo, C. de S. (1994) *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde* (3ed.). São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco.
- Motta, F. C. P. & Vasconcelos, I. F. G. (2005). *Teoria Geral da Administração*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Murad, M. (2007). *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV.
- Nasio, J.-D. (2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. (A. Telles Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pimenta, C. A. M. (1997). *Torcidas organizadas e futebol: violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté, SP : Vogal.
- Pimenta, C. A. M. (2000). Violência entre torcidas organizadas de futebol In *São Paulo em Perspectiva*, online. v.14, nº 2, p. 122-28. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200015&lng=en&nrm=iso>. Recuperado em 15 de abril de 2007.
- Quinet, A. (2006). *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Quinet, A. (s/d). A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade. In *Estados gerais da psicanálise* [online]. Recuperado em 9 de setembro de 2009, http://www.estadosgerais.org/historia/161-a_ciencia.shtml
- Rassial, J-J. (2000). *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Reis, H. B. (2006). *Futebol e violência*. Campinas, São Paulo: Fapesp.
- Rey, G.F.L. (2005). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios* (Marcel Aristides Ferrada Silva. Trad.) São Paulo: Pioneira.

- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica In *Revista Mal-estar e subjetividade*. Vol. IV, n 2, p. 329 – 348.
- Rosa, S. O. (2007). Fazer viver é deixar morrer. *Revista Aulas/Dossiê Foucault*: IFCH: Unicamp. v. 3. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/28.pdf>. Recuperado em: 20 de maio de 2009.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* (Vera Ribeiro Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santos, Tânia Coelho dos. (2001). A angústia e o sintoma na clínica psicanalítica In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, IV, 1, 106-124. Recuperado em 18 de abril de 2008. <http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/mar1/9.pdf>
- Santos, Tarcyanie Cajueiro. (2004). *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume.
- Silva Júnior., J. N. (2007). *Violência: sintoma contemporâneo?*. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, (tese digital). Recuperado em 16 de abril de 2009. <http://www.psicologia.ufrj.br/pospsi/teses.htm>.
- Souza, A. (2003). *Os discursos na psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Spink, M. J. P. & Medrado, B. (1999). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In Spink, M. J. P (org). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano* (2ed.). (pp. 41-61) São Paulo: Cortez.
- Toledo, L. H. (1996). *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Anpocs.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes.
- Valas, P. (2001). *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. (Lucy Magalhães. Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Valverde, R. R. H. F. (2004). Transformações no conceito de território: competição e mobilidade na cidade In *Espaço e tempo*. São Paulo, nº 15, p. 119-126.
- Vegh, I. (2005). *O próximo: enlaces e desenlaces do gozo*. (André Luis de Oliveira Lopes. Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Viana, E., Conceição, R., Pereira, R. & Ribeiro, V., (2003). *Impactos na segurança pública nas áreas que envolvem o estádio olímpico do Pará: Estudo de caso no Conjunto Panorama XXI*. (Monografia apresentada ao Curso de Formação de Oficiais PM/PA) Instituto de Ensino de Segurança do Pará, Brasil. Recuperado em 31 de março de 2007 em http://www.segurançacidade.org.br/biblioteca/monografias/pa_mono/mono_pa_impact_segpub_cfo.pdf.
- Violante, M. L. V. (2000). Pesquisa em Psicanálise. In Filho, R. A. P., Júnior, N. C., Rosa, M. D. (org) *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise..* São Paulo: Casa do Psicólogo & EDUC.
- Zizek, S. (2005). *Violencia en acto*. Buenos Aires: Paidós.

ANEXOS

Roteiro para a entrevista

Objetivo: Histórico do torcedor e o seu envolvimento com a torcida.

1. Como foi o início de seu envolvimento com a torcida organizada? (história)
2. Você sempre participou desta torcida? Motivo?
3. Quando começou? (temporalidade)
4. Quais os motivos que o levaram a filiar-se? (motivos)
5. Mudou de torcida?
6. Da época que você entrou na torcida para agora, houve mudanças? Quais?
7. A forma de a torcida torcer era diferente? Como?

Objetivo: Relação das torcidas com a lei

8. Como a sua torcida se organiza?
9. Pra você, é preciso que haja leis, regras dentro de uma torcida organizada? Explicar.
10. Se a resposta anterior for afirmativa, que leis são essas?
11. Elas são cumpridas?
12. O que acontece se elas não cumpridas?

Objetivo: Relação entre torcedores (formação do laço social)

13. Como você vê, analisa as relações entre as diferentes torcidas organizadas?
14. Se você pudesse mudar alguma coisa na forma como elas se relacionam o que você mudaria? Justificar.
15. Você já teve ou tem algum contato com torcedores de outras torcidas organizadas? De que forma?

Objetivo: O sentido da violência

16. O que você pensa da violência entre as torcidas?
17. Em sua opinião o que leva uma torcida agredir outra torcida?
18. Que medidas são adotadas para impedir algum tipo de ação violenta?
19. Em sua opinião, o que favorece para que a violência ocorra entre as torcidas?

Objetivo: Articulação entre lei e violência

20. Como você vê a ação da justiça em caso de violência nas torcidas organizadas?
21. Você tem conhecimento de alguma lei que se aplique nestas circunstâncias? Quais?
22. Se a resposta anterior for afirmativa, qual a sua análise (opinião) sobre o cumprimento da lei?



CARTA DE INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE

Meu nome é Márcia Batista dos Santos, sou aluna do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e estou realizando uma pesquisa sobre a relação das torcidas organizadas e a lei. Deste modo, venho solicitar sua colaboração para participar da pesquisa por meio de uma entrevista onde perguntarei sobre alguns aspectos que você considera importantes para a compreensão deste fenômeno.

Esclareço que:

- 1 – As informações coletadas nas entrevistas serão utilizadas para os objetivos da pesquisa, como a elaboração do trabalho final do mestrado, publicação de artigos, apresentação em encontros científicos;
- 2 – Que você tem a liberdade de desistir em participar da pesquisa a qualquer momento, sem que lhe seja exigido motivo ou explicação;
- 3 – Também esclareço que as informações ficarão em sigilo e que seu anonimato será preservado;
- 4 – Que as entrevistas serão gravadas para que seja preservado com fidedignidade o conteúdo trazido pelo (a) entrevistado (a).
- 5 – O local e horário escolhido para a realização das entrevistas será determinado a partir da priorização feita por parte do (a) entrevistado (a).
- 6 – Em nenhum momento você terá prejuízo financeiro ou de alguma ordem. Em caso de esclarecimento, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no seguinte telefone: (85) 9983.2474

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA/UNIFOR. Endereço- A, Washington Soares, 1321, CEP:60811-341 _ Fortaleza – CE ou coetica@unifor.br

Gostaria ainda de acrescentar que sua participação será de extrema importância para nosso trabalho.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu _____, portador (a) da cédula de identidade _____, após leitura minuciosa da CARTA DE INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE, devidamente explicada pela pesquisadora em mínimos detalhes, ciente dos procedimentos aos quais serei submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo este CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO concordando em participar da pesquisa. Fica claro que o participante e/ou representante legal pode a qualquer momento retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa e ciente de que todas as informações prestadas tornaram-se confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional do Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Desta forma, declaro que após os esclarecimentos dado pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza-Ce, _____ de _____ de 2009.

Assinatura do entrevistado (a) e ou responsável

Assinatura da Pesquisadora

DECLARAÇÃO

Declaro, para os fins licitos necessários, que realizei a correção de Português (pontuação, ortografia, concordância nominal, verbal e demais aspectos linguísticos), observando os elementos textuais da dissertação intitulada "Forças Organizadas de Futebol: um estudo sobre os impasses da lei em tempos de violência e anomia", de autoria Marcia Batista dos Santos, aluna do mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Passado e revisado o material, declaro estar em conformidade com a língua portuguesa padrão. Por ser verdade, firmo a presente.

Fortaleza (CE), 1ª de fevereiro de 2010.

Elisabete Sampaio Alencar Lima
Elisabete Sampaio Alencar Lima



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

PARECER N.º. 295/2009

Projeto de Pesquisa: A lei e a anomia em tempos de violência: um estudo sobre as torcidas organizadas de futebol.

Pesquisador Responsável: Márcia Batista dos Santos

Data de apresentação ao COÉTICA: 07/08/09

Registro no COÉTICA: 09-333

CAAE: 0117.0.037.000-09

Parecer: APROVADO na data de 28/08/09

Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba

Prof. Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA